

Monteiro Lobato

Contos Escolhidos

**Adoptado no Collegio Mackenzie
e em outros estabelecimentos de
ensino, para leitura secundaria**

1.^a Edição

EDITORA

**Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato
Praça da Sé, 34**

São Paulo

Contos Escolhidos

DO MESMO AUTOR

Cidades Mortas — contos e impressões.

Idéas de Jéca Tatú — critica.

Negrinha — contos.

Mundo da Lua — impressões.

Onda Verde — impressões.

Problema Vital — (esgotado).

A Menina do Narizinho Arrebitado — album colorido
para creanças.

Narizinho Arrebitado — leitura escolar.

O Sacy — phantasia infantil.

O Marquez de Rabicó — phantasia infantil.

Fabulas.

Monteiro Lobato

Contos Escolhidos

Adoptado no Collegio Mackenzie
e em outros estabelecimentos de
ensino, para leitura secundaria.

EDITORA
COMPANHIA GRAPHICO-EDITORA MONTEIRO LOBATO
SÃO PAULO

O ENGRAÇADO ARREPENDIDO

Francisco Teixeira de Souza Pontes, galho bastardo d'uns Souza Pontes de trinta mil arrobas, afazendados (1) no Barreiro, só aos trinta e dois annos de idade entrou a pensar sériamente na vida.

Como fosse de natural engraçado, vivera até alli á conta da veia comica, e com ella amanhã casa, mesa, vestuario e o mais. Sua moeda corrente eram micagens, pilherias, anedotas de inglez e tudo quanto bole com os musculos faciaes do animal que ri, vulgo homem, repuxando risos ou matracolejando gargalhadas.

Sabia de cór a *Encyclopedia do Riso e da Galhofa*, de Fuão Pechincha (2), a creatura mais dissaborida que Deus botou no mundo; mas era tal a arte do Pontes, que as semsaborias mais relamborias ganhavam em sua bocca um chiste raro e os ouvintes babavam de puro goso.

Para arremedar gente ou bicho, era um genio. A gamma inteira das vozes do cachorro, da acuação aos caitetés ao uivo á lua, e o mais, rosnado ou latido, assumia em sua bocca perfectibilidade capaz de illudir aos proprios cães — e á lua.

Tambem grunhia de porco, cacarejava de gallinha,

(1) Estabelecidos com fazenda.

(2) Antiga collectanea de anedotas, organizada por Pafuncio Semipulo Pechincha.

coaxava de untanha, ralhava de mulher velha, choramingava de fedelho ou perorava de patriota em sacada. Que vozeio de bipede ou quadrupede não copiava elle ás maravilhas, quando tinha pela frente um auditorio predisposto?

Descia outras vezes á prehistoria. Como fosse d'algumas luzes, reconstituia, quando os ouvintes não eram pecos, os vozeirões paleontologicos dos bichos extinctos — roncos de mastodontes (3), ou berros de estegosaurios (4) ao avistarem-se com “homos” pelludos, repimpados em fétos arboreos.

Na rua, se pilhava um magote de amigos parados á esquina, approximava-se de mansinho e — *nhoc!* — arremessava um bóte de munheca á barriga da perna mais a geito. Era de ver o pinote assustado e o — “passa!” — nervoso do incauto, e logo em seguida as risadas sem fim dos outros, e a do Pontes, que gargalhava d'um modo todo seu, estrepitoso e musical — musica d'Offenbach (5).

Pontes ria parodiando o riso normal e expontaneo da creatura humana, unica que ri além da raposa bebeda, e estacava de golpe, sem transição, cahindo num serio de irresistivel comico.

Em todos os gestos e modos, como no andar, no ler, no comer, nas acções mais triviaes da vida, o raio do homem differençava-se dos demais no sentido de amolecal-os prodigiosamente.

E chegou a ponto que escusava abrir a bocca ou

(3 e 4) Animaes prehistoricos.

(5) Musico allemão, creador da opereta comica.

esboçar um gesto para que se torcesse em risos a humanidade. Bastava sua presença. Mal o avistavam, já as caras refloriavam; se fazia um gesto, espirravam risos, espigaitavam-se uns, outros afrouxavam os côses, terceiros desabotoavam os colletes. Se entrabria o bico, nossa senhora! eram cascalhadas, eram rinchavelhos, eram guinchos, engasgos, fungações e asphyxias tremendas.

— E' da pelle, este Pontes!

— Basta, homem, você me afoga!

— Vá ter graça nos quintos!

E caso o pandego se innocentava, com cara palerma:

— Mas que estou fazendo? Se nem abri a bocca...

— *Quá, quá, quá!* — a companhia inteira, desmandibulada, chorava no espasmo supremo dos risos incoercíveis.

Com o decorrer do tempo não foi preciso mais do que seu nome para deflagrar a hilaridade. Pronunciando alguém a palavra "Pontes", accendia-se logo o estopim das fungadelas pelas quaes o homem se alteia acima da animalidade que não ri (6).

Assim viveu Pontes até á idade do Christo, numa parabola risonha, a rir e fazer rir, sem pensar em nada sério — vida de filante que dá mômos em troca de jantares e paga continhas miudas com pilherias de truz.

Um negociante caloteado disse-lhe um dia, entre frouxos de riso baboso:

(6) O homem foi denominado "o animal que ri".

— Você ao menos diverte, não é como o major Carapuça que caloteia de carranca.

Aquelle recibo sem sello mortificou um tanto ao nosso pandego; mas a conta subia a quinze mil réis — valia bem a pelotada. Entretanto, lá ficou a lembrança d'ella espetada como alfinete na almofadinha do amor proprio. Atrás desse vieram outros, e outros, estes fincados de leve, aquelles até á cabeça.

Tudo cança. Farto de tal vida, o hilarião entrou a sonhar as delicias de ser tomado a sério, falar e ser ouvido sem repuxo de musculos faciaes, gesticular sem promover a quebra da compostura humana, atravessar uma rua sem presentir na piugada um côro de — “Lá vem o Pontes!” em tom de quem se espreme na contenção do riso ou se ageita para barrigada das bôas.

Reagindo, tentou Pontes a seriedade.

Desastre.

Pontes sério mudava de tecla, cahia no humorismo inglez. Se antes divertira como o clown, divertia agora como o tony (7).

O estrondoso exito do que se afigurou a toda a gente uma faceta nova da sua veia comica, lançou mais sombras na alma do engraçado arrependido.

Era certo que se não poderia traçar outro caminho na vida, além d'aquelle, ora odioso? Palhaço, então, eternamente palhaço á força ?

Mas a vida de um homem feito tem exigencias si-sudas, impõe gravidade e até casmurrice dispensaveis

(7) O palhaço serio da comedia ingleza, que faz rir á custa do “humour”.

nos annos verdes. O cargo mais modesto da administração, uma simples vereança, requer na cara a immobilitade da idiotia que não ri. Não se concebe vereador risonho. Falta ao dito de Rabelais (8) uma exclusão: o riso é proprio á especie humana, fóra o vereador.

Com o dobar dos annos a reflexão amadureceu, o brio crystallizou-se, e os jantares cavados acabaram por saber-lhe a azedo. A moeda pilheria tornou-se-lhe dura ao cunho; já a não fundia com a frescura antiga; já usava d'ella como expediente de vida, não por folgança despreocupada como outróra. Comparava-se mentalmente a um palhaço de circo, velho e achacoso, a quem a miseria obriga a transformar rheumatismo em caretas hilares, como as quer o publico pagante.

Deu de fugir dos homens, e gastou bons mezes no estudo da transição necessaria ao conseguimento de emprego honesto. Pensou no commercio, na industria, na feitoria (9) d'uma fazenda, na montagem d'um botequim — que tudo era preferivel á paspalhice comica de até então.

Um dia, bem maturados os planos, resolveu mudar de vida. Foi a certo negociante amigo e sinceramente lhe expoz os propositos regeneradores, pedindo, por fim, um lugar na casa, de varredor que fosse. Mal acabou a exposição, o gallego, e a caixeirada em peso que espiava de longe á espera do desfecho, torceram-se em estrondoso gargalhar, como sob cocegas.

— Esta é boa ! E' de primeirissima ! *Quá! quá! quá!* Com que então... *quá! quá! quá!* Você me arruina os

(8) "Le rire est le propre de l'homme" -- Rabelais.

(9) Cargo de feitor.

figados, homem! Se é pela continha dos cigarros, vá socegado, que me dou por pago! Este Pontes tem cada uma...

E a caixeirada, os freguezes, os “sapos” de balcão e até passantes que pararam na calçada para “aproveitar” o “espírito”, desbocaram-se em *quás* de matraca até lhes doerem os diaphragmas.

O miserando, atarantado e sériíssimo, tentou desfazer o equívoco:

— Falo sério, e o senhor não tem o direito de rir-se. Pelo amor de Deus não zombe de um infeliz que pede trabalho e não gargalhadas.

O negociante desabotou o cós da calça.

— Fala sério, *pff!* *Quá! quá! quá!* Olhe, Pontes, você...

Pontes largou-o em meio da phrase, e se foi com a alma atenezada entre o desespero e a colera.

Era demais. A sociedade o repellia, então? Impunha-lhe uma comicidade eterna?

Correu outros balcões, explicou-se como melhor poudo, implorou. Mas o caso foi julgado, por voz unanime, como uma das melhores pilherias do “incorregivel”, e muita gente o commentou com a observação do costume:

— E’ sempre o mesmo! Não se emenda, o raio do rapaz! E olhem que já não é creança...

Barrado ⁽¹⁰⁾ no commercio, voltou-se para a lavoura. Procurou um velho fazendeiro que despedira o feitor e expoz-lhe o seu caso.

(10) Impedido de penetrar.

O coronel, depois de ouvir-lhe attentamente as allegações, conclusas pelo pedido de um lugar de capataz, explodiu num ataque de hilaridade:

— O Pontes capataz! *Ih! Ih! Ih!*

— Mas...

— Deixe-me rir, homem, que cá na roça isto é raro. *Ih! Ih! Ih.* E' muito bôa! Eu sempre digo: graça como o Pontes, ninguem!

E, berrando para dentro:

— Maricota, venha ouvir esta do Pontes! *Ih! Ih! Ih!*

Nesse dia o infeliz engraçado chorou. Compreendeu que não se desfaz do pé para a mão o que levou annos a crystallizar-se. A sua reputação de pandego, de impagavel, de monumental, de homem do chifre furado ou da pelle, estava construida com muito boa cal e rijo cimento para que assim esboroasse de chofre.

Urgia, entretanto, mudar de vida, e Pontes volveu as vistas para o Estado, patrão commodo e unico possivel no caso, porque, abstracto, não sabe rir, nem conhece de perto as cellulas que o compõem. Esse patrão, só elle, o tomaria a sério — o caminho da salvação, pois, embicava por alli.

Estudou a possibilidade da agencia do correio, dos tabellionatos, das collectorias e do resto. Bem ponderados prós e contras, trunfos e naipes, fixou a escolha na collectoria federal, cujo occupante, major Bentes, por avelhantado e cardíaco, era de crer não durasse muito. Seu aneurisma andava na bérria ⁽¹¹⁾ publica, com rebenramento esperado para qualquer hora.

(11) Commentado pelo povo

O az ⁽¹²⁾ de Pontes era um parente do Rio, sujeito ricoço, em via de influenciar a politica no caso de realisar-se tal reviravolta no governo. Lá correu atrás d'elle e tantas fez para movel-o á sua pretensão que o parente o despediu com promessa formal.

— Vae socegado, que em a coisa arrebrandando por cá, e o teu collecter rebrandando por lá, ninguem mais ha de rir-se de ti. Vae, e avisa-me da morte do homem sem esperares que esfrie o corpo.

Pontes voltou, radioso de esperanza e aguardou pacientemente a successão dos factos, com um olho na politica e outro no aneurisma salvador.

A crise veio, afinal; cahiram ministros, subiram outros e entre estes um politico negociista, socio do tal parente. Meio caminho estava andado. Restava apenas a segunda parte.

Infelizmente, a saude do major encruara ⁽¹³⁾, sem signaes patentes de declinio rapido. Seu aneurisma era, na opinião dos medicos que matavam pela allopathia, coisa grave, de estourar ao menor esforço; mas o precavido velho não tinha pressa de ir-se para melhor, deixando uma vida onde os fados lhe conchegaram tão fôfo ninho, e lá engambelava a doença com um regimen ultra methodico. Se o mataria um esforço violento socegassem, não faria tal esforço.

Ora, Pontes, já meio dono d'aquella sinecura, impacientava-se com o equilibrio desequilibrador dos seus calculos. Como desembaraçar o caminho d'aquella tra-

(12) Protector, politico influente.

(13) Estabilizara-se.

vanca? Leu no Chernoviz (14) o capitulo dos aneurismas, decorou-o; andou em indagações de tudo quanto se dizia ou se escreveu a respeito; chegou a entender da materia mais que o doutor Iodureto, medico da terra, o qual, seja dito aqui á puridade, não entendia de coisa nenhuma d'esta vida.

O pomo da sciencia, assim comido, induziu-o á tentação de matar o homem, forçando-o a estourar. Um esforço o mataria? Pois bem, Souza Pontes o levaria a esse esforço.

— A gargalhada é um esforço, philosophava satanicamente de si para si. A gargalhada, portanto, mata. Ora, eu sei fazer rir...

Longos dias passou, alheio ao mundo, em dialogo mental com a serpente (15).

— Crime? Não! Em que codigo fazer rir é crime? Se morresse d'isso o homem, culpa era da sua má aorta.

A cabeça do maroto virou picadeiro de lucta, onde o “plano” se bateu em duello contra todas as objecções mandadas ao encontro pela consciencia. Servia de juiz da contenda a sua ambição amarga, e sabe Deus quantas vezes tal juiz prevaricou, levado de escandalosa parcialidade por um dos contendores...

Como era de prever, venceu a serpente, e Pontes resurgiu para o mundo, um tanto mais magro, de olheiras cavadas, porém com um brilho estranho de resolução victoriosa nos olhos. Tambem notaria nelle o nervoso dos modos quem o observasse com argucia — mas a

(14) Tratado popular de medicina.

(15) A Tentação.

argucia não era virtude sobeja entre os seus conterraneos, além de que estados d'alma do Pontes eram coisa de somenos, porque o Pontes...

— Ora o Pontes!...

O futuro funcionario forgicou, então,meticulosos planos de campanha. Em primeiro era mistér approximar-se do major, homem recolhido comsigo e pouco amigo de lérias; insinuar-se-lhe na intimidade; estudar suas venetas e cachacinhas ⁽¹⁶⁾ até descobrir em que zona do corpo trazia elle o calcanhar d'Achilles ⁽¹⁷⁾.

Começou frequentando com assiduidade a collectoria, sob pretextos varios, ora para sellos, ora para informações sobre impostos, que tudo era ensejo de um parolar manhoso, habilissimo, calculado para combalir a rispidez do velho.

Tambem ia a negocios alheios, pagar sizas, extrahir guias, coisinhas, fazendo-se serviçal dos amigos que traziam negocios com o fisco.

O major estranhava tanta assiduidade, e disse-lh'o; mas Pontes escamoteou-se á interpellação montado numa pilheria de truz e perseverou num bem calculado dar tempo ao tempo que fosse desbastando as arestas aggressivas do cardiaco.

Dentro de dous mezes já se habituára Bentes áquelle serlepe, como lhe chamava, o qual, em fim de contas, parecia um bom moço, sincero, amigo de servir e, sobretudo, inoffensivo...

D'ahi a lá em dia d'accumulo de serviço pedir-lhe

(16) Manias.

(17) Ponto vulneravel.

um obsequio, e depois outro, e terceiro, e tel-o afinal como especie de addido á repartição, foi um passo.

Para certas commissões não havia outro. Que diligencia! Que finura! Que tacto!

O major, ralhando uma vez o escrevente, puxou aquella diplomacia como lembrete.

— Grande pasmado! Aprende com o Pontes, que tem geito para tudo e inda por cima tem graça.

Nesse dia convidou-o para jantar.

Grande exultação na alma do pirata! A fortaleza abria-lhe as portas, finalmente.

Aquelle jantar foi o inicio d'uma série onde o serelepe, agora "factotum" indispensavel, teve campo de primeira ordem para suas evoluções taticas.

O major Bentes, entretanto, possuia uma invulnerabilidade: não ria, limitava suas expansões hilares a sorrisos ironicos. Pilheria que levava outros commensaes a se erguerem da mesa atabafando a bocca nos guardanapos, encrespava apenas os seus labios. E se não era a graça de superfina agudeza, o collecter mo-fino desmontava sem piedade o contador.

— Isso é velho, Pontes, já num almanaque Laemert de 1850 me lembra de o ter lido.

Pontes sorria, com ar vencido; mas consolava-se dizendo lá por dentro, dos figados para o rim, que se não pegára d'aquella, d'outra pegaria.

Toda a sua sagacidade enfocava no fito (18) de descobrir o fracó do major. Cada homem tem predilec-

(18) Concentrava-se no objectivo.

ção por um certo genero de humorismo ou chalaça. Este morre pela pilheria fescenina. Aquelle pélla-se pelo chiste bonacheirão da chacota germanica. Aquell'outro dá a vida pela pimenta da canalhice gauleza. O brasileiro adoro a chalaça onde se põe a nú a burrice tamancuda de gallegos e ilhéos.

Mas o major? Porque não ria á ingleza, nem á allemã, nem á franceza, nem á brasileira? Qual o seu genero?

Um trabalho systematico de observação e a methodica exclusão de generos já provados inefficientes, levaram Pontes a descobrir a fraqueza do rijo adversario: o major lambia as unhas por historias de inglezes.

Em surgindo *bifes* vermelhos, de capacete de cortiça, roupa enxadrezada, sapatões formidolosos e cachimbo, lá abria o major a bocca, e interrompia o serviço da mastigação, como creança a quem acenam com cocada. E quando o lance comico chegava, elle ria com gosto, abertamente, embora sem exaggero capaz de lhe transtornar o equilibrio sanguineo.

Pontes, com infinita paciencia, bancou nesse genero e não mais sahiu d'alli. Augmentou o repertorio, a gradação do sal, a dóse de malicia, e bombardeou systematicamente a aorta do major com os productos da sua habil manipulação.

Quando o caso era longo, porque o narrador o florejava no intento de esconder o desfecho e realçar o effeito, o velho interessava-se vivamente, e nas pausas manhosas pedia esclarecimento ou continuação:

— “E o raio do *beefstek?*” (19) — “E dahi?” —
“Mister John apitou?”

Embora tardasse a gargalhada fatal, o futuro collector não desesperava, confiando no apologo da bilha que de tanto ir á fonte lá ficou.

Não era máo o calculo. Tinha a psychologia por si, e teve tambem por si a quaresma.

Certa vez, findo o carnaval, o major reuniu os amigos em torno de enorme piabanha recheiada, presente d’um colléga.

O entrudo desmazorrára (20) a alma dos commensaes, e a do amphytrião, que estava naquelle dia contente de si e do mundo, como se houvera enxergado o passarinho verde.

O cheiro vindo da cozinha, valendo por todos os apperitivos de garrafaria, punha nas caras um enternecimento estomacal. Quando o peixe entrou, scintillaram os olhos do major. Pescado fino era com elle, inda mais cozido pela Gertrudes. E naquelle brodio primára a Gertrudes num tempero que excedia as raias da culinaria e se guindava ao mais puro lyrismo. Que peixe! Vattel (21) o assignaria com a penna da impotencia molhada na tinta da inveja, disse o escrevente, sujeito lido em Brillat-Savarin (22) e outros praxistas do paladar.

Entre goles de rica vinhaça começou a piabanha a ser introduzida nos estomagos, com religiosa unção,

(19) Bife. Chamamos no Brasil, aos inglezes, “bifes”, pela côr vermelha da pelle.

(20) Desannueara.

(21) Celebre cozinheiro de Luiz XIV.

(22) Autor de uma obra classica sobre a physiologia do paladar.

sem que ninguem se atrevesse a quebrar o silencio da bromatologica beatitude.

Pontes presentiu opportuno o momento da cartada. Trazia engatilhado um caso de inglez, anecdota que elaborara á custa da melhor materia cinzenta do seu cerebro, aperfeiçoando-a constantemente em longas noites de insomnia. Já de dias a tinha de tocaia, aguardando o momento em que tudo concorresse para obter d'ella o effeito maximo.

Era a derradeira esperanza do facinora, seu ultimo cartucho. Negasse fogo e, estava resolvido, mettia duas balas nos miolos. Reconhecia impossivel manipular-se torpedo mais engenhoso. Se o aneurisma lhe resiste ao embate, então é que o aneurisma era uma potóca, a aorta uma ficção, o Chernoviz um palavrório, a medicina uma miseria, o doutor Iodureto uma cavalgada e elle, Pontes, o mais chapado semsaborão jámais aquecido pelo sol — indigno, portanto, de viver.

Matutava o Pontes assim, negaceando com os olhos da psychologia a pobre victima, quando o major veio ao seu encontro, e lhe piscou o olho esquerdo.

— E' agora! pensou o bandido; e com infinita naturalidade, pegando numa garrafinha de molho, como por acaso, poz-se a ler o rotulo.

— *Perrins. Lea and Perrins* (23). Será parente d'aquelle lord Perrins que bigodeou os dois francezes?

Inebriado pelos amavios do peixe, o major alumiu um olho guloso de chulice.

(23) Firma commercial de um fabricante de "molho inglez."

— Conta lá, serelepe.

E mastigando machinalmente absorveu-se no caso fatal.

A anedota correu capciosa até ás proximidades do desfecho, narrada com arte de mestre, segura e firme, num andamento estrategico onde havia genio. Por essas immediações a maranha empolgou de tal fórma o pobre velho que o poz suspenso, de bocca entre-aberta, uma azeitona fisgada no garfo detida a meio caminho. Um ar de riso — riso parado, riso estopim que não é senão o armar bote da gargalhada, illuminava-lhe as faces.

Pontes vacillou. Presentiu o estouro da arteria. A consciencia brecou-lhe a lingua por uns instantes, mas Pontes deu-lhe um pontapé e com voz firme desfechou o gatilho.

O major Antonio Pereira da Silva Bentes desferiu a primeira gargalhada da sua vida, franca, estrondosa, de ouvir-se ao fim da rua, gargalhada igual á de Teufelsdröckh (24) deante de João Paulo Richter. Primeira e ultima, entretanto, porque em meio d'ella os convivas, attonitos, viram-no cahir de bôrco sobre o prato, ao tempo que uma onda de sangue avermelhava a toalha.

O assassino ergueu-se, allucinado, e aproveitando a confusão esgueirou-se para a rua, qual outro Cain. Escondeu-se em casa, trancou-se no quarto, bateu dentes a noite inteira, suou gelado. Os menores rumores retransmiam-no de pavor: policia?

Semanas depois é que entrou a declinar aquelle transtorno d'alma que toda a gente levou á conta de dôr

(24) Personagem de Carlyle que só deu uma gargalhada na vida, mas tão formidavel que chegou até a este livro.

pela morte do amigo. Não obstante, trazia sempre diante dos olhos a mesma visão: o velho, de braços no prato, golfando sangue, emquanto no ar, inda vibrantes, os echos de sua derradeira gargalhada.

E foi nesse deploravel estado que recebeu a carta do parente do Rio. Entre outras cousas dizia o az: “Como não me avisaste a tempo, conforme o combinado, só pelas folhas vim a saber da morte do Bentes. Fui ao ministro mas era tarde, já estava lavrada a nomeação do successor. A tua leviandade fez-te perder a melhor occasião da vida. Guarda para teu governo este latim: “tarde venientibus ossa” (25), e sê mais esperto para o futuro”.

Um mez depois encontraram-no pendurado d’uma trave, com a lingua de fóra, rigido.

Enforcara-se numa perna de ceroula.

Quando a noticia deu volta á cidade, toda a gente achou graça no caso. O gallego do armazem commentou para os caixeiros:

— Vejam que creatura! Até morrendo fez chalaça! Enforcar-se na ceroula! Esta só mesmo do Pontes!...

E reeditaram em côro meia duzia de *quás* — unico epitaphio que lhe deu a sociedade...

(25) Aos que chegam tarde, os ossos.

A COLCHA DE RETALHOS

— Upa !

Cavalgo e parto.

Por estes dias de Março acorda tarde a natureza. Passa as manhãs embrulhada num roupão de neblinas e é com espreguiçamentos de mulher vadia que despe os véos da cerração para o banho luminoso do sol.

A nevoa esmaia o relevo da paizagem, desbota-lhe as côres. Tudo parece coado através d'um crystal despolido.

Vejo a orla de capim tufada como debrum pelo fio dos barrancos; vejo o roxo-terra da estrada descorar passos adiante; e nada mais vejo senão, a espaços, o vulto gottejante d'alguns angicos marginaes.

Agora, uma porteira.

Aqui, a encruzilhada do Labrego.

Tomo á destra, em direitura ao sitio do José Alvorada.

Este freguez mora-me a geito de empreitar um roçado no capoeirão do Bitú, nata de terra que pelas boccas do caheté legitimo (1), da unha-de-vacca (2) e da caquéra (3) está a pedir foice e cóvas de milho.

Não é difficil a puxada: com cincoenta braças de carreador (4) bóto a roça no caminho.

(1, 2 e 3) Padrões de terra bóa.

(4) Trilho de tropa improvisado nas roças, para facilitar o transporte do cereal até ás estradas.

Tres alqueires, só no bom. Talvez quatro. A noventa por um — nove vezes quatro trinta e seis: trezentos e sessenta alqueires de oito mãos. Descontadas as bandeiras (5) que o porco estraga e o que comem a paca e o rato...

Será a filha do Alvorada?

— Bom dia, menina! O pai está em casa?

E' a filha unica. Pelo geito não vae além de quatorze annos. Que frescura! Lembra os pés d'avenca viçados nas grotas noruegas (6). Mas arredia e itê (7) como a fruta do gravatá. Olhem como se acanhou! D'olhos baixos, finge arrumar a rodilha. Veio pegar agua a este cor'go e é milagre não se haver esgueirado por detrás d'aquella moita de taquarys, ao ver-me.

— O pai está lá? insisti.

Respondeu um "está" enleado, sem erguer os olhos da rodilha.

Como a vida do matto asselvaja estas veadinhas! Note-se que os Alvoradas não são caipiras. O velho, quando comprou a situação dos Periquitos, vinha da cidade; lembro-me até que entrava em sua casa um jornal.

Mas a vida lhes correu dura na lucta contra terras ensapezadas e seccas, que encurtam as safras por mais que dê de si o homem. Foram-se rareando as idas á cidade e, ao cabo, de todo se supprimiram. Depois que lhes nasceu a menina, rebento floral em annos outo-

(5) Bandeira de milho, diz-se de qualquer trecho do milharal.

(6) Grotta fria, onde nunca bate o sol.

(7) Sabor agreste, adstringente, acido.

niços, e que a geada queimou o café novo — uma tamina (8), tres mil pés — o velho, amuado, nunca mais espichou perna fóra do sitio.

Se o marido deu assim em urumbeva (9), a mulher, essa enraizou de peão (10) para o resto da vida. Costumava dizer: mulher na roça vae á villa tres vezes — umá a baptisar, outra a casar, terceira a enterrar.

Com taes casmurrices na cabeça dos velhos, era natural que a pobrezinha da Pingo d'Agua (tinha esse appellido a Maria das Dores) se tolhesse na desenvoltura ao extremo de ganhar medo á gente. Fôra uma vez á villa, com vinte dias, a baptisar, e já lá ia nos quatorze annos sem nunca mais ter-se arredado d'alli.

Ler? Escrever? Patacoadas, falta de serviço, dizia a mãe. Que lhe valeu a ella ler e escrever que nem uma professora, se des'que casou nunca mais teve geito de abrir um livro? Na roça, como na roça.

Deixei a menina ás voltas com a rodilha e embrenhei-me por um atalho conducente á morada.

Que ruinaria !...

Da casa antiga aluira uma ala, e o restante, além da cumieira sellada, tinha o oitão fóra do prumo.

O velho pomar, roido de formiga, succumbira de inanição; na ansia de sobreviver, tres ou quatro laranjeiras macilentas, furadas de bróca, sopesando o polvo retrançado da herva de passarinho, abrolhavam ainda

(8) Ninharia, coisa de nada.

(9) Cacto solitario, ouriçado de espinhos. Por analogia, homem mettido comsigo, arredio.

(10) Enraizar de peão, diz-se da arvore que emite uma longa raiz vertical, chamada peão.

rebentos cheios de compridos estyletes. Fóra disso, mamoeiros, a silvestre goiaba e araçás, promiscuamente com o matto invasor que só respeitava o terreirinho batido, fronteiroço á casa. Tapéra, quasi, e, enluradas nella, o que é mais triste, almas humanas em tapera.

Bati as palmas.

— O' da casa !

Appareceu a mulher.

— Está sêo Zé?

— Inda agorinha sahiu, mas não demora. Foi queimar um mel na massaranduva do pasto. Apeie e entre.

Amarrei o cavallo a um moirão de cerca e entrei.

Acabadinha, a Sinh'Anna. Toda rugas na cara — e uma côr... Estranhei-lh'a.

— Doença, gemeu. Estou no fim. Estomago, figado, uma dôr aqui no peito que responde na cacunda ⁽¹¹⁾... Casa velha é o que é.

— Scisma sua, disse-lhe, para consolo; scisma só.

— Eu é que sei! retrucou ella, suspirando.

Entrementes, surgiu da cozinha uma velhota bem apessoada, no cerne, rija e têsá, que me saudou, e:

— Está espantado do geito de Nhanna? Esta gente de agora não presta para nada... Olhe: eu com setenta no lombo não me troco por ella. Criei a minha neta, inda lavo, cozinho e coso. Admira-se? Coso, sim!...

— Mecê é gabola porque nunca padeceu doença —

(11) Costas.

nem dôr de dente!... Mas eu? Pobre de mim! Só admiro de ainda estar fóra da cova... Ah! vem o Zé.

Chegava o Alvorada. Ao ver-me, abriu a cara (12).

— Ora viva quem se lembra dos pobres! Não pego na sua mão porque estou assim... E' só melado. Bonito, hein? Estava difficil, num ôco muito alto e sem geito. Mas sempre tirei. Não é jity (13), não! E' mel de páo.

Depôz num mocho a cuia dos favos e se foi á janella a lavar as mãos sob a caneca d'agua que a mulher despejava. Poz os olhos no meu cavallo:

— Hoje veio no picaço... Bom bicho! Eu sempre digo: animaes, aqui no redor, são este picaço e a ruana do Izé de Lima. O mais, eguada de moenda.

Neste momento, entrou a menina, de póte á cabeça. Ao vel-a o pae apontou para a cuia de mel.

— Está ahi, filha, o doce da aposta. Perdi, paguei. Que aposta? Ah! ah! ah! Brincadeira. A gente cá na roça, quando não tem serviço, com qualquer coisa se diverte. Vinha passando um bando de maritacas (14), Eu disse atôa: são mais de dez! Pingo negou: não chega lá! Apostamos. Eram nove e ella ganhou o doce. Doce da roça mel é. Esta sonsinha só vendo, não é o que parece, não!

A loquacidade do Alvorada não desmedrara com o atrazo da vida. Em se lhe dando corda, resurgia nelle o tagarella da cidade.

(12) Sorriu-se.

(13) Abelhinha silvestre.

(14) Baitacas, passaro verde.

Expuz-lhe o meu negocio. O homem enrugou a testa e reflectiu um bocadão, de queixo preso (15). Depois:

— Eu hoje, franqueza, não valho mais nada. Des'que cahi d'aquella amaldiçoada ponte do Labrego, fiquei assim como quebrado por dentro. Não escóro serviço, e para lidar com camaradas no eito não basta ter bocca. Sem puxar a enxada de par com elles, a coisa não vae, não! Lembra-se da empreitada do anno retrazado? Pois sahi perdendo dinheiro. O tranca (16) do João Mina me quebrou um machado e me furtou uma foice. Com esses prejuizos não livreí o jornal (17).

Desde então fiz cruz em serviço alheio. Se inda teimo neste sapezeiro é por via da menina; senão, largava tudo e ia viver no matto, como bicho. E' Pingo que inda me dá um pouco de coragem... concluiu com ternura.

A velhinha sentára-se á luz da janella e, abrindo uma caixeta, puzera-se a coser, de oculos no nariz.

Approximei-me, admirativo.

— Sim, senhora! Com setenta annos!

Sorriu-se, lisonjeada.

— E' para ver. E isto aqui tem coisa! E' uma colcha de retalhos que venho cosendo ha quatorze annos, des'que Pingo nasceu. Dos vestidinhos d'ella, vou guardando nesta caixa cada retalho que sobeja e um dia os coso. Veja que galantaria de serviço!...

(15) Segurando o queixo, attitude de quem reflecte.

(16) Patife, velhaco.

(17) Salario diario.

Estendeu-me ante os olhos um panno variegado, de quadradinhos maiores e menores, todos de chita, cada qual de um padrão.

— Esta colcha é o meu presente de noivado. O ultimo retalho ha de ser o do vestido de casamento, não é Pingo?

Pingo d'Agua não respondeu. Mettida na cozinha, percebia-a a espiar-nos pela fresta da porta.

Mais dois dedos de prosa, um cafézinho ralo — escolha ⁽¹⁸⁾ com rapadura — e,

— Está bem, rematei, levantando-me do mocho de tres pernas. Como não póde ser, paciencia. Apesar d'isso, acho que deve pensar um bocado. Olhe que este anno se estão pagando os roçados a oitenta mil réis o alqueire. Dá para ganhar, não?

— Que dá, eu sei que dá — mas tambem sei para quem dá. Um perrengue ⁽¹⁹⁾ como eu não pensa mais nisso, não. Quando era gente, muitos peguei a sessenta, e não me arrependi. Mas hoje...

— Nesse caso...

Transcorreram dois annos sem que eu tornasse aos Periquitos. Nesse intervallo dona Anna falleceu. Fôra fatal a dôr que respondia na cacunda... E me não mais aflorava á memoria a imagem d'aquelles humildes uru-

(18) Café de inferior qualidade.

(19) Homem doentio.

pês ⁽²⁰⁾ quando chegou aos meus ouvidos o zum-zum corrente no bairro, uma coisa apenas crível: o filho de um sitiante visinho, rapaz de todo pancada ⁽²¹⁾, furtára Pingo d'Agua aos Periquitos.

— Como isso? Uma menina tão acanhada!...

— Desconfiem das sonsas...

O incidente ficou a azoinar-me o bestunto. A' noite perdi o somno, revivendo scenas da ultima visita ao sitio, e d'isso brotou a idéa de lá tornar. Para? Confesso: méra curiosidade, para ouvir os commentarios da triste velhinha. Que golpe! D'esta feita ia-se-lhe a rijeza de cerne.

Fui.

Setembro entumecia gommos seivosos em cada arbusto. Nenhuma neblina. A paizagem desenhava-se nitida até aos cabeços dos morros distantes.

Por amor á symetria, montava eu o mesmo picarso. Transpuz a mesma porteira. Atalhei pelo mesmo trilho.

No corrego vi, com os olhos da imaginação, o vulto da menina envergonhada, com o pote descанçado na lage e toda ás voltas com a rodilha. Mais uns passos e a tapera antolhou-se-me, deserta. As tres arvores do pomar extincto eram já galhaça resecca e poenta. Só os mamoeiros subsistiam, mais crescidos, sempre apinhados de fructos. O resto peorára, descambando para o lugubre. Ruirá o oitão e o terreirinho pintalgára-se de moitas de guanxuma, cordão de frade e jóas.

(20) Cogumelos, orelha de páo ou, por analogia, creaturas que vivem no ermo.

(21) Amalucado.

— O' de casa!

Silencio. Tres vezes repeti o appello. Por fim, surgiu dos fundos uma sombra, acurvada e tremula.

— Bom dia, nhá Joaquina. Está sêo Zé?

Não me reconheceu a velhinha. O Zé fôra á villa, vender a sitióca para mudar de terra.

Fez-me entrar, logo que me dei a conhecer, pedindo escusas da má vista.

Entrei para a saleta vazia.

— Tem coragem de estar aqui sózinha?

— Eu? Sózinha estou em toda a parte... Morreu-me tudo, a filha, a neta... Sente-se, disse, apontando para o mocho de dois annos atrás.

Sentei-me, com um nó na garganta. Não sabia o que dizer. Por fim:

— O que é a vida, nhá Joaquina! Parece que foi hontem que estive aqui. Apesar das doenças, iam vivendo felizes. Hoje...

A velha limpou no canhão da manga uma lagrima.

— Viver setenta e dois annos para acabar assim!... Felizmente a morte não tarda. Já a sinto cá dentro...

Confragia-se-me o coração naquelle ermo onde tudo era passado — a terra, as laranjeiras, a casa, as vidas, salvo, tremulo espectro sobrevivente como a alma da tapera, a triste velhinha encanecida, cujos olhos poucas lagrimas estillavam, tanto chorára.

— Que mais agora? murmurou, pausadamente, em voz de quem já não é d'este mundo. Até á "desgraça", eu não queria morrer. Velha e inutil, inda gostava da vida. Morreu-me a filha, mas restava a neta que é duas

vezes filha e era o meu consolo. Desencaminharam a pobrezinha... Agora, quê mais? Só peço a Deus que me tire, logo e logo...

Relanceei um olhar pela sala vazia. A caixeta de costura inda estava sobre a arca, no lugar de sempre. Meus olhos pousaram nella, marasmados.

A velha adivinhou-me o pensamento e, erguendo-se, tomou a caixa nas mãos tremulas.

Abriu-a. Tirou de dentro a colcha inacabada, contemplou-a longamente. Depois, com tremuras na voz, disse:

— Dezeseis annos, e não pude acabar a colcha... Ninguém imagina o que é para mim esta prenda. Cada retalho tem sua historia e me lembra um vestidinho de Pingo d'Agua. Aqui leio a vidinha d'ella des'que nasceu.

— Este, olhe, foi da primeira camiseta que vestiu... Tão galantinha! Estou a vel-a no meu braço, tentando pegar os oculos com a mãozinha gorda...

Este azul, de listras, lembra um vestido que lhe deu a madrinha, aos tres annos. Ella já andava pela casa inteira, armando reinações, perseguindo o Romão, que um dia, por signal, lhe metteu as unhas no rostinho. Chamava-me "óó aquina"...

Este vermelho, de rosinhas, foi quando completou os cinco annos. Estava com elle por occasião do tombo na pedra do corrego, d'onde lhe veio aquella marquilha no queixo, não reparou?

Este cá, de xadrezinho, foi pelos sete annos, e eu mesma o fiz, e o fiz de sáia comprida e paletó de quartinho. Ficou tão engraçada, feita uma mulherzinha!

Pingo d'Agua já sabia temperar um virado, quando usou este aqui, de argollinhas roxas em fundo branco. Digo isto porque foi com elle que entornou uma pannela e queimou as mãos.

Este roxo, usou-o quando tinha dez annos e cahio de sarampo, muito malzinha. Os dias e as noites que passei ao pé d'ella, a contar historias! Como gostava da Gata Borralleira!...

A velha enxugou na colcha uma lagrima, e calou-se.

— E este? perguntei apontando um retalho amarello, para avival-a.

Pausou um bocado a triste avó, em contemplação. Depois:

— Este é novo. Já tinha quinze annos quando o vestiu, pela primeira vez, num mutirão ⁽²²⁾ do Labrego. Não gosto d'elle. Parece-me que a desgraça começa aqui. Ficou um vestido muito assentadinho no corpo. e galante, mas, pelas minhas contas, foi o culpado do Labreguinho engraçar-se da coitada. Hoje sei d'isso. Naquelle tempo de nada suspeitava...

— Este aqui, disse-lhe eu, fingindo recordar-me, é o que ella vestia quando cá estive.

— Engano seu. Era, quer ver qual? Era este de pintas vermelhas, repare bem.

— E' verdade, é verdade! menti. Agora me lembro, era isso mesmo. E este derradeiro?

Após uma pausa dorida, a pobre creatura sacudiu a cabeça e balbuciou:

(22) Ajuntamento de numerosos trabalhadores de uma zona para prestar auxillio a um lavrador cujas carpas ou colheitas se acham em atrazo.

— Este é o da desgraça. Foi o ultimo que lhe fiz. Com elle fugiu... e me matou...

Calou-se, a lacrimejar, tremula.

Calei-me tambem, oppresso d'um infinito apertão d'alma.

Que quadro immensamente triste, aquelle fim de vida machucado pela mocidade louca!...

E ficamos ambos assim, immoveis, de olhos pregados na colcha.

Por fim, a triste avó quebrou o silencio.

— Era o meu presente de noivado. Deus não quiz. Será agora a minha mortalha. Já pedi que me enterrassem com ella...

E guardou-a dobradinha na caixa, envolta num suspiro arrancado ao imo do coração.

Um mez depois morria. Soube que lhe não cumpriram a ultima vontade.

Que importa ao mundo a vontade ultima d'uma pobre velhinha da roça?

Pieguices...

A VINGANÇA DA PEROBA

A cidade duvidará do caso. Não obstante, aquelle monjolo do João Nunes, no Varjão, foi durante mezes o palhaço da zona. No bairro dos Porungas, sobretudo, onde assistia (1) Pedro Porunga, mestre monjoleiro (2) de larga fama, fungavam-se á conta d'elle risos sem fim.

Sitiantes ambos em terras proprias, convizinhavam separados pelo espigão do Nheco, e por malquerença antiga.

Levantára Nunes uma paca, certo domingo de va-diagem, mas a bicha, dobrando o morro, esbarrou de frente com um Porunguinha, que casualmente lenhava por alli. Zás! um certoiro golpe de foice deu com ella em terra.

Até ahi, nada.

Mas comeu-a, sem ao menos mandar um quarto (3) de presente ao legitimo dono. Legitimo, sim, porque afinal de contas aquella paca era uma paca de nomeada. Sabida como um vigario, dizia o Nunes, nem cachorro mestre, nem mundéo podiam com a vida d'ella. Escapulia sempre. A gente do outro lado não ignorava isto. Paca velha e matreira tem sempre a biographia na bocca dos caçadores. Paca muito conhecida, portanto;

(1) Morava.

(2) Carpinteiro perito em fazer monjolos.

(3) Um pernil.

moradora em suas terras, paca do Nunes, hom'essa! Ora, justamente no dia em que, numa batida feliz, elle a apanhava desprevenida, fazer aquillo o Porungui-nha?

Mas é uma creança!

Sim, mas o pae não approvou? Não disse, entre risadas, “o Nunes que se fomente”? Haviam de pagar!

Veio d'ahi a malquerença. O espigão vinha do periodo um pouco mais remoto em que a crosta da terra encoscorou.

Aggravava a dissençaõ uma rivalidade quasi de casta. Pertencia Nunes á classe dos que decahem por força de muita cachaça na cabeça e de muita saia em casa. Filho homem só tinha o José Benedicto, d'appellido Pernambi, um passarico d'esta alturinha, apesar de bem entrado nos sete annos. O resto era uma recula (4) de “familias mulheres” (5) — Maria Benedicta, Maria da Conceição, Maria da Graça, Maria da Gloria, um rosario de oito mariquinhas de saia comprida.

Tanta mulher em casa amargava o animo de Nunes, que, nos dias de cachaça, ameaçava afogal-as todas na lagoa, como a ninhada de gatos.

Consolava-se amimando Pernambi, que aquelle ao menos logo estaria no eito, a ajudal-o no cabo da enxada, enquanto o mulherio inutil mamparreararia por alli, a espiolhar-se ao sol.

Pegava, então, do menino e dava-lhe pinga.

(4) Corrupção de récuu.

(5) Na roça, familia equivale a filho. “Quantos filhos tem?” “Tenho oito familias”. — “Homens ou mulheres?” — “Tudo familia mulher”.

A principio com caretas, que muito divertiam o pai, o engrimanço pegou lesto no vicio. Bebia e fumava, muito sôrna, com ares palermas de quem não é d'este mundo. Tambem usava faca de ponta á cinta.

— Homem que não bebe, não pita, não tem faca de ponta, não é homem, dizia o Nunes.

E o pequirinha, conscio de que era homem, já batia nas irmãs, cuspihava de esguicho, dizia nomes á mãe, além de muitas outras coisas proprias de homem.

Do outro lado tudo corria pelo inverso. Commedido na pinga, Pedro Porunga casára com mulher sensata que lhe dera seis “familias”, tudo homem.

Era natural que prosperasse com tanta gente no eito. Plantava, porisso, tres alqueires de milho, tinha dois monjolos, moenda, sua mandioquinha, sua canna, além d'uma egua e duas porcas de cria.

Caçava com espingarda de dois canos, “imitação de Laporte”, boa de chumbo como não havia outra.

Morava em casa nova, bem coberta de sapé de boa lua (6) e aparado a linha, com mestria, no beiral; os esteios e portaes eram de madeira lavrada, e as paredes rebocadas á mão por dentro, coisa muito fina.

Já o Nunes — pobre do Nunes! — não punha na terra nem alqueire de semente.

Teve egua, mas barganhou-a por um capadete (7) e uma espingarda velha. Comido o porquinho, sobrou do negocio o caco da “picapao”, d'um cano só e manhosas de tardar fogo.

(6) Cortado na minguante.

(7) Porco novo que começa a engordar.

A sua casa, de esteios roliços e portas de embaúba rachada, muito encardida de picuman (8), prenunciava tapera proxima.

Capado, nenhum. Gallinhada escassa.

Ao cachorro Brinquinho não lhe valia ser mestre paqueiro de fama; andava de barriga ás costas, com bernês no toitiço. O pobrezinho não caminhava dez passos sem que, mordido, parasse, pondo-se aos rodopios sobre os quartos trazeiros, tentando inutilmente aboccar o parasita inatingivel. Que preasse. Cachorro é bicho ladino e o matto anda cheio de préas bobinhas.

E tudo mais no Varjão afinava pela mesma tecla.

Um bello dia contaram ao Nunes que Pedro Porunga trazia negocio d'uma besta arreada. Besta arreada, o Porunga! Doeu-lhe aquillo no fundo da alma. Era atrepar demais.

— Quê! Já roncam assim? bravateou. Pois hei de mostrar á Porungada quem é João Nunes Eusebio dos Santos, da Ponte-Alta!

E entrou-se, desd'ahi, de grandes atarefamentos. A mulher pasmava da subitanea reviravolta do marido, entre dubitativa e esperançosa.

— Durará esse fogo? Quem sabe!?

Planeava Nunes grandes coisas, roça de tres alqueires, concerto de casa, monjolo...

Aqui a mulher repuxou os labios num muxoxo de duvida.

(8) Fuligem.

— Monjolo? Ché, qu'esperança!

O marido, mettido em brios, roncou:

— Bóto, mulher, bóto monjolo, bóto moenda, bóto até moinho! Hei de fazer a Porungada morder a munheca de inveja. Vae ver!...

Com assombro geral não ficou em conversa fiada a promessa. Nunes remendou, mal e mal, a casa, derubou um capoeirão ⁽⁹⁾ descançado de oito annos e, num esforço de mouro, metteu na terra nove quartas de milho.

Pedro Porunga soube logo da bravata. Riu-se e prophetizou:

— Eh! Aquillo é fogo de jacá velho. Calor de pinguçõ não dura...

O anno correu bem. Vieram chuvas a tempo, de modo que em Janeiro o milho desembrulhava pendão, muito medrado de espigas.

Nunes não cabia em si. Percorria as roças, contente da vida, unhando os caules viçosos já em pleno arreganhamento da dentuça vermelha ou apalpando as bonecas tenrinhas, a madeixarem-se da cabellugem louro translucida. Segurava, então, a barbica do queixo e sonhava grandezas futuras, balanceando prós e contras.

Os contras já estavam de fóra. Só havia prós. E concluia, entrando em casa, para a mulher:

(9) Uma terra de cultura abandonada a si mesma, recobre-se de vegetação expontanea e transforma-se em capoeira ou capoeirão, conforme o vulto da vestimenta.

— Colho este anno um milhão (10) desgramado (11)!

Carecia, pois, de armar monjolo. Desdobrado em farinha o milho, vinham dobrados os lucros. Não foi o que empolou os Porungas, a farinha?

Uma resolução de tal vulto, entretanto, não se toma assim do pé para a mão: era preciso meditar, calcular. E Nunes, 'maginava, 'maginava... O "chóo-pan" do futuro engenho batia-lhe na cabeça como um ritornello de musica do céo.

— Hei de mostrar ao Porunga que não é elle o unico monjoleiro do mundo. Empreito o serviço com o compadre Teixeira, da Ponte Alta.

A mulher botou as mãos na cabeça.

— Nossa Virgem! E' coisa de louco! Pois o compadre nem braço tem...

— Bééé! urrou Nunes, estomagado. Cala essa boca! Mulher não entende das coisas...

E ella, nas encolhas:

— 'tá bom. Depois não se queixe.

— Bééé! rematou o marido.

Esta troada era o argumento decisivo de Nunes nas relações familiares. Quando alli roncava o "bééé", mulher, filhas, Pernambi, Brinquinho, todos se escoavam em silencio. Sabiam, por dolorosa experiencia pessoal, que o ponto acima era o porretinho de sapuva. (12). E preferiam ficar no ponto abaixo.

(10) Milho em quantidade e de boa qualidade.

(11) Famoso, tremendo.

(12) Madeira rija.

Se a mulher emmudecia, emmudecia com ella a razão, porque o Teixeira Maneta era um carapina (13) ruim inteirado, que vivia de biscates e remendos. Só a um bebado como o Nunes bacorejaria a idéa de metter a monjoleiro um taramela (14) d'aquelles, maneta e, ainda por cima, cégo d'uma vista. Mas era compadre e acabou-se. Bééé!

Uma nova semana passou Nunes em trabalhos de imaginação. Coçava lentamente a cabeça, pitava enormes cigarrões, absorto, com os olhos no milharal e o sentido em coisas futuras.

Decidiu-se, por fim. Rumou á Ponte-Alta e trouxe de lá o velho carapina com a ferramenta capenga.

Só restava resolver o problema da madeira. Nas suas terras não havia senão páo de foice. Páo de machado, capaz de monjolo, só a peroba da divisa, velha arvore morta que servia de marco entre os dois sitios, tacitamente respeitada lá e cá. Deital-a-ia por terra, sem dar contas ao outro lado — como lhe fizeram á paca.

Boa peça! Nunes gosava-se da picuinha, planeando derrubal-a de noite, a modo que, pela madrugada, quando os Porungas dessem pela coisa, nem Santo Antonio remediaria o mal.

— Está resolvido: derrubo a peroba!

Dito e feito.

Dois machados roncaram no páo alta noite, e ainda não raiava a manhã quando a peroba estrondeou por terra, tombada na parte do Nunes.

(13) Carapinteiro.

(14) Palrador.

Os Porungas, advertidos pela ronqueira, mal rompeu o dia sahiram a sondar o que foi, o que não foi.

Deram logo com a marosca e Pedro, á frente do bando, interpellou:

— Com ordem de quem, são...

— Com ordem da paca, ouviu? — revidou Nunes, provocativo.

— Mas paca é paca e essa peroba era o marco do rumo, meia minha, meia sua!

— Pois eu quero gastar a minha parte. Deixo a sua p'r'ahi!... retrucou Nunes, apontando a cavacaria cór de rosa.

Pedro continha-se a custo.

— Ah, cachorro! Não sei onde estou que não...

— Pois eu sei que estou em minha casa e que bato fogo na primeira "cuia" que passar o rumo!...

Esquentou o bate-bocca. Houve nome feio a valer. O mulherio interveio com grande descabellamento de palavras.

No meio da barulhada, Nunes, radiante, de espingardinha na mão, berrava para o Maneta:

— Vá lavrando, compadre, que eu sozinho escoro este cuiame ⁽¹⁵⁾!...

A Porungada afinal abandonou o campo — para não haver sangue...

— Você fica com o páo, cachaceiro, mas deixe estar que inda ha de chorar muita lagrima de sangue p'r'amor disso!...

(15) Porção de cuias; jogo de palavras; as cuias se fazem das ca-
baças, cu porungas.

— Bééé!!!! estrugiu Nunes, triunphalmente.

Os Porungas desceram, resmoneando em conciliabulo, seguidos do olhar victorioso de Nunes.

— Então, compadre? Viu que cuiada chóca? E' só chá de lingua (16), pé, pé, pé, mas, chegar mesmo, quando! O guampudo conheceu arruda pelo cheiro!

Assombrou o velho com muitos lances heroicos, quebramentos de cara, escóras de tres e quatro, o diabo. E concluiu:

— O dia está ganho, compadre, largue d'isso e venha molhar a garganta.

A molhadela da garganta excedeu a quanta bebedeira tinham na memoria. Nunes, Maneta e Pernambi confraternizaram num regabofe acachaçado, babujantes, até que uma somneira lethargica os derreou como postas de carne espalhadas pelo chão.

A mulher, com a derradeira Maria pendurada ao seio magro, olhava para aquillo sacudindo a cabeça, a scismar:

— Que monjolo sahirá d'isto, mãe do céu!..

Evaporados os fumos do alcool, tornaram á peroba no dia seguinte, muito acamaradados. A cachaça cimentára o compadresco antigo e a feitura do monjolo foi iniciada com grande quebreira de corpo.

Nunes passava os dias na obra, vendo o compadre desbistar a madeira com um braço só. Pasmava d'a-

(16) Bate-bocca, palavrório.

quillo, e do ajutorio (17) que ao braço perfeito dava o toco aleijado.

O velho sabia casos, e Nunes respondia com outros, tendenciados sempre em patentear a ruindade dos Porungas.

Falquejado (18) o tóro, correram a linha empapada num mingáu de carvão. Pégue nesta ponta, compadre, dizia o velho; agora estique; isso. E tomando entre os dedos o meio do cordel, *plaf!* chicoteava a madeira, riscando nella um traço negro.

Nunes revelou grande vocação para esfria-verruma.

Esfria-verrumas são os “empaliadores” (19) de capinas. Sentam-se com uma nádega á beira da banca e pasmam durante horas do rebote correr na taboa, encaracolando fitas, ou do formão ir lentamente abrindo uma fura. Ora pegam na enxó, examinam-na, passam o dedo pelo fio e perguntam: é Grive legitimo? (20) Quanto custou? E quando sahe a verruma da madeira, quente da fricção, pegam d’ella e se põem a sopral-a, muito sérios.

Emquanto isso Maneta, desageitadamente, ia escavando o cocho (21), a machado e enxó. Depois rasgou as furas da haste (22) e afeiçãoou a munheca (23). Prom-

(17) Adjutorio.

(18) Lavrado grosseiramente a machado.

(19) Empaliar, tomar o tempo, matar o tempo.

(20) Marca de um fabricante Inglez (Greaves).

(21) Parte trazeira do monjolo, que recebe a agua.

(22) Madeiro comprido que constitue a parte principal do monjolo.

(23) Mão do monjolo, peça que serve para pilar.

ptas que foram, atacou o pilão (24). Escava que escava, em tres dias pôl-o de lado, concluso. Restava sómente apparelhar a virgem (25).

— O compadre sabe a historia do páo de feitiço?

Nunes não sabia. Nunes não sabia coisa alguma d'esta vida, tirante emborcar o gargalo e diffamar Porungas.

Maneta, sem interromper o esquadrejamento da virgem, narrou o caso que ouvira ao pae, o Teixeira Serrador, madeireiro afamado.

Em cada eito de matto, dizia elle, ha um páo vingativo que pune a malfeitoria dos homens. Vivi no matto toda a vida, lidei toda a casta de arvore, desdobrei desde embaúva (26) velha e embirussú (27), até balsamo (28), que é raro por aqui. Dormi no estaleiro (29) quantas noites! Homem, fui um bicho do matto! E de tanto lidar com páos fiquei na supposição de que as arvores têm alma, como a gente.

— T'esconjuro! espirrou Nunes.

— Isto dizia o meu velho; eu por mim não dou opinião. E têm alma, dizia elle, porque sentem a dôr e choram. Não vê como gemem certos páos ao cair? E outros como choram tanta lagrima vermelha, que escorre, e com o sol vira rezina? Ora pois têm alma, porque neste mundo tudo é criatura de Deus.

— Lá isso...

(24) Recipiente de madeira (tronco escavado) que recebe o milho a pilar.

(25) Peça do monjolo sobre cuja forquilha gira a haste.

(26, 27 e 28) Madeiras.

(29) Armação sobre a qual se ergue a madeira a serrar.

— Então, dizia elle, ha em cada matto um páo que ninguém sabe qual é, a modo que peitado para a desfórta dos demais. E' o páo de feitiço.

O desgraçado que acerta metter o machado no cerne d'elle, pode encommendar a alma, que está perdido. Ou estrepado, ou de cabeça rachada por um galho secco que despenca de cima, ou, mais tarde, por artes da obra feita com a madeira, de todo o geito não escapa. Não 'dianta se precatar ⁽³⁰⁾: a desgraça peala ⁽³¹⁾ mesmo, mais hoje, mais amanhã, a criatura marcada.

Isto dizia o velho — e eu por mim tenho visto muita coisa!... Na derrubada do Figueirão, alembra-se? morreu o filho do Chico Pires. Estava cortando um guarmerim quando, de repente, soltou um grito. Acode que acode, o moço estava com o peito varado até ás costas. Como foi? Como não foi? Ninguém entendeu aquillo. Eu fiquei pensativo e disse: é feitiço de páo...

Como este, quantos casos? O mundo está cheio. O Sebastiãozinho, da Ponte Alta: fez uma casa, o páo da cumieira elle mesmo o derrubou. Pois não é que a cumieira arreja e estronda a cabeça do rapaz?

Porisso o velho, sabido que era, especulava ⁽³²⁾ primeiro se por alli perto não tinha havido desgraça. Era para ver se o feitiço estava solto ou preso, e precatar-se.

Com estas e outras ia Maneta florejando de lérias as horas de trabalho, emquanto dava os derradeiros retoques na virgem.

(30) Prevenir-se.

(31) Alcança.

(32) Indagava.

Estava prompto o monjolo.

Nunes, jubiloso, via quasi realizado o primeiro sonho das futuras grandezas. Faltava apenas o assentamento, que é nada, e porisso, contente, batia palmadas amigas na peroba vermelha.

— Ahi, minha velha! Mansinha, hein? Ha de chamar-se Tira-prosa — tira-prosa de Porungas, Cabaças e Cuias, eh! eh!

Recolheram cedo nesse dia, para solemnizar o feito a custa d'um ancorote (33) de cachaça, que esvasiaram a meio.

Dias depois, bem fincado, bem socado o pilão, o monjolo recebeu agua. Destapada a bica, um jorro d'enxurro espumejou no cocho, encheu-o, desbordou para o "inferno" (34). A engenhoca gemeu na virgem e alçou o pescoço. O cocho despejou a aguaceira — *chóó!* A munheca bateu firme no pilão — *pan!*

Nunes pulava d'alegria.

— Conheceu, Porungada chóca, quem é João Nunes Eusebio, da Ponte-Alta ?

Mas não lhe bastou aquelle barulho, nem a gritaria da meninada a palmear, nem os ladridos de Brinquinho que, espantado da maluqueira, latia de longe, a salvo de ponta-pés.

Queria mais.

(33) Barrilete proprio para transportar pinga em lombo de burro.

(34) Inferno — lugar onde a agua que move o monjolo despeja, depois de enchido o cocho.

Correu á espingarda, espoletou-a e, erguendo-a para o “outro lado”, desfechou. Mas o caco velho de pica-páo, não compartilhando da sua alegria, rebentou a espoleta e calou-se. Nunes inda a manteve uns segundos alçada, esperando o tiro. Como o fogo tardasse demais, remessou com ella para longe, embrulhada num palavrão immundo.

Lembrou-se de tres foguetes sobejados de uma reza, foi buscal-os e atacou-os em direcção aos Porungas.

— Cheira essa polvora, cuidada!

Infelizmente, as bombas, mofadas, negaram fogo por sua vez.

— Tudo nega, compadre! Vamos ver se o ancorote nega tambem.

Não negou.

E a prova foi roncarem logo, p'r'alli, como dois gambás.

No outro dia partiu Maneta para a Ponte Alta, com grande sentimento do Nunes, que perdia nelle um companheirão.

Quanto ao monjolo, como não houvesse milho a pilar, ficou sua estréa para quando se quebrasse a roça (35).

Cessaram as chuvas de verão. Entrou o estio, refrescado e limpo. Amarellaram as folhas do milharal, as espigas penderam, maduras. Começou a quebra (36).

(35) Quebrar a roça — colher o milho.

(36) Colheita.

Nunes, impaciente, debulhou o primeiro jacá recolhido e atuchou o pilão.

Ai! não ha felicidade completa no mundo. O engenho provou mal. Não rendia a cangica (37). A haste, desproporcionada ao cocho, não dava o jogo da regra. A mão, por muito leve, ou por defeito de esquadria na virgem, ao bater guinava á esquerda, espirrando milho para fóra.

Por mal de peccados, á primeira chuvinha o pilão entrou a rever agua. Fôra escavado em madeira ventada (38). Não prestava.

Nunes, de má sombra, represando a colera, meteu-se a reparar tantas “torturas” (39). Diminuiu o peso ao macaco (40), engrossou as aguas, amarrou d’alli, especou d’acolá, calafetou as fendas do mal engonçado.

Mas o raio do mostrengo respondia a cada remendo com uma reincidencia de desalentar.

O pobre homem explodiu, então. Da bocca lhe espirraram injurias sem fim contra o patife do Maneta.

Além de injurias, ameaças. Que iria á Ponte-Alta rachar o compadre a foice, que lhe vasava a outra vista, que...

Num d’esses desabafos a tola da mulher metheu a colher torta (41) no meio.

— Eu bem disse, eu bem avisei. Mas o queixo duro (42) não fez caso...

(37) Milho pilado.

(38) Madeira rachada.

(39) Coisas tortas.

(40) Contrapeso que se colloca no monjolo para regular o equilibrio.

(41) Metter o bedelho.

(42) Queixo duro, teimoso.

Ai! Nunes, que só esperava por aquillo, passou a mão na sapuva, encarnou na esposa o odiado maneta, e deslombou-a numa sova de concertar negro ladrão.

— Toma, cachorro! Toma, excommungado do inferno! Aprende a fazer monjolo, porco sujo! E malhava...

A mulher, urrando, sumiu-se aos pinotes matto a dentro, seguida do mulherio miudo da casa, retranzido de pavor; e por oito dias andou em esfregações de salmoura pela polpa avergoada.

Nunes, porém, melhorou consideravelmente com o derivativo. Mundificou-se da bilis e socegou.

A nova de taes successos chegou logo á Porungada. Pedro, exultante, não teve mão de si, quiz ver com os proprios olhos a caranguejola que o vingava tão a pique. Meditou um plano, e lá um dia transpoz o espigão, rumo á casa do rival.

Voltou uma hora depois espremendo risos fungados.

— Eh! eh! minha gente! Vocês não calculam. Quando quebrei o serrrote ⁽⁴³⁾, já ouvi o barulho — *chóó-pan* — uma ronqueira dos diabos! Disse cá com-migo: roncar, elle ronca, eh! eh!

Fui chegando. O Nunes, jururú, estava debulhando milho na porta. Quando me viu, entreparou, a modo que assombrado.

— “E” de paz, eu disse, e me plantei diante d’elle. Dois chefes de familia, inda mais vizinhos, não podem

(43) Quando dobrei o morro...

viver assim toda a vida, de focinho “trucido” (44) um p'r'o outro. O que foi, foi. Acabou-se. Toque.

Elle relanceou os olhos p'r'o lado da ronqueira — eh! eh! — muito desconchavado e espichou a mão sem abrir o bico.

— “Traga um café! gritou p'ra dentro.

Enfiei os olhos pela casa: estava “assim” de mulherada na cozinha!

Peguei de prosa. Elle foi respondendo. Conversa sem graça, amarradinha. Por fim, especulei: E o monjolo, vizinho, ficou na ordem? Nunes amarellou que nem esta folha!

— “E’ bomzinho, rende bem...

— “Quero ver, disse eu, se não é curiosidade...

— “Pois vá, respondeu sem se mexer do lugar. Eu fui.

Nossa Virgem! Aquillo nunca foi monjolo nem aqui nem na casa do diabo! Só se vê amarrilhos de cipó e espéques e macacos. A haste tem nove palmos e o cocho a mó que tem dez!...

— Quiá! quiá! quiá! cacarejou a roda, que em materia de monjolo era muito entendida.

— A mão não pesa, “home”, não pesa nem arroba e meia! A virgem está errada, e fóra do prumo. Milho está, que está alvejando o chão. A mão pincha d'uma banda. Nossa Senhora! Que mundéo!

Os Porunginhas babavam.

— Então, roncar, ronca?

(44) Torcido.

— Nossa! Ronca que nem uma “trumenta”. Mas, socar? O boi soca! Nem tres litros rende por noite. Homem, gentes, aquillo é coisa que só vendo!

A cara dos Porungas, annuveada desde o incidente da peroba, reffloriu d’alli por deante nos saudaveis risos escarninhos do despique.

Começou a revide — um nunca se acabar de troças e pilherias. Inventavam novos traços comicos, exaggeravam as trapalhices do mundéo. Enfeitavam-no como se faz ao mastro de S. João. Sobre as linhas geraes debuxadas pelo velho, os Porunguinhas atavam cada qual o seu buqué, de modo a tornar o pobre monjolo uma coisa prodigiosamente comica.

A palavra Ronqueira entrou em gyro nas vizinhanças, como termo comparativo de tudo quanto é risivel ou não tem pé nem cabeça.

Aos ouvidos de Nunes foram logo bater taes rumores. O orgulho, muito medrado no periodo dos sonhos megalomanicos, murchara-lhe como fructa verde colhida antes do tempo. Mas, impossibilitado de vingar-se, deu de criar um rancor surdo contra a Ronqueira, que, tropega, lá ia malhando, dia e noite, *chóó-pan*, muito lerdada, muito parca de rendimento. E para acalmar a bilis dobrou as doses de cachaça.

A mulher amanhava a casa num grande desconsolo da vida, esmulambada, sem mais esperanças d’arranjo p’r’aquelle homem.

Pernambi, sempre rentando ⁽⁴⁵⁾ o pae, sornissimo.

(45) Acompanhando de perto.

parecia um velhinho idiota. Não tirava da bocca o pito de barro e cada vez batia mais rijo no mulherio miudo.

Brinquinho desnorteára. Sentado nas patas trazeiras, olhava, inclinando a cabecinha, ora para um, ora para outro lado, sem saber o que pensar d'aquella gente.

E, assim, mezes.

Afinal, veio a desgraça. Feitiço de páo ou não, o caso foi que o innocente pagou o crime do peccador.

Certo dia soube Nunes que o José Cuitelo, da Pedra Branca, seu compadre, puzera nome a uma egua lazarenta de Ronqueira.

— Até o cachorro do Cuitelo! gemeu o misero, passando a mão da garrafa. E' demais!...

Sorveu um gole, e:

— Pernambizinho, vem cá. Bebe com teu pae, filho.

O menino não esperou novo convite: bebeu um, dois e tres goles, estalando a lingua.

O resto da garrafa soverteu-se ⁽⁴⁶⁾ no bucho do caboclo.

Pernambi, mal tonteado pelos effluvios do alcool, banzou ⁽⁴⁷⁾ um bocado por alli e depois sahiu.

Nunes estirou-se ao sol, a dormir.

Era um dia calmo d'Agosto. Céu turvo pelo fumo das queimadas. Sol vermelho, sem brilho, a modorrar

(46) Desappareceu.

(47) Vagou.

no declínio. Folhinhas carbonizadas a descerem do alto, lentamente, gyrantes.

Transcorrida uma hora, o bebedo acordou, relanceando em redor os olhos mortiços.

— Qu'ê de Pernambi? — disse ás filhas, acocoradas á soleira da porta.

As meninas não sabiam do irmão.

— Chamem Pernambi! engrolou o bebedo, recalhindo em cochilo.

Uma pequena sahiu no encalço do menino.

Os olhos de Nunes a custo se abriram; sua cabeça oscillava, como se lhe houvessem desossado o pescoço. Da bocca escorria baba e, molhadas nella, as palavras vinham vagas, mal atadas.

Subito, um grito, longe, alvorotou a casa.

— Mãe, acuda!

A mulher, estonteada, surge de dentro do casebre, detem-se á porta, orienta-se e corre para onde a voz. As filhas, assustadas, disparam atrás, rumo ao monjolo.

Silencio tragico.

Depois, novos gritos, gritos em côro — gritos de angustia, de dôr, de desespero.

— Coitadinho do meu filho! uivava lá longe a mãe.

Nunes soergueu-se, amparado ao portal.

— Que é isso? grunhe.

Ninguém lhe responde. Não ha ninguem por alli.

Mas no monjolo recrudescce a grita.

Nunes segue para lá, cambaleante.

A meio caminho dá de cara com a mulher, que voltava, descabellada, a falar sozinha.

— Que é que foi, mulher?

A pobre mãe, arrostando com o marido, afuzila nos olhos um raio de cólera incoercível.

— O que é? E' tua obra, cachaceiro, é a tua pinga, homem atôa, esterco immundo! Vá ver, vá ver, vá ver, desgraçado!...

Nunes alcança o monjolo, aos cambaleios.

E topa um quadro horrendo.

No meio das filhas em grita, o corpinho magro de Pernambi de borco no pilão. Para fóra, pendentés, duas pernas franzinas e o monjolo, impassível, a subir e a descer — *chóó-pan* — pilando uma pasta vermelha de farinha, miolos e pellanca...

Esvaem-se-lhe os vapores do alcool e Nunes, em semi-demencia, corre ao machado, ringindo os dentes, e aos uivos:

— Chegou o teu dia, desgraçado!

Que scena lugubre foi aquella!

O louco arremessava, entre rugidos de colera, golpes tremendos contra o monjolo carnívoro.

Uma pancada na mão — toma, Barzabú!

Outra na haste — rebenta, demonio!

Outra no pilão — estoura, feiticeiro do diabo!

E — *pan, pan, pan* — dez, vinte, cem machadadas como nunca as deferiu derrubador nenhum com tal rijeza de pulso.

Cavacos saltavam para longe, roseos cavacos da peroba assassina. E lascas. E achas...

Longo tempo durou o duello tragico da demencia com a materia bruta. Por fim, quando o monjolo maldito era já um monte escavacado de peças em desmantelo, o misero caboclo tombou por terra, arquejante, abraçado ao corpo inerte do filho, com a mão tremula a remexer o fundo do pilão, em procura da cabecinha que faltava...

B U C O L Í C A

Tanta chuva hontem!... O cedrão do pasto fendido pelo raio — e, hoje, que manhã!

A natureza orvalhada tem a frescura de uma criança ao deixar o banho.

Inda ha rolos de cerração vadia nas grotas. O sol já nado e ella com tanta preguiça de recolher os pannos de neblina...

A vegetação toda a pingar d'orvalho, bisbilhante de gottas que cahem e tremelicam folhas, sorri como em extase.

Ha em cada vergontea folhinhas de esmeralda tenra, brotadas durante a noite. A mão de quem passa não resiste: colhe-as de alcance, porque é um gosto mordiscar-lhes a polpa macia.

Meu Deus! O que vae de aranhóes pela relva! Nos galhinhos de joveva, nas flexas de capim, grandes e pequeninos, todos mimosos de desenhos, tecidos a fio de seda...

Compraz-se a noite em agrupar nelles milhões de diamantezinhos que a luz da manhã irisa.

Mal-me-queres por toda a parte — amarellos, brancos. E tanta flôr sem nome...

— Flôr atôa, diz a gente roceira.

São, coitadinhas, a plebe humilima.

A nobreza floral móra nos jardins, esplendendo côres de arco-iris sob formas luxuriosas de odaliscas.

A duqueza Dhalia, sua magestade a Rosa, o samurai (1) Chrysânthemo — que fidalguia!

Bem longe estão d'estas aqui, azuleguinhas, pouco maiores do que uma conta de rosario.

Não obstante, vejo nestas mais alma.

Leio mil coisas na sua modestia.

Luctaram sem treguas contra a terra tramada de raizes concurrentes, contra as geadas, contra as lagartas, contra os bichos que pastam.

Que tenacidade, que prodigio de economia não representam estas iscas de petalás, e o perfume agreste que as oloriza, e a côr — tentativa de azul — com que se enfeitam as feiticeirinhas!

São bellas, sim — da *sua* belleza, a belleza selvatica das coisas que jámais soffreram a domesticação do homem.

As de jardim: escravas de harem... Adubo farto, terra livre, tutores para a haste, cuidados mil — cuidados do homem para com a rez na ceva...

As agrestes morrem livres no hastil materno; as fidalgas, na guilhotina da tesoura.

Fabula do lobo e do cão...

Que ar! A gente das cidades, affeita a sorver um indecoroso gaz feito de pó em suspensão num mixto de máu azoto e peor oxygenio, não sabe o prazer sadio que é sentir os pulmões borbulhantes d'este fluido vital em estado de virgindade.

(1) Fidalgo do Japão

O oxigenio, fresquinho: foi elaborado naquelle momento pela vegetação viçosa.

Respiral-o é sorver vida á nascente.

Alli, o rio.

Ingazeiros desganhados inclinam-se para elle, arrepiando-lhe o espelho das aguas.

Cahem na corrente flôres mortas.

O movediço esquite condul-as com mimo até á barulhenta corredeira proxima; alli, irritado, amarfanhas, fal-as pedaços — e as coitadinhas viram babugem.

Margeia o rio a estrada, ora d'ocre amarello, ora roxa-terra; aqui tunnel sob a verdura picada no alto de nesgões de luz; além escampa.

Nos barrancos ha tocos de raizes decepadas pelo enxadão, e covas de formigueiros mortos onde as corruiras armam ninho.

Surgem casebres de palha.

Lá, na aguada, bate roupa uma mulher.

Rumor no matto...

Sahe delle, de lenha ao hombro, uma cabocla.

— Sinh'Anna, bom dia! Que é do Luiz?

— No eito, coitado.

— Sárrou bem?

— Ché que esperança! Melhorzinho. Panaricio é uma festa!...

— Malva, Sinh'Anna, malva cozida.

Baitacas em bando, bulhentas, a sumirem-se num capão d'agico.

Borboletas amarellas nos humidos. Parecem um debulho de flôres de ipé.

— Zut!

Uma preá que corta o caminho.

— Péga, Vinagre!

Outra casinha, lá longe.

E' a tóca do Urunduva, caboclo amaleitado.

Este freguez tem nas terras a coisa mais bella da zona — a paineira grande.

Tóco para lá.

Um carreirinho entre roças, a ponte, um vallo a saltar...

Eil-a!

Que maravilha!

Derreada de flôres côr de rosa, parece uma só immensa rosa crespá.

Beija-flôres como aqui, ninguem jámais viu tantos.

Milheiros não digo — mas centenas, uma centena pelo menos lá está, zinindo.

Chegam de longe, todas as manhãs, enquanto dura a festa floral da paineira mãe.

Voejam, rapidos como o pensamento, ora librados no ar, sugando uma corolla, ora riscando curvas velocissimas, em trabalhos de amôr,

Que lindo amôr — alado, rutilante de pedrarias!...

Respiro um ar cheiroso, adocicado, e fico-me em enlevo a ver as flôres que cahem, gyrantes.

Se aflu mais forte a brisa, despegam-se em bando, e recamam o chão.

Devem ser assim as arvores no paiz das fadas...

O Urunduva?

E' elle mesmo. Amarello, inchado, arrastando uma perna...

— Então, meu velho, na mesma?

— Melhorzinho. A quina sempre é remedio.

— Isso mesmo, quina, quina.

— E'... mas está cara, patrão! Um vidrinho assim, tres cruzados. Estou vendo que tenho de vender a paineira.

— ??

— “Não vê que” o Chico Bastião dá dezoito mil réis por ella — e inda um capadinho de choro. Como este anno carregou demais, vem paina p'r'arobas. Elle quer aproveitar; derruba e...

— Derruba!!

— Derruba e...

— Porque não colhe a vara, homem de Deus?

— “Não vê que” é mais facil derrubar...

— Derruba!...

Fujo d'alli com este horrivel som a azoinar-me a cabeça.

Aquella maleita ambulante é “dona” da arvore.

O Urunduva está classificado no genero “homo”.

Gosa de direitos.

E’ rei da criação e, dizem — que blasphemia! —
feito á imagem e semelhança de Deus.

— Derruba!!...

Roças de milho.

A terra calcinada, com as cinzas escuridas pelo aguaceiro da vespera, inça-se de tocos carbonizados, e arvores ennegrecidas até meia altura, e paulama em carvão.

Entremeio, covas de milho, já espontando folhinhas tenras.

Adeante, feijão. O terreno varrido, côr de sepia, pontilhado pelo verde das plantinhas recém-vindas, lembra chita de velha: as velhas gostam de chitas escuras com pintas verdes...

E’ aqui o sitio da Maria Véva.

Tem ruim fama, esta mulher papuda. “Má até alli”, dizem.

O marido, coitado! um bobo que anda pelo cabresto — Pedro Suan.

Ganhou este appellido desde uma celebre festa em que a mulher o surrou com um suan de porco...

Lá vem elle, de espingardinha...

— Vae caçar?

— Antes fosse. Vou cuidar do enterro.

— Enterro?!...

— Pois morreu a menina, a Annica.

— Pobrezinha! De quê?

— A gente sabe? Morreu de morte...

Estupido!

Sem querer dirijo-me para a casa d'elle.

Não gosto da Véva. E' horrenda, beijo rachado, olhar máo — e aquelle papo!

— Então, Nhá, morreu a menina? Soube-o inda agora pelo Suan...

— E'.

Que resposta secca!

— E de que morreu?

— Deus é que sabe.

Peste! E como a atrevediça me olha duro! Sinto-me mal em sua presença.

— Adeus, Sycorax (2)!

Para alguma coisa sirva a literatura...

Arrepio caminho, entristecido.

A manhã vae alta, já crúa de luz. O sol, estúpido; o azul, de irritar.

Que é dos aranhóes?

Sumiram-se com o orvalho que os visibiliza.

(2) Horrenda bruxa de uma peça de Shakespeare — "A Tempestade".

Estão agora invisíveis, a apanhar os insectos incautos que Nhá Véva Aranha devora.

A paizagem perdeu o encanto da frescura e da bruma.

Está um lugar commum.

Não vejo flôres, nem passaros. O excesso de luz dilue as flôres, o calor esconde as aves.

Só um cará-cará ⁽³⁾ resiste ao mormaço, empoleirado num esgalho de perobeira. Está de tocaia aos pintos do Urunduva, o rapinante.

Um vulto...

E' mulher...

Será a Ignacia?

Vem de trouxa á cabeça.

E' ella mesma, a preta aggregada ⁽⁴⁾ aos Suans.

— Então, rapariga?

— Ai, sêo moço, vou-me embora! Alguem ha de ter dó da velha. Na casa da peste papuda, nem mais um dia! Antes morrer de fome...

— Que coisa houve?

— Não sabe que morreu a aleijadinha? Pois é, morreu. Morreu a pobre só porque hontem esta sua negra foi ao bairro do Liborio e a chuva prendeu ella lá. Se eu pudesse adivinhar...

— Mas de que morreu a menina, creatura?

(3) Pequeno gavião.

(4) Que mora com.

— Sabe do que morreu? morreu... de sede! Morreu, sim, eu juro, um raio me parta pelo meio se a coitadinha não morreu...

Aqui soluços de choro cortaram-lhe a voz.

— ...de seeeede! Meu Deus do céu, o que a gente não vê neste mundo!

A menina era entrevada e a mãe, má como a irára.

Dizia sempre: Pestinha, porque não morre? Bocca atôa, a comer, a comer. Estica o cambito, diabo!

Isto dizia a mãe — mãe, hein?

A Ignacia, entretanto, morava lá só para zelar da aleijadinha.

Era quem a vestia, e a lavava, e arrumava o pratinho d'aquelle passarico enfermo.

Sete annos assim.

Excellentemente negra!

— Coisa de tres dias, 'garrou uma doencinha, dôr de cabeça, febre. Dei chá de hortelã; nada. Dei cidreira; nada. Sempre a quentura da febre. Disse commigo: O compadre Liborio é bom curador e tem dó da gente. Vou lá e trago uma dóse (5). Fui — é longinho, tres quartos de legua — elle me deu a dóse, mas quem disse de poder voltar? Uma chuvarada... Pousei no Liborio. Hoje, manhanzinha, vim.

(5) O povo usa a expressão dose no sentido de medicamento.

Entrei alegre, pensando: a coitadinha vae sarar. Eu que pisei na sala, dou com a menina espichada na esteira, fria. Annica! Annica! Quando vi bem que estava morta de uma vez, ah! sêo moço, berrei como nunca na minha vida!...

— “Nhá Véva, de que geito morreu Annica, conte, conte!

Nhá Véva quieta, repuxando a bocca. Uma pedra! Cahi em cima da menina, beijei, chorei. Nisto, uma cotucada: — era o Zico, aquelle negrinho, sabe? Olhei p’ra elle: fez geito de me falar lá fóra, longe da tatorana. Lá fóra me contou tudo. A menina, des’que eu sahi, peiorou. Mais quietinha sempre. Noite alta, gemeu.

— “Cala a bocca, peste! gritou do outro quarto a mãe — mãe, veja!

— “Quero agua, nhá mãe.

— “Cala a bocca, peste!

A menina calou. Mais tarde gemeu outra vez, baixinho.

— “Quero agua! Quero agua!

Ninguem se mexeu.

— “E tu, negrinho ordinario, porque não acudiu á menina? — “Não vê! Eu conheço nhá Véva!...

Sêo Pedro, aquelle trapo, esse estava na pinga de todo o dia. Ninguem na casa para chegar uma caneca d’agua á bocca da doentinha. Ella, um chorinho ainda; depois, mais nada. De manhã...

Lagrimas escorriam a fio pela cara da preta e soluços de dôr escandiam-lhe as palavras.

— De manhã foram encontrar a menina morta na cozinha, rente do pote d'agua. Arrastou-se até lá o anjinho que nem se mexer na cama podia, e morreu de sede, deante da agua!...

— Quem sabe se...

— Não bebeu, não! O pote, em cima da caixa, ficava alto, e a caneca estava tal e qual no logarzinho do costume. Não bebeu, não! Morreu de sede o anjo!

Enxugou as lagrimas na manga.

— Agora, vou no Liborio. Se elle me quizer, fico. Se não, sou bem capaz de me pinchar nesse rio. Este mundo não paga a pena...

Sol a pino.

Desanimo, lassidão infinita...

O COMPRADOR DE FAZENDAS

Peior fazenda que a do Espigão, nenhuma. Já aruinara tres donos, o que fazia dizer aos praguentos: — Espiga é o que aquillo é!

O detentor ultimo. um David Moreira de Souza, arrematára-a em praça, convicto de negocio da China: mas lá andava, tambem elle, escalavrado de dividas, coçando a cabeça, num desanimo...

Os cafezaes em vara, anno sim, anno não, batidos de saraiva, ou esturrados pela geada, nunca deram de si colheita de entupir tulha.

Os pastos ensapezados, enguaxumados, ensamambaiados ⁽¹⁾ nos tópes, eram acampamentos de cupins com entremeios de macegas mortijas, formigantes de carrapato; boi entrado alli punha-se logo de costella á mostra, encaroçado de bernes, triste e dolorido de metter dó.

As capoeiras, substitutas das mattas nativas, revelavam pela indiscreção das tabocas ⁽²⁾ a mais safada das terras seccas. Em tal solo a mandioca bracejava a medo varetinhas nodosas; a canna cayanna assumia aspecto de canninha, e esta virava um taquariço magrela que passava incolume por entre os cylindros moedores.

(1) Praguejados de sapé, guaxuma e samambaia.

(2) Graminea de grande desenvolvimento.

Piolhavam os cavallos. Os porcos escapos á peste encrúavam na magrém biblica das vaccas egypcias.

Por todo os cantos imperava soberano o ferrão das saúvas, dia e noite entregues á tosa dos capins para que, em Outubro, se toldasse o céu com a nuvem dos iças.

Caminhos por fazer, cercas no chão, casas d'aggregados engoteiradas, combalidas de cumieira, prenunciando feias taperas.

Até na moradia senhorial insinuava-se a bréca, aluindo pannos de reboco, corcomendo assoalhos. Vidraças sem vidro, mobilia capengante, paredes lagarteadas (3) de fendas... intacto que é que havia lá?

Dentro d'essa esborcinada moldura, o fazendeiro, aveluscado por força de successivas decepções e, a mais, roído pelo cancro voraz dos juro, sem esperança e sem concerto, coçava cem vezes ao dia o rodomoinho capillar da cabeça grisalha.

Sua mulher, a pobre dona Izaura, perdido o viço do outono, agrumava na cara quanta sarda e pé de gallinha inventam os annos de mãos dadas á trabalhosa vida.

Zico, o filho mais velho, sahira-lhes um pulha, amigo de erguer-se ás dez, ensebar a pastinha até ás onze e consumir o resto do dia em namoriscos mal azarados.

Afóra este malandro tinham a Zilda, então nos dezeseite, menina galante, porém sentimental mais do que manda a razão e pede o socego dos paes. Era um ler

(3) Fendidas.

Escrich (4), a rapariga, e um scismar amores d'Es-panha...

Em tal situação só havia uma aberta: vender a fazenda maldita para respirar a salvo das hypothecas. Era difficil, entretanto, em quadra de café a cinco mil réis, pôr unhas num tolo das dimensões requeridas. Illudidos por annuncios manhosos alguns pretendentes já haviam abicado ao Espigão; mas franziam todos o nariz, indo-se a arrenegar da pernada, sem abrir offerta.

— De graça é caro! cochichavam de si para comsigo.

O rodomoinho capillar do Moreira, a cabo de coça-dclas, suggeriu-lhe uma engenhosa traça mystifica-toria: entreverar (5) de cahetés, cambarás, unhas de vacca e outros padrões de terra bôa, transplantados das vizinhanças, a fimbria das capoeiras e uma ou outra entrada accessivel aos visitantes. Fel-o, o maluco, e mais: mettu em certa grota um pão d'alho impor-tado da terra roxa, e adubou os cafeeiros margeantes ao caminho, o sufficiente para encobrir a mazella do resto.

Onde um raio de sol denunciava com mais viveza um vicio da terra, ahi o allucinado velho botava a peneirinha...

Um dia recebeu carta do seu agente de negocios, annunciando um novo pretendente. "Você tempere o homem, aconselhava elle e saiba manobrar os padrões

(4) Romancista espanhol.

(5) Entremeiar.

(6), que este cahe. Chama-se Pedro Trancoso, é muito rico, muito moço, muito prosa, e quer fazenda de recreio. Depende tudo de você espigal-o com arte de barganhista ladino”.

Preparou-se Moreira para a empreza. Advertiu primeiro aos aggregados para que estivessem a postos, afiadissimos de lingua.

Industriados pelo patrão, estes homens respondiam com manha consummada ás perguntas dos visitantes, de geito a transmutar em maravilhas as ruindades locaes.

Os pretendentes, como lhes é suspeita a informação dos proprietarios, costumam interrogar á socapa os contradichos. Allí, se isso acontecia — e acontecia sempre, porque era Moreira em pessoa o machinista do acaso — havia dialogos d’esta ordem:

— Gêa por aqui?

— Coisinha, e isso mesmo só em anno bravo.

— O feijão, dá bem?

— Nossa! Inda este anno plantei cinco quartas e malhei cincoenta alqueires. E que feijão!

— Berneia o gado?

— Qual o que! Lá um ou outro carocinho, de vez em quando. Para criar não ha melhor. Nem herva, nem feijão bravo (7). O patrão é porque não tem forças. Tivesse elle os meios e isto virava um fazendão.

(6) Enganal-o.

(7) Plantas venenosas para o gado.

Avisados os espoletas (8), discutiram-se á noite os preparativos da hospedagem, alegres todos com o revigiar das esperanças emmurchecidas.

— Estou com palpite que d'esta feita a “coisa” vae! disse o filho maroto. E declarou necessitar, á sua parte, de tres contos de réis para estabelecer-se.

— Estabelecer-se com que? perguntou, admiradó, o pai.

— Com armazem de seccos e molhados, na Volta Redonda...

— Na Volta Redonda!... Já me estava espantando uma idéa bôa nessa cabeça de vento. Para vender fiado á gente da Tudinha, não é?

O rapaz, se não corou, calou-se: tinha razões para isso...

Já a mulher queria casa na cidade. De ha muito trazia d'olho uma de porta e janella, em certa rua modesta, casa baratinha, d'arranjados.

Zilda, um piano — e caixões e mais caixões de Escrich...

Dormiram contentes essa noite e no dia seguinte mandaram cedo á villa buscar gulodices de hospedagem — manteiga, um queijo, biscoutos.

Na manteiga houve vacillações.

— Não vale a pena! reguingou a mulher. Sempre são tres mil réis. Antes se comprasse com esse dinheiro a peça de algodãozinho que tanta falta me faz.

— E' preciso, filha! Ás vezes uma coisa de nada

(8) Comparsas.

engambela um homem e facilita um negocio. Manteiga é graxa — e graxa engraxa!

Venceu a manteiga.

Emquanto não vinham os ingredientes, metteu dona Izaura unhas á casa, varrendo, espanando e arrumando o quarto dos hospedes; matou o menos magro dos frangos e uma leitôa manquitcla; temperou a massa do pastel de palmito, e estava a folheal-a, quando:

— “Ei vem” elle! gritou Moreira da janella, onde se postára desde cedo, muito nervoso, a devassar a estrada por um velho binoculo; e sem deixar o posto de observação foi transmittindo á occupadissima esposa os pormenores divisados.

— E’ moço... Bem trajado... Chapéu panamá... Parece o Chico Canhambora...

Chegou, afinal, o homem. Apeou-se. Deu cartão: Pedro Trancoso de Carvalhães Fagundes. Bem apessoado. Ares de muito dinheiro. Mocetão e bem falante mais do que quantos até alli approaram á Espiga.

Contou logo mil cousas, com o desembaraço de quem no mundo está de pijama, em casa sua — a viagem, os incidentes, um mico que vira pendurado num galho d’embaúba.

Entrados que foram para a saleta de espera, Zico, incontinente, grudou-se d’ouvido ao buraco da fechadura, a cochichar d’alli para as mulheres occupadas na arrumação da mesa o que ia pilhando á conversa.

Subito, esganiçou para a irmã, numa careta suggestiva:

— E' solteiro, Zilda!

A menina largou disfarçadamente os talheres e sumiu-se.

Meia hora depois reaparecia, trazendo o melhor vestido e, no rosto, duas redondinhas rosas de carmin.

Quem a ess'hora penetrasse no oratorio da fazenda notaria, nas vermelhas rosas de papel de seda que enfeitavam o Santo Antonio, a ausencia de varias petal-as, e aos pés da imagem uma velinha accessa. Na roça, o "rouge" e o casamento sahem do mesmo oratorio...

Trancoso dissertava sobre variados themas agricolas.

— O canastão? Pff! Raça tardia, muito agreste. Eu sou pelo Poland-Chine (9). Tambem não é máu, não, o Large Black (10). Mas o Poland! Que precocidade! Que raça!

Moreira, chucro (11) na materia, só conhecedor das pelhancas famintas, sem nome, nem raça, que lhe grunhiam nos pastos, abria insensivelmente a bocca pasmada.

— Como em materia de pecuaria bovina, continuava Trancoso, tenho para mim que, de Barreto (12) a Prado (13), andam todos erradissimos. Pois não! Er-ra-dis-si-mos! Nem selecção, nem cruzamento. Quero a adopção im-me-di-á-ta das mais finas raças, o Polled

(9) Porco norte-americano.

(10) Porco inglez.

(11) Ignorante.

(12 e 13) Luiz Pereira Barreto e Antonio Prado, eminentes autoridades em zootechnia

Angus (14), o Red Lincoln (15). Não temos pasto? Faça-mol-os. Plantemos alfafa. Fenemos. Ensilemos. O Assis (16) confessou-me uma vez...

O Assis! Aquelle homem confessava os mais altos paredros da agricultura! Era intimo de todos elles — o Prado, o Barreto, o Cotrim (17)... E de ministros! “Eu já alleguei isso ao Bezerra (18)...”

Nunca se honrara a fazenda com cavalheiro mais distincto, assim bem relacionado e tão viajado. Falava da Argentina e de Chicago como quem veio hontem de lá. Maravilhoso!

A bocca de Moreira abria, abria, e accusava o gráu maximo de abertura permittida a angulos maxillares, quando uma voz feminina annunciou o almoço.

Apresentações.

Mereceu Zilda louvores nunca sonhados, que a puzeram de coração aos pinotes.

Tambem os teve a gallinha ensopada, o tütú com torresmos, o pastel e até a agua do póte.

— Na cidade, senhor Moreira, uma agua assim, pura, crystallina, absolutamente potavel, vale o melhor dos vinhos. Felizes os que podem bebel-a!

A familia entreolhou-se: nunca imaginaram possuir em casa semelhante preciosidade, e cada um insensivelmente sorveu o seu golezinho, como se naquelle instante travassem conhecimento com o precioso nectar. Zico chegou a estalar a lingua...

(14 e 15) Raças bovinas inglezas.

(16) Assis Brasil, grande creador brasileiro.

(17) Eduardo Cotrim, creador de nome.

(18) José Bezerra, ministro da Agricultura na presidencia Hermes.

Quem não cabia em si de goso era dona Izaura. Os elogios á sua culinaria puzeram-na rendida; por metade d'aquillo já se daria por bem paga da trabalhadeira.

— Aprende, Zico, cochichava ella ao filho, o que é educação fina. Isto é que é ser gente!

Após o café, brindado com um “delicioso!” convidou Moreira o hospede para um gyro a cavallo.

— Impossivel, meu caro, não monto em seguida ás refeições; dá-me cephalalgia.

Zilda corou. Zilda corava sempre que não entendia uma palavra.

— A' tarde sahiremos, não tenho pressa. Prefiro agora um passeiozinho pedestre, pelo pomar, a bem do chylo.

Emquanto os dois homens, em pausados passos, para lá se dirigiam, Zilda e Zico correram ao dictionario.

— Não é com S, disse o rapaz.

— Veja com C, alvitrou a menina.

Com algum trabalho encontraram a palavra.

— “Dôr de cabeça!” Ora! Uma coisa tão simples...

A' tarde, no gyro a cavallo, Trancoso admirou e louvou tudo quanto os olhos viram, com grande espanto do fazendeiro que, pela primeira vez, ouvia gabos ás coisas suas.

Os pretendentes, em geral, malsinam de tudo, com olhos abertos só para os defeitos; deante de uma bar-

roca, abrem-se em exclamações quanto ao perigo das terras frouxas; acham más e poucas as aguas; se enxergam um boi, não despegam a vista dos bernés.

Trancoso, não. Gabava! E quando Moreira, nos trechos mystificados, assignalou os padrões com dedo tremulo, o moço abriu a bocca, extasiado:

— Caquéra (19)? Mas isto é phantastico!...

Em face do páo d'alho (20) culminou-lhe o assombro.

— E' maravilhoso o que vejo! Nunca suppuz encontrar nesta zona vestigios de semelhante arvore! disse, mettendo na carteira uma folha, como lembrança.

Em casa abriu-se para com a velha.

— Pois, minha senhora, a qualidade d'estas terras excede de muito á minha expectativa. Até páo d'alho! Isto é positivamente famoso!...

Dona Izaura abaixou os olhos.

A scena passava-se na varanda.

Era noite.

Noite trilada de grillos, coaxada de sapos, com muitas estrellas no céu e muita paz na terra.

Trancoso refestelado numa preguiçosa (21), transfez o sopor da digestão em quebreira poetica.

— Este cri-cri de grillos como é encantador! Eu adoro as noites estrelladas, o bucolico viver campezino, tão sadio e feliz!...

— Mas é muito triste!... aventurou Zilda.

(19 e 20) Vegetaes tidos como padrões de terra boa.

(21) Cadeira de estirar o corpo.

— Acha? Gosta mais do canto estridente da cigarra, modulando cavatinas em plena luz? disse elle, amelaçando a voz. E' que no seu coraçãozinho ha qualquer nuvem a sombreal-o...

Vendo Moreira assim atizado o sentimentalismo, e d'esta feita passivel de consequencias matrimoniaes, houve por bem dar uma pancada na testa e berrar: "Oh, diabo! Não é que eu me ia esquecendo de..." Não disse do que, nem era preciso. Sahiu precipitadamente, deixando-os sós...

Continuou o dialogo, mais mel e rosas.

— O senhor é um poeta! exclamou Zilda a um regorgeio dos mais succados.

— Quem o não é, debaixo das estrellas do céu, ao lado d'uma estrella da terra?

— Pobre de mim! suspirou a menina ingenuamente.

Tambem do peito de Trancoso subiu um suspiro. Seus olhos alçaram-se a uma nuvem que fazia no céu as vezes da Via Lactea, e sua bocca murmurou em soliloquio:

— O amor!... A via lactea da vida!... O aroma das rosas, a gaze da aurora! Amar, ouvir estrellas... Amai, pois só quem ama entende o que as estrellas dizem!

Era zurrapa de contrabando; não obstante, ao paladar inexperto da menina, soube a *Lacryma-Christi* (22). Zilda sentiu subir á cabeça um vapor. Quiz retribuir. Deu busca aos ramilhetes rhetoricos

(22) Vinho famoso.

da memoria em cata da flôr mais bella. Só achou um bogari humilimo.

— Lindo pensamento para um cartão postal! disse.

Ficaram no bogari; o café com bolinhos de frigideira veio interromper o idyllo nascente.

Que noite, aquella! Dir-se-ia que o anjo da felicidade distendera suas asas de ouro por sobre a casa triste. Via Zilda realizar-se todo o Escrich deglutido. D. Izaura gosava-se da possibilidade de casal-a rica. Moreira sonhava quitações de dividas com sobras fartas a tilintarem-lhe no bolso. E Zico, transfeito imaginariamente em commerciante, fiou, a noite inteira, em sonhos, á gente da Tudinha, que, captiva de tanta gentileza, lhe concedia afinal a ambicionada mão da pequena.

Só Trancoso dormiu o somno das pedras, sem sonhos, nem pesadelos. Que bom é ser rico!

No dia immediato visitou o resto da fazenda, cafezaes e pastos, examinou criação e bemfeitorias; e como o gentil mancebo continuasse no enlevo, Moreira, deliberado na vespera a pedir quarenta contos pela Espiga, julgou de bom aviso elevar o preço.

Após a scena do páo d'alho, suspendeu-o mentalmente para quarenta e cinco; findo o exame do gado, já estava em sessenta. E assim, quando abordada a magna questão, o velho disse, corajosamente, na voz firme de um "alea jacta":

— Sessenta e cinco! e esperou de pé firme a ventania.

Trancoso, porém, achou razoavel o preço.

— Pois não é caro, disse, está um preço mais moderado do que suppuz.

O velho mordeu os beiços e tentou emendar a mão.

— Sessenta e cinco, sim, mas... o gado fóra!...

— E' justo, respondeu Trancoso.

— ...e fóra tambem os porcos!...

— Perfeitamente.

— ...e a mobilia!

— E' natural.

O fazendeiro engasgou; não tinha mais o que excluir e confessou-se, lá de si para comsigo, que era uma cavalgadura. Porque não pedira logo oitenta?

A mulher, informada do caso, chamou-lhe “pax-vobis” (23).

— Mas, creatura, por quarenta já era um negócio!

— Por oitenta seria o dobro melhor. Não se defenda. Eu nunca vi Moreira que não fosse palerma e sarambé. E' do sangue. Você não tem culpa.

Amuaram um bocado, mas a ancia de architectar castellos com a imprevista dinheirama, varreu para longe a nuvem.

Zico aproveitou a aura para insistir nos tres contos do estabelecimento e obteve-os.

Dona Izaura desistiu da tal casinha. Lembrava

(23) Pateta, abobalhado.

agora uma outra, maior, em rua de procissão — a casa do Eusebio Leite.

— Mas essa é de doze contos, advertiu o marido.

— Mas é outra cousa que não é aquelle casebre! Muito bem repartida. Só não gosto da alcova pegada á copa; muito escura...

— Abre-se uma claraboia.

— Tambem o quintal precisa de reforma; em vez do cercado de gallinhas...

Até noite alta, enquanto não vinha o somno, foram remendando a casa, pintando-a, transformando-a na mais deliciosa vivenda da cidade.

Estava o casal nos ultimos retoques, dorme-não-dorme, quando Zico bateu á porta.

— Tres contos não bastam, meu pae; são precisos cinco. Ha a armação, de que não me lembrei, e os direitos, e o aluguel da casa, e mais coisinhas...

Generosamente, entre dois bocejos, o pai conce-deu-lhe seis.

E Zilda?

Essa vogava em alto mar d'um romance de fadas. Deixemol-a vogar...

Chegou enfim o momento da partida.

Trancoso despediu-se.

Sentia muito não poder prolongar a deliciosa estada, mas interesses de monta chamavam-no. A vida de capitalista não é tão folgada como parece... Quanto

ao negocio, considerava-o quasi feito; daria a palavra definitiva dentro de semana.

Partiu Trancoso, levando um pacote de ovos — gostára muito da raça de gallinhas criada alli; e um saquito de carás — petisco de que era mui guloso.

Levou ainda uma bonita lembrança, o rosilho do Moreira, o melhor cavallo da fazenda. Tanto gabára o animal, durante os passeios, que se viu o fazendeiro na obrigação de recusar uma barganha proposta e dar-lh'o de presente.

— Vejam vocês! disse Moreira, resumindo a opinião geral. Moço, riquissimo, direitão, instruido como um doutor e, no entanto, amavel, gentil, incapaz de torcer o focinho como os pulhas que cá têm vindo. O que é ser gente!

A' velha agradára sobretudo a semcerimonia do jovem capitalista. Levar ovos e carás! Que mimo!

Todos concordaram, louvando-o cada um a seu modo. E assim, mesmo ausente, o gentil ricaço preocupou a casa durante a semana inteira.

Mas a semana transcorreu sem que viesse a resposta ambicionada. E mais outra. E outra ainda.

Escreveu-lhe Moreira, já apprehensivo, e nada. Lembrou-se d'um amigo morador na mesma cidade e endereçou-lhe carta pedindo que obtivesse do capitalista a solução definitiva. Quanto ao preço, abatia alguma cousa. Dava a fazenda por cincoenta e cinco, cincoenta e até por quarenta contos, com criação e mobilia.

O amigo respondeu sem demora.

Ao rasgar do envelope, os quatro corações da Espiga pulsaram violentamente: aquelle papel encerrava o destino de todos quatro.

Dizia a carta: “Caro Moreira, ou muito me engano ou estás illudido. Não ha por aqui nenhum Trancoso Carvalhaes, capitalista. Ha o Trancosinho, filho da Nha Véva, vulgo Sacatrapo. E’ um espertalhão que vive de barganhas e sabe illudir aos que o não conhecem. Ultimamente tem corrido o Estado de Minas, de fazenda em fazenda, sob varios pretextos. Finge-se ás vezes comprador, passa uma semana em casa do fazendeiro, a caceteal-o com passeios pelas roças e exames de divisas; come e bebe do bom, namora as meninas da casa e, no melhor da festa, raspa-se. Tem feito isto um cento de vezes, mudando sempre de zona. Gosta de variar de tempero, o patife! Como aqui Trancoso só ha este, deixo de apresentar ao pulha a tua proposta. Ora o Sacatrapo a comprar fazenda! Tinha graça...”

Moreira cahiu numa cadeira, aparvalhado, com a carta sobre os joelhos. Depois o sangue lhe avermelhou as faces e seus olhos chisparam.

— Cachorro!

As quatro esperanças da casa ruíram com fragor, entre lagrimas da menina, raiva da velha e colera dos homens.

Zico propoz-se a partir incontinentemente na piugada do biltre, afim de quebrar-lhe a cara.

— Deixa, menino! O mundo dá voltas. Um dia cruzo-me com o ladrão e justo contas.

Pobre castellos! Nada ha mais triste que estes repentinos desmoronamentos de illusões. Os formosos palacios d'Esanha, erguidos durante um mez á custa da mirifica dinheirama, fizeram-se taperas sombrias. Dona Izaura chorou até os bolinhos, a manteiga e os frangos.

Quanto a Zilda, o desastre operou como pé de vento através de paineira florida. Cahiu de cama, febricitante. Encovaram-se-lhe as faces. Todas as passagens tragicas dos romances lidos desfilaram-lhe na memoria; reviu-se na victima de todos elles e dias a fio pensou no suicidio.

Por fim, habituou-se a essa idéa e continuou á viver. Teve azo de verificar que isto de morrer d'amores, só em Escrich...

Acaba-se aqui a historia — para a platéa; para as torrinhas segue ainda por meio palmo. As platéas costumam impár uma tantas finuras de bom gosto e tom, muito de rir; entram no theatro depois de começada a peça e sahem mal as ameaça o epilogo.

Já as galerias querem a coisa pelo comprido, a geito de aproveitar o rico dinheiro até ao derradeiro real. Nos romances e contos pedem esmiuçamento completo do enredo, e se o autor, levado por formulas de escola, lhes arruma para cima, no melhor da festa, com a caudinha reticenciada a que chamam nota impressionista, franzem o nariz. Querem saber — e fazem muito bem — se Fulano morreu, se a menina casou e foi feliz, se o homem afinal vendeu a fazenda, a quem e por quanto.

Sã, humana e respeitabilissima curiosidade!

— Vendeu a fazenda o pobre Moreira?

Peza-me confessional-o: não! E não a vendeu por artes do mais inconcebível qui-pró-quó de quantos tem armado neste mundo o demo — sim, porque afóra o tihoso quem é capaz de intrincar os fios da meada com laços e nós cégos, justamente quando vae a feliz remate o croché?

O acaso deu a Trancoso uma sorte de cincoenta contos na loteria. Não se riam. Porque motivo não havia Trancoso de ser o escolhido, se a sorte é cega e elle tinha no bolso um bilhete? Ganhou os cincoenta contos, dinheiro, para um pé-atras ⁽²⁴⁾ d'aquella marca, significativo de grande riqueza.

De posse da maquia, após semanas de tonteira, deliberou afazendar-se. Queria tapar a bocca ao mundo, realizando coisa jamais passada pela sua cabeça: comprar fazenda.

Correu em revista quantas visitára durante os annos de malandragem, propendendo, afinal, para a Espiga. Ia nisso, sobretudo, a lembrança da menina, dos bolinhos da velha, e a idéa de metter na administração ao sogro, de geito a folgar-se uma vida vadia de regalos, embalada pelo amor da Zilda e pelos requintes culinarios da sogra.

Escreveu, pois, ao Moreira annunciando-lhe a volta, afim de fechar-se o negocio.

Ai, ai, ai! Quando tal carta penetrou na Espiga houve rugidos de colera com entremeio de bufos de vingança.

(24) Vagabundo.

— E' agora! disse o velho. O ladrão gostou da pan-dega e quer repetir a dóse. Mas d'esta feita curo-lhe a balda, ora se curo! concluiu, esfregando as mãos no antegoso da vingança.

No murcho coração da pallida Zilda, entretanto, bateu um raio de esperança. A noite de su'alma alvo-rejou ao luar de um "Quem sabe?"

Não se atreveu, todavia, a arrostar a colera do pai e do irmão, concertados ambos num tremendo ajuste de contas. Confiou no milagre. Accendeu outra velinha a Santo Antonio...

O grande dia chegou. Trancoso rompeu pela fazenda, caracolando o Rosilho.

Desceu Moreira a esperal-o em baixo da escada, de mãos ás costas.

Antes de soffrear as redeas, já o amavel patife abria-se em exclamações.

— Ora viva, caro Moreira! Chegou emfim o grande dia. Desta vez, compro-lhe a fazenda.

Moreira tremia. Esperou que o biltre apeasse e, mal Trancoso, lançando as redeas, dirigiu-se para elle, de braços abertos, todo risos, o velho saca de sobre o jaleco um rabo de tatú e rompe-lhe para cima com impeto de queixada.

— Queres fazenda, grandessissimo tranca? Toma, toma fazenda, ladrão! — e "lepte", "lepte", finca-lhe rijas rabadas colericas.

O pobre rapaz, tonteado pelo imprevido da aggressão, corre ao cavallo e monta ás cegas, de passo

que Zico lhe sacode no lombo nova série de lambadas de aggravadissimo ex-quasi-cunhado.

Dona Izaura atiça-lhe cães:

— Péga, Brinquinho! Férra, Joli!

O mal azarado comprador de fazendas, acuado como raposa em terreiro, dá de esporas e foge a toda, sob um chuveiro de insultos e pedras.

Ao cruzar a porteira inda teve ouvidos para distinguir entre a grita os desafôros esganiçados da velha:

— Comedor de bolinhos! Papa-manteiga! Toma! Em outra não has de cair, ladrão de ovo e cará!...

E Zilda?

Atrás da vidraça, com os olhos pisados do muito chorar, a triste menina viu desaparecer para sempre, envolto em nuvens de pó, o cavalleiro gentil dos seus dourados sonhos.

Moreira, o caipora, perdia assim naquelle dia o unico negocio bom que durante a vida inteira lhe deparára a Fortuna: o duplo descarte — da filha e da Espiga...

O E S T A F E T A

A politica do coronel Evandro, em Itaóca, desmorroneou des'que em tal pleito o seu rival Fidencio, tambem coronel, ergueu a cotação dos votos de gravata a quinhentos mil réis e os de pé no chão a dois pares de roupa, mais um chapéu.

O primeiro acto do vencedor foi demittir tudo quanto era demissivel em materia de funcionalismo publico. Entre os roçados estava a gente do correio, inclusive o estafeta, para cuja substituição inculcou-se ao governo o Izé Biriba.

Era este Biriba um caranguejo humano, lerdo de maneiras e atolambado de idéas, com dois precalços tremendos na vida: — a politica e o topete.

O topete era um palmo de grenha teimosa em lhe cahir sobre a testa, e tão insistente nisto que gastava elle metade do dia erguendo a mão esquerda á altura da frente para, num movimento machinal, botar p'r'arriba a crina rebelde. A politica escusa dizer o que é.

Colligados ambos, topete e politica, comiam-lhe o tempo inteiro, de geito a não sobrar a Biriba folga nenhuma para o amanho do sitio, que, afinal, roido pelo cupim da hypotheca, lá foi parar ás mãos d'um calabrez velhaco.

Montou em seguida botequim, mas falliu. Emquanto arrumava o topete, os freguezes surrupiavam-lhe os mata-bichos; e nas cavaqueiras politicas os correligio-

narios, de passo que expelliam diatribes contra o governo, sorviam capilés refrescantes e mascavam bolinhos de peixe á conta da victoria futura.

Além do topete tinha Biriba o sestro do “sim senhor” alçado ás funcções de virgula, ponto e virgula, dois pontos e ponto final de todas as parvoçadas emitidas pelo parceiro; e, ás vezes, pelo habito, quando o freguez, parando de falar, entrava a comer, continuava elle escandindo a “sim senhores” a mastigação do bolinho filado.

Ao tempo da quéda do outro e subida da sua gente, andava reduzido á conspicua posição de phosphoro eleitoral.

No pleito trabalhou como nenhum. Deram-lhe as peiores missões — acuar eleitores tabareus embibocados nos socavões ⁽¹⁾ das serras invias, negociar-lhes a consciencia, debater preço de votos, barganhal-os com eguas lazarentas e provar aos desconfiados, com argumentos de cochicho ao ouvido, que o “governo estava com elles”.

Após a victoria sentiu Biriba, pela primeira vez na vida, um goso integral de coração, cabeça e estomago.

Vencer! Oh, nectar! Oh, ambrosia incomparavel!

O nosso Biriba regalou as visceras com o petisco dos deuses. Até que emfim os negrores da sua vida de miserias alvorejavam em aurora. Comer á farta, serrar de cima... Delicias da victoria!

Que lhe daria o chefe?

(1) Encafuados, mettidos em bibocas.

No antegoso da sinecura imminente, viveu a rebo-lar-se em cama de rosas até que rebentou sua nomea-ção para o cargo de estafeta.

Sem quêda para aquillo, quiz reluctar, pedir mais; entretanto, na conferencia que teve com o chefe, as ob-jecções que lhe chegavam á bocca transmutavam-se no habitual “sim senhor”, de modo a convencer o coronel de que realizava um formoso ideal.

— Veja, Biriba, quanto vale a felicidade! Pilha um empregão! Vae o Regino para agente e você para estafeta.

O mais que poude allegar foi que não tinha caval-gadura.

— Arranja-se, resolveu de prompto o coronel; te-nho lá uma egua moira, passo picado, legitima, que vale duzentos mil réis. Por ser para você, dou-a por metade. O dinheiro? E’ o de menos. Tome emprestado ao Lean-drinho. Arranja-se tudo, homem!

O arranjo foi adquirir Biriba uma egua trotona pelo dobro do valor, com dinheiro tomado a tres por cento ao mez ao tal Leandro, que outra cousa não era senão o testa de ferro do proprio Fidencio. Dess’arte, carambolando, o matreiro chefe punha a juros o peor sendeiro da fazenda, além de conservar o pobre esta-feta preso pela ancora da gratidão.

Iniciou Biriba o serviço: seis leguas diarias a fa-zer hoje e a desfazer amanhã, sem outra folga além do ultimo dia dos mezes impares (2).

(2) Certos estafetas fazem a viagem de ida nos dias impares, e a de vinda nos pares; de modo que descansam um dia, quando ha dois impares seguidos, 31 e 1.

Inda bem se fôra devorar as leguas na só companhia da chupada mala postal. Mas não lhe sahiu serena assim a empreza. Como Itaóca não passasse de mesquinho logarejo, empoleirado no espinhaço da serra e desprovido de tudo, não transcorria vez sem que amigos politicos o precurassem com encommendas a aviar na cidade. A' hora de partir surgiam aproveitadores com listinhas de miudezas, ou pretinhos com recados.

— Sinhá disse assim p'r'a suncê comprar tres carreteis de linha cincoenta, um papel de agulhas, uma peça de cadarço branco, cinco maços de grampo miudo e, se sobejar um tostão, p'ra trazer uma bala de apito p'r'o são Juquinha.

Muitas vezes todos aquelles artigos existiam em Itaóca, um tantinho mais caros, porém; o encommendal-os fôra visava apenas a economia do tostão da bala de apito.

— Sim senhor, sim senhor...

Não lhe escapava da bocca outra palavra, embora o exasperasse a continuada repetição do abuso.

Além das pequenas encommendas, pouco trabalhosas, surgiam outras, de vulto, como levar um cavallo arreiado ao sr. Fulano que vinha em tal dia, acompanhar a mulher de Etcetrano, e que taes. A Tiburcia, cozinheira preta do collecter, cada vez que ia de férias descançar á cidade, era o Biriba o indicado para conduzil-a.

Foi como o conheci, guardando costas ás amazonas. De viagem para Itaóca, a meio caminho tópo um homem encavalgado na mais avariada egua que já-mais viram meus olhos. A' garupa iam malas do cor-

reio e varios picuás (3); no sant'antonio (4), mais picuás, além d'uma vassoura nova, enganchada nos arreios com a palha para cima. Estava parado, em attitude idiotizada, segurando pelo cabresto um cavallinho de silhão (5). Abordei-o, pedindo fogo. Acceso o cigarro, indaguei de quem montava a cavalgadura vazia.

— “Não vê” que estou acompanhando a dona Engracia, que é parteira em Itaóca. Ella apeou um bocadinho e...

Ouvi rumor atrás: sahia do matto uma mulheraça rubida, de saias tufadas de gomma, tendo na cabeça um toucadinho coevo de S. M. Fidelissima (6)... Para não vexal-a puz-me a caminho, não sem, voltando a cara de soslaio, regalar-me com os apuros do estafeta para entalar sobre as andilhas (7) as sete arrobas da gordissima dona Engracia.

E descomposturas.

— São Biriba, não foi linha quarenta que eu encommendei. O senhor parece bôbo!

Quando a fazenda era má:

— Não viu que a chita desbotava? Que moda!

Doia-lhe, sobretudo, carretear para a execravel gente da opposição. O coronel contrario não se pejava de, por intromissão de terceiro, neutro ou opposicionista encapotado, abusar da boa fé do martyr.

(3) Sacco de viajar a cavallo.

(4) Cabeça dos arreios.

(5) Sella de mulher.

(6) D. João VI.

(7) O mesmo que silhão.

Lembrava-se Biriba, com dôr d'alma, de um bóde de raça que lhe déra grandes trabalhos pelo caminho — e varias marradas de lambuja; afinal, chegando, verificou que vinha o caprino destinado ao inimigo.

Toda a gente gosou do caso entre espirros de riso e galhofa.

— E' um "pax-vobis" este Biriba! Trazer o bóde da opposição! Quiá! Quiá! Quiá!

Estas e outras foram-lhe azedando os fígados e visceras circumvizinhas. Biriba emmagreceu. Biriba amarellou.

A egua, coitada, perdeu a feição cavallar. Seu lombo sellára (8) em meia lua, de modo que por um nadinha não raspavam o chão os pés do cavalleiro. Montado, Biriba afundava. Sua cabeça cahia quasi ao mesmo nivel d'uma linha tirada da anca ás orelhas. Horrendamente pisada, a miseranda bicha trazia nos olhos permanentes lagrimas de dôr; mas em vez de tanta mazella mover ao dó os corações duros dos itaóquenses, regalava-os, e eram chufas sem fim e piadas idiotas acerca do "Estafeta da Triste Figura mais a sua Bucephala", como os baptisou um engraçado local.

Lazarento como elles, só o Cunegundes, cachorro sem dono, coberto de sarna, que perambulava a esmo pela cidade, fugindo de moscas e pontapés. Pois não lhe mudaram o nome para Biribinha? Cachorrada!

Não tardou viesse o governo dar sua voltinha ao torniquete, cortando dez mil réis no ordenado dos es-

(8) Arqueara.

tafetás, para salvar-se em certa occasião de apuros financeiros. E salvou-se, esta é que é!...

Roupa, no fio. A' entrada das chuvas uma alma caridosa presenteou Biriba com uma velha capa de bor-racha; mas ao primeiro aguaceiro verificou o presenteadado que tal capote vasava como peneira, de modo a peiorar-lhe a situação com a sobrecarga d'um pannejamento absorvedor de varios litros d'agua.

Biriba, perdida a paciencia, murmurou.

Ai! Soube-o logo o chefe, e fel-o vir a contas.

— E' certo que o senhor me anda arrenegando do emprego que lhe demos? Queria, acaso, ser eleito senador ou vice-presidente? Um pedaço de porcalhão que andava ahí lambendo embira ⁽⁹⁾, morre não morre de fome, passa, por generosidade nossa, a occupar um cargo federal, com direito a aposentadoria, ordenado relativamente bom (aquí Biriba tossiu um... "sim senhor"), encontra todas as facilidades, recebe um bom animal e ainda se queixa? Que quer, então, Vossa Excellencia?

Biriba entumeceu-se de coragem e declarou querer uma coisa só: a demissão. Estava doente, surradissimo, ameaçado de perder a egua e as nadegas de um momento para outro. Queria mudar de vida.

— Muda-se, então, de vida, assim do pé para a mão? Quer abandonar os amigos? E a disciplina partidaria, onde fica, meu caro palerma?

Não convinha a ninguem a sahida do Biriba.

(9) Lamber embira, diz-se de quem está sem recursos, prestes a cahir na miseria.

Quem, mais serviçal? Lembravam-se dos estafetas anteriores, malcriados, inimigos de trazer um papel d'agulha fosse para quem fosse. Não sahiria. Itaóca impunha-lhe o sacrificio.

Mas a tortura do diario chocalhar por sete leguas das visceras do Biriba, acabou por desconjuntar nelle o cimento da lealdade politica. O martyr abriu os olhos. Lembrou-se com saudades dos ominosos tempos do coronel Evandro, das delicias do botequim e até do calamitoso periodo da degradação phosphorica. Peiorára após a victoria, não havia duvida.

Este livre exame de consciencia — crêde-me — foi o inicio da quédã do coronel Fidencio. Biriba, o firme esteio, apodrecia pelo nabo ⁽¹⁰⁾. Viria abaixo e com elle a cumieira do pardieiro politico. Na sua alma vascolejada, a vibora da trahição armaria ninho...

Como o novo pleito se approximasse, nova victoria seria para o estafeta novo triennio de martyrio. Biriba ponderou de si para sua egua que a salvação de ambos estava na derrota. Demittiam-no e elle, veterano e martyr do fidencismo, continuaria com jus ao apoio do partido, sem padecer por via coccygeana o contacto odioso das seis horas diarias de socado ⁽¹¹⁾.

Deliberou trahir.

Na vespera da eleição incumbira-o Fidencio de trazer da cidade um papel importantissimo para o tribofe das urnas. Sei lá o que era! Um "papel". A palavra

(10) O nabo de um estelo é a extremidade mais grossa que vae enterrada.

(11) Especie de arreios; lombilho.

“papel”, dita assim em tom de mysterio, traz no bojo “coisas”...

Tudo dependia d’esse “papel”, e tanto, que a missão do Biriba era secreta. Fidencio frisou a gravidade da incumbencia — a maior prova de confiança jamais dada por elle a um cabo eleitoral.

— Veja lá! A nossa sorte está nas suas mãos. Isto é que é confiança, hein?

Partiu Biriba. Recebeu na cidade o “papel” e rodou para trás.

A meio caminho, porém, tomou uma errada, foi ter á biboca ⁽¹²⁾ d’um negro velho, soltou a egua e pegou de prosa com o gorilla. Cahiu a noite e Biriba deixou-se ficar. Alvoreceu o dia seguinte, e Biriba quieto. Dez dias se passaram assim. Ao cabo, arreiou a egua, montou e botou-se para Itaóca como se nada houvéra acontecido.

Foi um assombro a sua apparição. Baldadas as tentativas para apanhal-o no dia do pleito, e nos posteriores, deram-no todos como papado pelas onças, elle, egua, mala postal e “papel”. Vel-o agora surgir, sãozinho e socegado, foi um abrir de bocca e um pasmar á villa inteira. Que foi? Que não foi?

Biriba, a todas as perguntas, armava na cara a suprema expressão da idiotia. Nada explicava. Não sabia de nada. Somno cataleptico? Feitiço? Não comprehendia o succedido. Afigurava-se-lhe ter partido na vespera e estar de volta no dia certo.

Ficaram todos maravilhados, com asnissimas caras.

(12) Tugurio, casebre, choça.

Fidencio delirava na cama, com febre cerebral. Perdera a eleição redondamente. “Derrota fedida”, arrotavam os do Evandro, atuchando foguetes de assobio.

Em consequencia do inexplicavel eclipse do estafeta, senhareou-se do rebenque o ex-ominoso Evandro.

Começou a derrubada. O olho da rua recebeu em seu seio tudo quanto cheirava a fidencismo.

A vassoura da demissão, porém, poupou a... Biriba.

O novo cacique aproximou-se d'elle e disse:

— Demitti toda a canalha, Biriba, menos a você. Você é a unica cousa que se salva da quadrilha do Fidencio. Fique socegado que do seu lugarzinho ninguem o arranca, nem que o céu chova torqueses!

Biriba, pela derradeira vez em Itaóca, balbuciou o “sim senhor”. A’ noite deu um beijo no focinho da egua e sahiu de casa pé ante pé. Ganhou a estrada e sumiu-se.

E nunca mais ninguem lhe pôz a vista em cima...

A S F I T A S D A V I D A

Perambulavamos ao sabor da phantasia, pela noite a dentro, através das ruas feias do Braz (1), quando nos empolgou a silhueta escura d'uma pesada mole tijolacea, com ares de usina vazia de machinismos.

— Hospedaria de Immigrantes.

— E' aqui, então...

Parámos a contemplal-a. Era alli a porta do Oeste paulista — Chanaan onde o ouro espirra do solo; era alli a ante-sala da Terra Roxa — essa California do rubidio (2), oasis côr de sangue coagulado, onde cresce a arvore do Brasil de manhã; era alli o ninho da nova raça, liga, amalgama, juxtaposição de elementos ethnicos que temperam o néo-bandeirante industrial, anti-jéca, anti-modorra, vencedor da vida á moda americana.

Onde pairam os nossos Walt Whitmans (3), que não vêem estes aspectos novos do paiz e os não põem em cantos?

Que chronica, que poema não daria aquella casa da Esperança e do Sonho! Por ella passaram milhares de criaturas humanas, de todos os paizes e de todas as raças, miseraveis, sujas, com o estigma das privações

(1) Bairro de S. Paulo.

(2) Metal que existe no café, caracterizado no espectroscopio por duas faixas vermelhas.

(3) Poeta norte-americano, que cantou os aspectos modernos, e tidos como prosaicos, da civilização.

impresso nas faces, mas reffloridas de esperança ao calor do grande sonho da America. No fundo, heróes, porque só os heróes esperam e sonham.

Emigrar: não existe fortaleza maior do que esta. Só os fortes se atrevem a tanto. A miseria da terra natal cansa-os e elles se atiram á aventura do desconhecido, fiando na paciencia dos musculos a victoria da vida. E vencem.

Ninguem, ao vel-os na Hospedaria, promiscuos, humildes, quasi musulmanos na surpresa da terra estranha, imagina o potencial de energias accumulado nelles e só á espera de ambiente propicio para eclosões magnificas.

Cerebro e braço do progresso americano, gritam o Sésamo (4) ás nossas riquezas adormidas. Estados Unidos, Argentina, S. Paulo devem dois terços do que são a essa varredura humana, trazida a granel para aterrar os vazios demographicos das regiões novas. Mal cahe aqui, transforma-se, floresce, dá de si a apojadura farta com que se aleita a Civilização.

Por alli desfilam, inconscientes, os formadores d'uma raça nova.

Aquella Hospedaria... casa do Amanhã — corredor do Futuro...

— Dei-me com um antigo director d'esta almarrarra, disse o meu companheiro, e d'elle ouvi muita coisa interessante acontecida cá dentro. Sempre que passo por aqui, avivam-se-me na memoria varios episodios suggestivos, e entre elles um romantico, pathetico,

(4) Palavra magica, a cuja pronuncia as portas se abrem.

que até parece arranjo para terceiro acto de dramalhão lacrimogeneo.

O romantismo, meu caro, existe na natureza, não é invenção dos Hugos (5); e agora que elle se fez cinema, posso assegurar-te que muitas vezes a vida plagia o cinema, escandalosamente.

Foi em 1906, mais ou menos. Chegára do Ceará, então flagellado pela secca, uma leva de retirantes com destino á lavoura de café, na qual havia um cego, velho de mais de sessenta annos. Na sua categoria dolorosa de indesejavel (6), por que cargas d'agua dera com os costados aqui? Erro de expedição, evidentemente. Retirantes (7) que emigram não merecem grande cuidado dos prepostos ao serviço. Vêm a granel (8), como carga incommoda que entope o navio e cheira mal. Não são passageiros, mas fardos de couro fresco com carne magra por dentro, a triste carne do trabalho, irmã da carne de canhão...

Interpellado o cego por um funcionario da Hospedaria, explicou sua presença por engano de despacho. Destinavam-no ao Asylo dos Invalidos da Patria, no Rio, mas pregaram-lhe nas costas a papeleta do "Para o eito", e lá veio. Não tinha olhos para se guiar, nem teve olhos alheios que o guiassem. Triste destino, o dos cacos de gente...

(5) Victor Hugo, chefe da reacção romantica.

(6) Indesejavel é o individuo a quem as leis que regulam a immigração recusam entrada.

(7) Victimias das seccas que se retiram para outras zonas.

(8) Mercadoria que vem a granel é a que vem solta nos porões, não ensaccada ou enfardada.

— Por que para o Asylo dos Invalidos? perguntou o funcionario. E' voluntario da Patria (9)?

— Sim, respondeu o cégo, fiz cinco annos de guerra no Paraguay e lá apanhei a doença que me poz a noite nos olhos. Depois que ceguei cahi no desamparo. Para que presta um cégo? Um gato sarnento vale muito mais...

Pausou uns instantes, revirando nas orbitas os olhos esbranquiçados. Depois:

— Só havia no mundo um homem capaz de me socorrer: o meu capitão. Mas esse, perdi-o de vista. Si o encontrasse — tenho a certeza! — até os olhos me era elle capaz de reviver. Que homem! Minhas desgraças todas vêm de eu ter perdido meu capitão...

— Não tem familia?

— Tenho uma menina — que não conheço... Quando veio ao mundo, já meus olhos eram trevas...

Baixou a cabeça branca, tomado de subita amargura.

— Daria o que me resta de vida para vel-a um instantinho, siquer. Si meu capitão...

Não concluiu. Percebera que o interlocutor já estava longe, attendendo ao serviço, e alli ficou immerso na tristeza infinita da sua noite sem estrellas.

O incidente, entretanto, impressionára o funcionario, que o levou ao conhecimento do director. O director da Immigração era, nesse tempo, o major Carlos, nobre figura de paulista dos bons tempos, providencia

(9) Soldados que faziam a guerra do Paraguay.

humanizada d'aquelle departamento. Ao saber que o cego fôra um soldado de 70 (10), interessou-se pelo caso e foi em pessoa procural-o. Encontrou-o immovel, immerso nas eternas scismas.

— Então, meu velho, é verdade que fizeste a campanha do Paraguay?

O cego ergueu a cabeça, tocado pela voz amiga.

— Verdade, sim, meu patrão. Fui soldado do 33.

— O 33 de S. Paulo? Como isso, si és do norte? — objectou o major.

— Verdade, sim, meu patrão, explicou o cego. Vim no 13 e logo depois de chegar ao imperio dos Lopes (11) entrei em fogo (12). Tivemos má sorte. Na batalha de Tuyuty nosso batalhão foi dizimado como milharal em tempo de chuva de pedra. Salvámo-nos, eu e mais um punhado de camaradas. Fomos então incorporados ao 33 paulista, afim de preencher os claros, e nelle fiz o resto da campanha.

O major Carlos, tambem elle, era veterano do Paraguay, e por coincidencia servira no 33. Interessou-se, pois, vivamente pela historia do cego, pondo-se a interrogal-o a fundo.

— Quem era o teu capitão?

O cego suspirou.

— Meu capitão era um homem que, si eu o encontrasse na vida, até a vista era capaz de me restituir! Mas não sei d'elle, perdi-o, para mal meu...

(10) 1870, ultimo anno da guerra do Paraguay.

(11) Apesar de republica, muitos soldados chamavam imperio á terra de Solano Lopes, e de seu antecessor Carlos Antonio Lopes.

(12) Entrei em combate.

— Como se chamava?

— Capitão Boucault.

O major, ao ouvir esse nome, sentiu electrizarem-se-lhe as carnes num arrepio intenso; dominou-se, porém, e proseguiu:

— Conheci-o. Foi meu companheiro de regimento. Máo homem, por signal, duro para com os soldados, grosseiro...

O cégo, até alli vergado na attitude humilde de mendigo, ergueu o busto altivamente e, com a indignação a fremir na voz, disse, com firmeza:

— Páre ahi! Não blaspheme! O capitão Boucault era o mais leal dos homens, amigo, pai do soldado. Peto de mim ninguem o insulta! Conheci-o em todos os momentos, acompanhei-o durante annos como sua ordenança e nunca o vi praticar o menor acto de vileza!

O tom firme do cégo commoveu estranhamente o major. A miseria não conseguira romper no velho soldado as fibras heroicas da lealdade, e não ha espectáculo mais arrebatador do que o de uma lealdade assim vividoira até aos limites extremos da desgraça. O major, quasi rendido, sobreteve por alguns momentos. Depois, friamente, proseguiu na experiencia.

— Enganaste-te, meu velho. O capitão Boucault era um covarde!...

Um assomo de colera transformou as feições do cégo. Seus olhos, annueados pela catarata ⁽¹³⁾, revolveiram-se nas orbitas, num horrivel esforço para ver a

(13) Molestia nos olhos que traz a cegueira.

cara do infame detractor. Seus dedos se crisparam e todo elle se retezou como fera prestes a desferir o bote. Depois, sentindo pela primeira vez em toda a plenitude a infinita fragilidade dos cégos, recahiu em si, esmagado. A colera transfez-se-lhe em dôr, e a dôr assomou-lhe aos olhos sob fórma de lagrimas. E, lacrimejando, murmurou em voz apagada:

— Não se insulta assim um cégo...

Mal pronunciára estas palavras, sentiu-se apertado nos braços do major, tambem em lagrimas, que dizia:

— Abraça, amigo, abraça o teu velho capitão! Sou eu o antigo capitão Boucault!...

Na duvida, aparvalhado ante o imprevisto desenlace e como receioso d'uma insidia, o cégo vacillava.

— Duvidas? exclamou o major. Duvidas de quem te salvou a nado na passagem do Tebiquary?

A'quellas palavras magicas a identificação se fez, e, esvaecido de duvidas, chorando como uma criança, o cégo abraçou-se com os joelhos do major Carlos Boucault, a excluir, num desvario:

— Achei meu capitão! Achei meu pai! Minhas desgraças se acabaram!...

.

E acabaram-se, de facto.

Mettido num hospital, sob os auspicios do major, lá soffreu a operação da catarata e readquidiu a vista.

Que impressão a sua, quando lhe tiraram a venda dos olhos! Não se cansava de "vêr", de matar as saudades da retina. Foi á janella e sorriu para a luz que in-

nundava a natureza. Sorriu para as arvores, para o céu, para as flores do jardim. Resurreição!...

— Eu bem dizia! exclamava a cada passo, eu bem dizia que si encontrasse o meu capitão estaria findo o meu martyrio. Posso agora ver a minha filha! Que felicidade, Meu Deus!...

.
E lá voltou para a terra dos verdes mares bravios, onde canta a jandaia ⁽¹⁴⁾. Voltou a nado — nadando em felicidade. A filha, a filha!...

— Eu não dizia? Eu não dizia que si encontrasse o capitão até a luz dos olhos me havia de voltar?

(14) Expressão de José de Alencar para indicar o Ceará.

O D R A M A D A G E A D A

Junho. Manhã de neblina. Vegetação entanguida de frio. Em todas as folhas o recamo de diamantes com que as adereça o orvalho.

Passam colonos para a roça, retransidos, deitando fumaça pela bocca.

Frio. Frio de geada, d'esses que matam passarinhos e nos poem sorvete dentro dos ossos.

Sahiramos cedo, a ver cafezaes; e alli parámos, no viso do espião, ponto mais alto da fazenda. O major dobrando o joelho sobre a cabeça do socado, voltou o corpo para o mar de café, aberto ante nossos olhos e disse, num gesto largo:

— Tudo obra minha, veja!

Vi. Vi e comprehendi-lhe o orgulho, sentindo-me orgulhoso tambem de tal patricio. Aquelle desbravador de sertões era uma força creadora, d'essas que ennobrecem a especie humana.

— Quando adquiri esta gleba, era tudo matta virgem, de ponta a ponta. Roicei, derrubei, queimei, abri caminhos, rasguei vallos, estiquei arame, construi pontes, ergui casas, arrumei pastos, plantei café — fiz tudo. Trabalhei como negro captivo durante quatro annos a fio. Mas venci. A fazenda está formada, veja!

Vi. Vi o mar de café, ondulando pelos seios da terra, disciplinado em fileiras de absoluta regularidade. Nem uma falha! Era um exercito em pé de guerra.

Mas, bisonho ainda. Só no anno vindouro entraria em campanha. Até alli, os primeiros fructos não passavam de escaramuças de colheita. E o major, chefe supremo do exercito verde por elle creado, disciplinado, preparado para a batalha decisiva da primeira safra grande, a que liberta o fazendeiro dos onus da formação, tinha um olhar orgulhoso de pai deante de filhos que não mentem á estirpe.

O fazendeiro paulista é alguma coisa séria no mundo. Sua energia crêa. Cada fazenda é uma victoria sobre a fereza retractil dos elementos brutos, colligados na defeza da virgindade aggredida. Seu esforço de gigante nunca foi contado nem siquer lembrado pelos nossos poetas, mas muita epopéa por ahi ha que não vale a d'estes heróes do trabalho silencioso. Tirar uma fazenda do nada é proeza formidavel. Alterar a ordem da natureza, vencel-a, impor-lhe uma vontade, canalizar-lhe as forças de accôrdo com um plano pre-estabelecido, dominar a replica eterna do matto damninho, disciplinar os homens da lide, quebrar a força das pragas... — batalha sem tréguas, sem fim, sem momento de repouso e, o que é peor, sem a certeza plena da victoria. Colhe-a muitas vezes o credor, um onzeneiro que adeantou uns patacos carissimos e ficou a seu salvo na cidade, mãos encruzadas na barriga, de cócoras num titulo de hypotheca, espiando o momento opportuno para cahir sobre a presa como um gavião.

— Realmente, major, isto é de enfunar o peito! E' deante de espectaculos d'estes que vejo a mesquinharia dos que, lá fóra, commodamente parasitam o trabalho do agricultor.

— Diz bem. Fiz tudo, mas o lucro maior não é meu. Tenho um socio voraz que me lambe, elle só, um quarto de producção: o imposto. Sangram-na, depois, as estradas de ferro — mas d'estas não me queixo, que dão alguma coisa em troca. Já não digo o mesmo dos tubarões do commercio, esse cardume de intermediarios que começa alli em Santos, no zangão, e vae, numa cadeia, até ao torrador americano. Mas não importa! O café dá para todos, dá até para a besta do producer... concluiu, pilheriando.

Tocámos os animaes a passo, com os olhos sempre presos no cafezal intermino. Sem um defeito de formação, as parallelas de verdura ondeavam, acompanhando o relevo do solo, até se confundirem ao longe, em massa uniforme. Verdadeira obra d'arte em que o homem, sobrepondo-se á natureza, lhe impunha o rythmo da symetria.

— No entanto, continuou o major, a batalha ainda não está ganha. Contrahi dividas; a fazenda está hypothecada a judeos francezes. Não venham colheitas fartas e serei mais um vencido pela fatalidade das coisas. A natureza, depois de subjugada, é mãe: mas o credor é sempre carrasco...

A espaços, perdidas na onda verde, perobeiras sobreviventes erguiam fustes contorcidos, como galvanizadas pelo fogo numa convulsão de dôr. Pobres arvores! Que destino triste, verem-se um dia arrancadas á vida em commum, e insuladas na verdura rastejante do café, como rainhas escravas á cola de um carro de triumpho! O'rphãs da matta nativa, como não hão de chorar o conchego de outr'ora? Vêde-as. Não têm o des-

garre, o frondoso de copa das que nascem em campo aberto. Seu engalhamento, feito para a vida apertada da floresta, parece agora grotesco; sua altura desmesurada, em desproporção com a fronde, provoca o riso. O excesso de ar as atordôa, o excesso de luz as martyrizas — affeitas que estavam ao espaço exiguo e á penumbra somnolenta d'um *habitat* millenario.

Fazendeiros desalmados — não deixeis nunca arvores nûas pelo cafezal... Cortae-as todas, que nada mais pungente do que forçar uma arvore a ser grotesca.

— Aquella perobeira alli, disse o major, deixei-a para assignalar o ponto de partida d'este talhão. Chama-se a peroba do Ludgero, um bahiano valente que morreu ao pé d'ella, estrepado numa jissara (1)...

Tive a visão do livro aberto que seriam para o fazendeiro aquellas paragens, e disse:

— Como tudo aqui lhe ha-de falar á memoria!

— E' isso mesmo. Tudo me fala á recordação. Cada tôco de páo, cada pedreira, cada volta do caminho tem uma historia que sei, tragica ás vezes, como essa da peroba, ás vezes comica — pittoresca sempre. Alli... — está vendo aquelle tôco de jerivá (2)? Foi por uma tempestade de fevereiro. Eu abrigara-me num rancho coberto de sapé, e lá, em silencio, esperavamos, eu e a turma, o fim do diluvio, quando estalou um raio, quasi em cima das nossas cabeças.

— “Fim do mundo, patrão!” — lembro-me que disse, numa careta de pavor, o defunto Zé Coivara...

(1) Coqueiro.

(2) Coqueiro.

E parecia!... Mas foi apenas o fim de um velho coqueiro, do qual resta hoje — *sic transit*... esse pobre tóco... Cessada a chuva, encontrámo-lo desfeito em ripas.

Mais adiante abria-se a terra em bossoróca (3) vermelha, esbarrondada em colleios até morrer no corre-go. O major apontou-a, dizendo:

— Scenario do primeiro crime commettido na fazenda. Rabo de saia, já se sabe. Nas cidades e na roça, pinga e saia são o movel de todos os crimes. Esfaquearam-se aqui dois cearenses. Um acabou no lugar; outro cumpre pena na correição. E a saia, muito contente da vida, mora com o *tertius*... A historia de sempre.

E assim, de evocação em evocação, ás suggestões que pelo caminho iam surgindo, chegámos á casa de moradia, onde nos esperava o almoço. Almoçámos, e não sei si por bôa disposição creada pelo passeio matutino ou si por merito excepcional da cozinheira, o almoço d'esse dia ficou-me na memoria gravado para sempre. Não sou poeta, mas si Apollo algum dia me der na cabeça o estalo do padre Vieira (4), juro que antes de cantar Lauras e Natercias hei-de fazer uma belleza de ode á linguaça com angú de fubá mimoso d'esse almoço sem par, unica saudade gustativa com que des-cerei ao tumulo...

Em seguida, emquanto o major attendia á correspondencia, sahi a espairecer pelo terreiro, onde me puz de conversa com o administrador. Soube por elle da

(3) Buracões que as aguas pluviaes abrem em certas terras.

(4) Conta uma lenda que o padre Antonio Vieira em menino era pouco intelligente, mas um dia deu-lhe um estalo na cabeça e ficou um portento.

hypotheca que onerava a fazenda e da possibilidade de outro, não o autor, vir a colher o fruto do penoso trabalho.

— Mas isso, esclareceu o homem, só no caso de muito azar — chuva de pedra ou geada, d'aquellas que não vêm mais.

— Que não vêm mais, por que?

— Porque a ultima geada grande foi em 95. D'ahi para cá as coisas endireitaram. O mundo, com a idade, muda, como a gente. As geadas, por exemplo, vão-se acabando. Antigamente ninguem plantava café onde o plantamos hoje. Era só de meio morro acima. Agora, não. Viu aquelle cafezal do meio? Terra bem baixa; no entanto, si bate geada alli, é sempre coisinha — um tostado leve. De modo que o patrão, com uma ou duas colheitas, paga a divida e fica o fazendeiro mais “prepotente” (5) do municipio.

— Assim seja, que grandemente o merece, conclui.

Deixei-o. Dei umas voltas, fui ao pomar, estive no chiqueiro vendo brincar os leitõeszinhos e depois subi. Estava um preto dando nas venezianas da casa a ultima demão de tinta. Por que será que as pintam sempre de verde?

Incapaz por mim de solver o problema, interpellei o preto, que não se embaraçou e respondeu, sorrindo:

— Pois veneziana é verde como o céu é azul. E' da natureza d'ella...

Acceitei a theoria e entrei.

(5) De uso popular, por importante.

A' mesa a conversa gyrou em torno da geada.

— E' o mez perigoso, este, disse o major. O mez da afflicção. Por maior firmeza que tenha um homem, tre-me nesta época. A geada é um eterno pesadelo. Felizmente a geada não é mais o que era dantes. Já nos permite aproveitar muita terra baixa em que os antigos nem por sombra plantavam um só pé de café. Mas, apesar d'isso, um que facilitou, como eu, está sempre com a pulga atrás da orelha. Virá? Não virá? Deus sabe!...

Seu olhar mergulhou pela janella, numa sondagem profunda ao céo limpido.

— Hoje, por exemplo, está com geito. Este frio fino, este ar parado...

Ficou a scismar uns momentos. Depois, espantando a nuvem, murmurou:

— Não valé a pena pensar nisto. O que tem de ser lá está escripto no livro do destino.

E a geada veio. Não geadinha mansa de todos os annos, mas calamitosa geada cyclica, trazida em ondas da Argentina.

O sol da tarde, mortiço, dera uma luz sem luminosidade, e raios sem calor nenhum. Sol boreal, tiritante. E a noite cahira sem preambulos (6).

Deitei-me cedo, batendo o queixo e na cama, apesar de enleiado em dois cobertores, permaneci entangui-

(6) Em certos dias do inverno a noite cabe sem transição, bruscamente.

do uma bôa hora antes que ferrasse no somno. Acordou-me o sino da fazenda, pela madrugada. Sentindo-me enregelado, com os pés a doerem, ergui-me para um exercicio violento, unico remedio efficaz em casos d'esses. Sahi para o terreiro.

O relento estava de cortar as carnes — mas que maravilhoso espectaculo! Brancuras por toda a parte. Chão, arvores, gramados e pastos eram, de ponta a ponta, um só atalhado branco. As arvores, immoveis, in-teiriçadas de frio. pareciam emersas d'um banho de cal. Rebrilhos de gelo pelo chão. Aguas envidradas. As roupas dos varaes, têsas, como endurecidas em gomma forte. As palhas dos terreiros, os sabugos de ao pé do côcho, a telha dos muros, o topo dos moirões, a vara das cercas, o rebordo das taboas — tudo polvilhado de brancuras, lactescente, como chovido por um sacco de farinha. Maravilhoso quadro! Invariavel que é a nossa paisagem, sempre nos mesmos tons o anno inteiro, encantava sobremodo vel-a de subito mudar e vestir-se d'um esplendoroso véo de noiva — noiva da morte, ai!...

Por algum tempo caminhei a esmo, arrastado pelo esplendor da scena. O maravilhoso quadro de sonho breve morreria, apagado da tela pela esponja de ouro do sol. Já pelos topes e faces de batadeira (7) andavam-lhe os raios na faina de restaurar a verdura. Abriam manchas verdes no branco da geada, dilatavam-nas, entre-mostrando nesgas do verde submerso.

Só nas baixadas, encostas noruegas (8) ou sitios sombreados pelas arvores, é que a brancura persistia

(7) Face dos morros onde sempre bate o sol.

(8) Faces onde não bate o sol.

ainda, contrastando sua nitida frialdade com os tons quentes resurrectos. Vencera a vida, guiada pelo sol. Mas a intervenção do feroso Phebo, apressada demais, transformára em desastre horroroso a nevada d'aquelle anno — a maior de quantas deixaram marca nas embaubeiras (9) de S. Paulo.

A resurreição do verde fôra apparente. Estava morta a vegetação. Dias depois, por toda a parte, a vestimenta do sólo era um burel immenso, onde a sepia (10) exhibia a gamma inteira dos seus tons reseccos. Pontilhava-o apenas, cá e lá, o verde-negro das laranjeiras e o esmeraldino sem-vergonha da vassourinha (11).

Quando regresssei, sol já alto, estava a casa retransida no pavor das grandes catastrophes. Só então me acudiu que o bello espectaculo que eu até alli só encarára pelo prisma esthetico, tinha um reverso tragico: a ruina do heroico fazendeiro. E procurei-o, ansioso.

Tinha sumido. Passara a noite em claro, disse-me a mulher; de manhã, mal clareara, abrira a janella, e lá permanecera immovel, observando o céo através dos vidros. Depois sahira sem ao menos pedir café, como era seu costume. Andava a examinar a lavoura, provavelmente.

Devia ser isso. Mas como tardasse a voltar — onze horas, e nada — a familia entrou-se de apprehensões,

(9) A embauba é muito sensivel á geadá, morre e brota de novo, de modo que pelo exame de seu tronco pode-se ver quantas geadas a arvore supportou.

(10) Cor da palha secca.

(11) Arbusto das capoeiras novas que nada soffre com a geadá.

Meio dia. Uma hora, duas, tres — e nada.

O administrador, que a mandado da mulher sahira a procural-o, voltou á tarde, mas sem noticias.

— Bati tudo, e nem rasto. Estou com medo d'alguma coisa... Vou espalhar gente por ahi, á cata.

D. Anna, afflictica, de mãos enclavinadas, só dizia uma coisa:

— Que será de nós, santo Deus! Quincas é capaz d'uma loucura...

Puz-me em campo, em companhia do capataz. Corremos todos os caminhos, varejamos grótas em todas as direcções — inutilmente.

Cahiu a tarde. Cahiu a noite — a noite mais lugubre da minha vida — noite de desgraça e afflicção.

Não dormi. Impossivel conciliar o somno naquelle ambiente de dôr, sacudido de chôro e soluços.

Certa hora os cães latiram no terreiro, mas silenciaram logo.

Rompeu a manhã, glacial como a da vespera. Tudo appareceu geado novamente.

Veio o sol. Repetiu-se a mutação da scena. Esvaiu-se a alvura, e o verde torrado da vegetação envolveu a paizagem num sudario de desalento.

Em casa repetiram-se o corre-corre do dia anterior — o mesmo vae-e-vem, os mesmos “quem sabe?”, as mesmas pesquizas inuteis.

A' tarde — tres horas — um camarada appareceu, esbaforido, gritando de longe, no terreiro:

— Encontrei! Está perto da bossoróca!...

— Vivo? perguntou o capataz.

— Vivo, sim, mas...

D. Anna surgira á porta e, ao ouvir a bôa nova, exclamou, chorando e sorrindo:

— Bemdito sejas, meu Deus!...

Minutos depois partimos todos de rumo á bossoróca e a cem passos d'ella avistámos um vulto ás voltas com os cafeeiros requeimados. Aproximámo-nos. Era o major.

Mas em que estado! Roupa em frangalhos, cabellos sujos de terra, olhos vitreos e desvairados. Tinha nas mãos uma lata de tinta e uma brocha — tinta e brocha do pintor que andava a olear as venezianas. Comprehendi o latido dos cães á noite...

O major não deu fé da nossa chegada. Não interrompeu o serviço: *continuou a pintar, uma a uma, do risonho verde esmeraldino das venezianas, as folhas requeimadas do cafezal morto...*

D. Anna, estarecida, entreparou attonita. Depois, comprehendendo a tragedia, rompeu em choro convulsivo...

O major enlouquecera.

O JARDINEIRO TIMOTHEO

O casarão da fazenda era ao geito das velhas moradias colonias: — frente com varanda, uma ala e pátio interno. Neste ficava o jardim, também á moda antiga, cheio de plantas antigas, cujas flores punham no ar um saudoso perfume d'antanho (1). Quarenta annos havia que lhe zelava dos canteiros o bom Timotheo, um preto branco por dentro, que os annos começavam a branquear por fóra. Timotheo o plantou quando a fazenda se abria, e a casa inda cheirava a reboco fresco e tintas d'oleo recentes, e desd'ahi — lá se iam quarenta annos — ninguem mais teve licença de pôr a mão em "seu jardim".

Verdadeiro poeta, o bom Timotheo.

Não d'esses que fazem versos, mas dos que sentem a poesia subtil das coisas. Sem o perceber compuzera um maravilhoso poema, onde cada plantinha era um verso que só elle sabia, verso vivo — risonho ao refflorir annual da primavera, desmedrado e soffredor quando junho sibilava no ar os lategos do frio. O jardim tornara-se a memoria viva da casa. Tudo nelle correspondia a uma significação familiar, de suave encanto, e assim foi desd'o começo, ao riscarem-se os canteiros na terra virgem, rescendente á escavação.

(1) Do passado.

O canteiro principal consagrara-o Timotheo ao “Sinhô velho” (2), tronco da estirpe e generoso amigo que lhe dera carta d’alforria (3) muito antes da lei aurea. Nasceu faceiro e bonito, cercado de tijolos novos, recém-vindos do forno para alli inda quentes, e embutidos no chão como rude cingulo (4) de coral; hoje, esses tijolos, semi-desfeitos pela usura do tempo e tão macios que a unha os penetrava, esverdeciam no debrum dos verdes musgos da velhice.

— Velludo de muro velho, é como chama Timotheo a essa muscinea (5) invasora, filha da sombra e da humidade. E é bem isso, por que ella foge sempre aos muros reseccos, vidrentos, esfogueados de sol para estender devagarinho o seu velludo vanguardeiro (6) da tapera sobre os muros alquebrados, de emboço já carcomido pelo caruncho e todo aberto em fendas d’onde espiam lagartixas.

Havia ao centro um nodoso pé de jasmim do Cabo, de galhos negros e copa dominante, ao qual o zeloso guardião nunca permittiu que outra planta vencesse em altura.

— Tenha paciencia, minha negra! — conversava elle com as roseiras de setembro, teimosas em espichar para o céu vergonteadas audazes. Tenha paciencia, que aqui ninguem olha de cima para o “Sinhô velho”.

E sua tesoura afiada punha abaixo, sem dó, todos os rebentos temerarios.

(2) Era como os escravos chamavam aos donos.

(3) Carta de liberdade.

(4) Circulo.

(5) Musgo; da classe das muscineas.

(6) Precursor, que vem na frente.

Cercando o jasmineiro havia uma corôa de periquitos, e outra, menor, de cravinas. Mais nada.

— Elle era homem simples, pouco amigo de complicações. Que fique alli só com o periquito e as irmãzinhas do cravo.

Dos outros canteiros dois eram em fórmula de coração.

— Este é o de Sinhazinha; e como ella um dia hade casar, fica a par d'elle o canteiro do “Sinhô-moço”.

O canteiro da Sinhazinha era de todos o mais garrido, dando bem a imagem de um coração de mulher, rico de todas as flôres do sentimento. Sempre risonho, tinha a propriedade de deter os olhos de quantos penetravam no jardim. Tal qual a moça, que desde menina se habituára a monopolizar os carinhos da familia e a dedicação dos escravos, chegando esta a ponto que, ao romper da liberdade, nenhum teve animo de afastar-se da fazenda. Emancipação? Loucura! Quem, uma vez captivo de Sinhazinha, podia jamais romper as algemas da doce escravidão?

Assim ella na familia, assim o seu canteiro entre os demais. Livro aberto, symbolo vivo, chronica vegetal, dizia pela bocca das flôres toda a sua vidinha de moça. O pé de flôr-de-noiva, primeira planta séria alli brotada, marcou o dia em que foi pedida em casamento. Até então só vicejavam nelle flôres alegres de criança: — esporinhas, boccas-de-leão, borboletas; ou flôres amáveis da adolescencia: — amores-perfeitos, damas-entreverdes, beijos-de-frade, escovinhas, myosotis.

Quando lhe nasceu, entre dôres, o primeiro filho, plantou Timotheo os primeiros tufos de violeta:

— Começa a soffrer...

E no dia em que lhe morreu esse mallogrado botãozinho de carne rosea, o jardineiro em lagrimas semeou os primeiros goivos e as primeiras saudades. E fez ainda varias substituições: as alegres damas-entre-verdes cederam o logar aos suspiros roxos, e a sempreviva foi para o canto onde viçavam as ridentes boccas-de-leão.

Já o canteiro do “Sinhô-moço” revelava intenções symbolicas de energia. Cravos vermelhos em quantidade, roseiras fortes, esbeltas palmas de Santa Rita, de folhas laminadas e flôres rubras, junquillos nervosos e espinhentos “ora-pro-nobis”.

E tudo mais assim.

Timotheo compunha os annaes (7) da familia, anotando no jardim, um por um, todos os factos d’alguma significação. Depois, exaggerando, fez do jardim um canhenho de notas, o verdadeiro diario da fazenda, Registava tudo. Incidentes corriqueiros, pequenas rusgas de cozinha, um lembrete azedo dos patrões, um namoro de mucama, um hospede, uma geada mais forte, um cavallo de estimação que morria — tudo memorava elle, com hieroglyphos vegetaes, em seu jardim maravilhosos.

A hospedagem de certa familia do Rio — pai, mãe e tres sapequissimas filhas — lá ficou assignalada por cinco pés de “ora-pro-nobis” (8). E a venda do picaço calçudo, o melhor cavallo das redondezas, teve a mu-

(7) A historia, anno por anno.

(8) Nome popular de uma cactacea.

dança de dono marcada pela póda d'um galho ao jasmineiro.

Além d'esta commemoração anecdotica, o jardim consagrava uma planta a cada subalterno ou animal domestico. Havia a roseira-chá, da mucama de Sinházinha; o sangue-de-Adão, do Tiburcio, cocheiro; a rosamaxixe, da mulatinha Cesaria, sirigaita enredeira, de cara fuchicada ⁽⁹⁾ como essa flôr. O Vinagre, o Meteorro, a Mangerona, a Tetéa, todos os cães que na fazenda nasceram e morreram, alli estavam lembrados pelo seu pézinho de flôr, um resedá, um tufo de violetas, uma touça de perpetuas. O cão mais intelligente da casa, Othelo, morto hydrophobo, teve as honras d'uma sempre-viva rajada.

— Quem ha-de esquecer um bicho d'aquelles, que até parecia gente?

Tambem os gatos tinham memoria. Lá estava a cineraria da gata branca, morta nos dentes do Vinagre, e o pé de alecrim rélembutivo do velho gato Romão.

Ninguém, a não ser Timotheo, colhia flôres no jardim. Sinházinha tolerava aquillo desde o dia em que elle lhe explicou:

— Não sabem, Sinházinha! Vão lá e atrapalham tudo. Ninguém sabe apanhar flôres!...

Era verdade. Só Timotheo sabia escolhel-as com intenção e sempre de accordo com o destino. Si as queriam para florir a mesa em dia de annos da moça, Timotheo combinava os buquês como estrophes vivas. Colhia-as, resmungando:

(9) Amarrotada.

— Perpétua? Não. Você não vae para a mesa hoje. E' festa alegre. Nem você, dona violetinha!... Rosa-ma-xixe? Ah! ah! Tinha graça, a Cesaria em festa de branco!...

E sua tesoura ia cortando os caules com sciencia de mestre. A's vezes parava, a philosophar:

— Ninguem se lembra hoje do anjinho ⁽¹⁰⁾... Pr'a que, então, goivo ⁽¹¹⁾ nos vasos? Quietinho fique ahi o meu Senhor dos Passos ⁽¹²⁾, que não é flôr de vida, é flôr de cemiterio...

E sua linguagem de flôres? Suas ironias, nunca percebidas de ninguem? Seus louvores, de ninguem suspeitados? Quantas vezes não poz na mesa, sobre um prato, um aviso a um hospede, um lembrete á patrôa, uma censura ao senhor, compostos sob a fórmula de ramilhete? Ignorantes da lingua do jardim, riam-se elles da maluquice do Timotheo, incapazes de lhe alcançar as intenções.

Timotheo era feliz. Raras creaturas realizam assim um mais formoso delirio de poeta. Sem familia, creára uma familia de flôres; pobre, vivia ao pé de um thesouro.

Timotheo era feliz. Trabalhava por amor, conversando com a terra e com as plantas, embora a copa e a cozinha ⁽¹³⁾ implicassem com aquillo:

— Que tanto resmunga o Timotheo? Fica alli, mamparreando, horas, a cochichar, a rir, como se estivesse no meio d'uma creançada...

(10) Refere-se ao filhinho morto da Sinhazinha.

(11) Flor roxa, funeraria.

(12) Por analogia; o Senhor dos Passos traz uma tunica roxa.

(13) Por o pessoal de copa e da cozinha.

E' que as flôres se transfiguravam em sêres vivos ante sua imaginação. Tinham cara, olhos, ouvidos. Diziam-lhe coisas, sussurravam queixas... O jasmim do Cabo, pois não é que lhe dava a benção todas as manhãs? Mal Timotheo apparecia, murmurando: — A benção, Sinhô — e já o velho, encarnado na planta, respondia com voz alegre:

— Deus te abençoê, Timotheo.

Contar isso aos outros? Nunca! “Está louco!” haviam de dizer. Mas bem que as plantinhas falavam...

—E como não hão de falar, si tudo é creatura de Deus, hom'essa!...

Tambem dialogava com ellas:

— Contentinha, hein? Bôa chuva a de hontem, não?!...

— ...

— Sim, lá isso é verdade. As chuvas miudas são mais criadeiras ⁽¹⁴⁾, sim, mas você bem sabe que não é tempo. E o grillo, voltou? Voltou, sim, o ladrão... E aqui roeu mais esta folhinha... Mas deixe estar, que eu curo elle!

E punha-se a procurar o grillo. Achava-o.

— Sêo malfeitor!... Quero ver se continúa agora a judiar das flôres.

Matava-o, enterrava-o.

— Vira esterco, diabinho!

(14) Chamam ás chuvas finas e prolongadas **criadeiras**, porque as plantas brotam rapidamente sobe o regimen dellas.

Pelo tempo da secca, era um regalo ver Timotheo a choviscar amorosamente sobre as flôres, com o seu velho regador.

— O sol sécca a terra? Bobice!... Como si o Timotheo não estivesse aqui de “chovedor” na mão.

Chega, tambem, ué! Então quer sózinho um regador inteiro? Bôa moda! Não vê que esta esporinha está com a lingua de fóra?

E esta bocca-de-leão, ah! ah! está mesmo com uma bocca de cachorro que correu veado! Tome lá, beba, beba!

E você tambem, sêo resedá, tome lá seu banho p'ra depois casar com esta dona hortencia, moça bonita de “zôio” azul...

E lá ia...

Plantas novas, ao abrolharem o primeiro botão, punham alvoroço de enamorado no peito do poeta, que falava do acontecimento na copa, provocando as risadinhas impertinentes da Cesaria.

— Diabo do negro velho, cada vez caducando mais!...

Só a moça, com o seu fino instincto de mulher, lhe comprehendia as delicadezas do coração.

— Está aqui, Sinhá, a primeira rainha margarida d'este anno!

Ella fingia-se extasiada ante a flôr e punha-a no corpete:

— Que belleza!

E Timotheo ria-se, feliz, feliz!...

Certa vez falou-se na refôrma do jardim.

— Precisamos mudar isto — lembrou o moço, de volta d'um passeio a São Paulo. Ha tantas flôres modernas, lindas, enormes, e nós toda a vida com estas cinerarias, estas esporinhas, estas flôres caipiras... Vi lá chrysandalias ⁽¹⁵⁾ magnificas, chrysânthemos d'este tamanho e uma rosa nova, branca, enorme, que até parece flôr artificial!...

Timotheo, quando soube da conversa, sentiu logo um aperto no coração. Foi agarrar-se á moça. Tambem elle conhecia essas flôres de fóra, vira chrysânthemos em casa do coronel Barroso e vira as taes dhalias mestiças no peito d'uma faceira, no leilão do Espirito Santo.

— Mas aquillo nem é flôr, Sinhá! Coisas da estranja que o Canhoto inventa para perder as creaturas de Deus. Elles lá que plantem. Nós aqui devemos zelar das plantas de familia. Aquella dhalia rajada, está vendo? E' singela, não tem o crespo das dobradas; mas quem tróca uma bôa menina de sainha de chita côr de rosa por uma semostradeira da cidade, de muita seda, mas sem coração, nem fé? De manhã "fica assim" de abelhas e cuitelos ⁽¹⁶⁾ em roda d'ella!... E elles sabem, elles conhecem quem mercede! Si as da cidade fossem de mais estimação, porque é que esses bichinhos de Deus ficam aqui e não vão p'ra lá?

Não, Sinhá! E' preciso tirar essa idéa da cabeça de Sinhô-moço. Elle é criança ainda, não sabe a vida. E' preciso respeitar as coisas de d'antes...

E o jardim ficou.

(15) Flor mixta, meio chrysânthemo, meio dhalia.

(16) Beija-flores.

Mas um dia... Ah! Bem sentira-se Timotheo tomado de aversão pela familia dos “ora-pro-nobis”! Presentimento puro... O “ora-pro-nobis” pai voltou, e esteve alli uma semana em conciliabulo com o moço. Ao fim d’essè tempo, explodiu como bomba a grande noticia: estava negociada a fazenda, devendo a escriptura passar-se dentro de poucos dias.

Timotheo recebeu a nova como quem recebe uma sentença de morte. Naquella idade, tal mudança lhe equivalia a um fim de tudo. Correu a agarrar-se á moça, mas d’esta vez nada puderam contra as armas do dinheiro os seus pobres argumentos de poeta.

Vendeu-se a fazenda. E certa manhã viu Timotheo arrumarem-se no trolley os antigos patrões, as mucanas, tudo o que constituia a alma do velho patrimonio.

— Adeus, Timotheo! disseram alegremente os senhores-moços, accomodando-se no vehiculo.

— Adeus! Adeus!...

E lá partiu o trolley, a galope... Dobrou a curva da estrada... Sumiu-se para sempre...

Timotheo, pela primeira vez na vida, esqueceu de regar o jardim. Ficou plantado a um canto do pateo, a esmoer o dia inteiro o mesmo pensamento doloroso:

— Branco não tem coração...

Os novos proprietarios eram gente da moda, amigos do luxo e das novidades. Entraram na casa franzindo o nariz para tudo.

— Velharias, velharias!...

E tudo reformaram.

Em vez da austera mobilia de cabiúna adoptaram moveis pechisbeques, com velludinhos e frisos. Determinaram o empapelamento das salas, a abertura de um “hall” (17), mil coizas exquisitas... Deante do jardim abriram-se em gargalhadas:

— E’ incrível! Um jardim d’estes, cheirando a Thomé de Souza, em plenos seculo das chrysandhalias!

E correram-no todo, a rir, a rir, como perfeitos malucos.

— Olha, Yvette, esporinhas! E’ inconcebivel que inda haja esporinhas no mundo! Que degradação!...

— E periquito, Odette! Pe-ri-qui-to!! — disse uma das moças, torcendo-se em gargalhadas.

Timotheo ouvia aquillo com a morte n’alma. Não havia duvida, era o fim de tudo, como presentira: aquelles bugres da cidade arrazariam a casa, o jardim e o mais que lembrasse o tempo antigo. Queriam só o moderno...

E o jardim foi condemnado. Mandariam vir o Ambrogi, para traçar um plano novo, de acordo com a arte modernissima dos jardins inglezes. Reformariam as flôres todas, plantando as ultimas creações da floricultura allemã. Ficou decidido assim.

— E para não perder tempo, enquanto o Ambrogi não chega, ponho aquelle macaco a me arrazar isto — disse o homem, apontando para Timotheo.

(17) Palavra ingleza, significando uma sala intermedia, entre a de jantar e a de visitas.

— O' tição, vem cá!

Timotheo aproximou-se, com ar apatetado.

— Olha, ficas encarregado de limpar este matto e deixar a terra núazinha. Quero fazer aqui um lindo jardim. Arraza-me isto, bem arrazadinho, entendes?

Timotheo, tremulo, mal pôde engrolar uma palavra:

— Eu?...

— Sim, tu! Por que não?

O velho jardineiro, atarantado e fóra de si, repetiu a pergunta:

— Eu? Eu, arrazar o jardim?

O fazendeiro encarou-o, espantado da sua audacia, sem nada comprehender d'aquella resistencia.

— Eu? Pois me acha com cara de criminoso?

E não podendo mais conter-se explodiu, num assomo estupendo de colera, primeiro e unico da sua vida:

— Eu vou mas é embora d'aqui, morrer lá na porteira, como um cachorro fiel. Mas olhe, moço, que hei de rogar tanta praga que isto ha de virar uma tapera de lacraias!

A geada ha-de torrar o café. A peste ha de levar até as vaccas de leite! Não ha-de ficar nem uma galinha, nem um pé de vassoura! E a familia amaldiçoada, coberta de lepra, ha-de comer na gamella com os cachorros lazarentos!...

Deixa estar, gente amaldiçoada! Não se assassina assim uma coisa que dinheiro nenhum paga. Não se mata assim um pobre negro velho, que tem dentro do peito uma coisa que lá na cidade ninguem sabe o que

é. Deixa estar, brancos de má casta! Deixa estar, caninanas! Deixa estar!...

E fazendo o gesto fatidico, com a mão espalmada, sahiu ás arrecúas, repetindo cem vezes a mesma ameaça:

— Deixa estar! Deixa estar!...

E longe, na porteira, inda espalmava a mão para a fazenda, no gesto que diz:

— Deixa estar!...

Anoitecia. Os curiangos andavam a espacejar silenciosos vôos de sombra pelas estradas desertas. O céu era todo um recamo fulgurante de estrellas. Os sapos coaxavam nos brejos e os vagalumes, ás piscadelas, punham piques de luz no sombrio das capoeiras.

Tudo adormecera na terra, em breve pausa de vida para o resurgir do dia seguinte.

Só não resurgiria Timotheo. Lá agoniza ao pé da porteira. Lá morre. E lá o encontrará a manhã, enrijecido pelo relento, de bôrco na grama orvalhada, com a mão estendida para a fazenda num derradeiro gesto de ameaça:

— Deixa estar!...

O R A P T O

Sou oculista.

Dentre tantas especialidades abertas ao anel de pedra verde, barafustei pela ophthalmologica, movido de finas razões sentimentaes.

Luctar contra a noite da retina, arrebatat presas á treva: poderá existir profissão mais abençoada?

Assim pensei, e jamais me arrependi de o ter pensado. Minha melhor paga nunca foi o dinheiro ganho em troca dos milagres da faca de Graefe (1), senão o extase da triste creatura immersa na escuridão, ao ver-se de subito restituída á luz.

O oculista, fóra dos grandes centros, é um animal andejo. Não pode estacionar permanentemente no mesmo ponto, a exemplo dos collegas que curam todas as molestias conhecidas *et de quibusdam alliis* (2). Pos-sue em cada zona um reduzido grupo de clientes, curados os quaes, ou desenganados, força é que abale de freguezia.

Fiz-me andejo. Andei de déo em déo, por Séca e Méca, desfazendo cataratas, recompondo nervos opticos; e se não enriqueci, vale um thesouro o livro da

(1) Instrumento cirurgico proprio para operar a catarata.

(2) O famoso Pico de Mirandola tendo apresentado uma these pretenciosa com o titulo "De omni re scibili" (de todas as coizas conhecidas), Voltare mais tarde o criticou accrescentando apenas "et de quibusdam alliis" (das que resta conhecer...)

minha carreira clinica, tão cheio o tenho de impressões succulentas de psychologia ou de pittoresco.

Estampo cá uma d'ellas, o caso do cego do Rio Manso.

Não é caso comico e não será tragico; duvido, porém, que me apresentem outro mais humano e de tão grande rigor de logica.

Rio Manso é villoca que os fados plantaram seis leguas além de Itaguassú, cidadezinha onde permaneci tres mezes de consultorio aberto.

Parti para Rio Manso — lembro-me tão bem! — bifurcado em asperrimo sendeiro de aluguel, avatar evidente do Rossinante (3), salvo o tróte, que o tinha capaz de desconjunctar em pandarecos a nobre vestimenta de lata do manchego (4).

Meu Sancho (5) era o Geremario, excellente cabrocha a quem extirpei uma catarata e que virou desd'ahi o meu fidelissimo *Sexta-feira* (6).

Nem eu, nem elle, conheciamos o caminho. Não obstante, funcionou Geremario como perfeita bussola, agudissimo que é o senso de orientação adquirido pela gente da roça no traquejo da vida ao ar livre.

A terra é para elles um mappa vivo, e o chão das estradas, um roteiro luminoso. Conhecem a primor a linguagem dos signaes impressos no solo vermelho — sulcos de carraria, pegadas de animaes, galhos partidos, restos de fogueirinhas, e leem-nos como nós lemos letra de fôrma.

(3) O cavallo magro de D. Quichote.

(4) D. Quichote da la Mancha.

(5) O escudeiro de D. Quichote.

(6) O indígena, companheiro de Robinson Crusoe, na ilha deserta.

Foi assim que o arguto Geremario, em certo ponto da viagem, murmurou, convicto, de olhos postos no caminho:

— Estamos chegando!

Olhei em redor e nada vi senão a mesma morraria desnuda, as mesmas samambaias. Nada denunciativo de povoado proximo.

— Como sabe, se nunca viajou d'estas bandas?

O meu cabrocha sorriu com malicia e explicou:

— A estrada está arruinando. Estrada ruim, camara municipal perto...

De facto, o caminho, bom até alli, principiava a esburacar-se. Puz-me a observar a mudança, rapida transição para peor, até que, dobrada uma curva, de chofre avistei as primeiras casas da villa.

— Não disse? exclamou, jubiloso, o pagem. Camara é signal que não néga...

Ri-me por fóra, e por dentro admirei a suave ironia d'aquella agudeza de altos quilates.

Todos os nossos povoados possuem o mesmo aspecto suburbano — a mesma somatica (7), como diria o meu velho professor de pathologia, no seu preciosismo (8) de academico.

A estrada principia de repente a margear-se de casebres humildes, de sapé e barro, com cercas de bambú atrepádas do melão de São Caetano, ou cercas vivas de pinhão do Paraguay, cactus e outras plantas da zona.

(7) Aspecto externo.

(8) Modo de falar alambicado, ou, como se diz vulgarmente, "affectado."

Aos poucos os casebres melhoram.

Começam a surgir casas de telha, já rebocadas, já caiadas; e vendinhas; e tendas de ferradores; e assim vae, em gradação insensível, até virar rua, com passeios, placas engrossativas de coroneis e espaçados lampeões de kerozene.

Tambem a categoria social dos moradores acompanha tal ascensão.

De mendigos, de velhos negros capengas, de sor-didas pretas que se espiolham ao sol — perfeita var-redura humana de entristecedor aspecto — passa a jornaleiros, a gente pobre mas arranjadinha até chegar á “gente limpa”.

E como a rua, no crescendo em que vae, desfecha em praça — o largo da matriz, com gramados, coreto de musica e casas de commercio, assim as “almas” (9) sobem do mendigo roto ao senhor doutor juiz, ao doutor delegado, e ao excellentissimo senhor coronel N. N., chefe da politica local, semi-deus, dono e tutú-marambaia da terra.

Ao entrar em Rio Manso, vencidos os primeiros casebres, chamou-me a attenção um berreiro. Em certa casinhola fechada ia rolo velho, surra ou briga, a avaliar pelos gritos que de lá partiam.

Não posso ver d'essas coisas sem intervir. Parei á porta, com rompante de autoridade e dei com a argola do relho.

— Que é lá isso ahi?

(9) Habitantes.

O rumor interno cessou, mas ninguem me respondeu.

Nisto approximaram-se alguns vizinhos, de mãos no bolso e ar velhaco.

— Que terra é esta? Mata-se gente dentro das casas e ninguem se move!...

Retrucou-me um d'elles:

— Se a gente fosse se incommodar cada vez que o Bento Cégo desce o guatambú ⁽¹⁰⁾ nos filhos...

Guatambú nos filhos... Bento Cégo... O caso interessava-me.

— E' um cégo que mora aqui, o Bento. Elle gosta da sua pinguinha. Bebe, ás vezes, demais, vira valente e mette a lenha nos filhos. Tranca a porta e é, como diz o outro, pancada de cégo!

Fiquei na mesma e vendo que o sujeito não me adeantava o expediente, bati de novo á porta com o cabo do relho.

Abriu-m'a d'esta feita um rapazinho ahi dos seus quatorze annos. Interpellei-o.

O menino, a coçar-se, olhou para a gente reunida atrás de mim e riu-se.

— Bem se vê que o senhor não é d'aqui. Papai é assim mesmo. Bebe seus martellinhos ⁽¹¹⁾ e quando esquenta a cabeça, o gosto d'elle é bater. "Nós deixa", e até "se diverte" com isso...

Assombrei-me. Um pai cujo gosto é bater na prole

(10) Por cacete, bastão.

(11) Martelo, pequeno copo que serve de medida para a venda a varejo da cachaça.

e filhos que se divertem com a surra! Mas como cada roca tem seu fuso e eu não conhecia o uso da nova terra, não pedi mais, toquei para o hotel, vivamente interessado pelo estranho costume d'aquella familia.

Armei tenda em Rio Manso e puz-me a concertar olhos. Entrementes, enfronhei-me na historia do Bento Cégo.

Nascera arranjado, filho d'um fiscal de camara, e quando casou morava em casa propria, legada pelo pai e sita em rua de procissão. Maus negocios fizeram-no perdel-a e passar a rua mais modesta. Vieram filhos, vieram doenças, macacôas ⁽¹²⁾ de toda a especie, urúcas ⁽¹³⁾, e Bento, a decahir mais e mais, foi rolando para baixo até acabar cêgo, á beira da cidade, na zona da mendicancia.

Como e porque?

Era Bento um triste incapaz. Não prestava para coisa nenhuma. Começasse por onde começasse seu destino seria sempre aquelle, acabar na rua chorando esmolos.

Bôbo em negocios, tinha, entretanto, fumos de finorio. Piscava o olho a cada transacção que fazia, e quando os arregalava, via-se logrado, tungado ⁽¹⁴⁾, embrulhado, furtado pelos “passadores de perna” ⁽¹⁵⁾.

(12) Desastres, infelicidades.

(13) Urucubaca, uruca, azar, falta de sorte.

(14) Logrado.

(15) Velhacos que logram os ingenuos, ou “passam a perna.”

Fez-se barganhista e jamais a barganha lhe deu o menor lucro. Começou pela casa. Barganhou-a por outra, muito inferior, tentado pela “volta”. Em tres mezes comeu a volta e ficou a nenhum em materia monetaria.

Mas a tentação da volta não o abandonou mais. Iria barganhando e comendo as voltas: solução mirifica, pensou elle, piscando o olho.

E assim fez.

Casão por casa, casa por casinha, casinha por dois carros e quatro juntas de bois, carros por dois cavallos, cavallos por uma besta de fama, que fazia e acontecia, e não sei quem dava por ella oitocentos bagos (16) — um negocião, sempre um negocião!

A ciganagem espigatoria viu nelle uma perfeita mina, incapaz de resistir ao sézamo (17) — “volta” (18).

E tantas voltas deram no pisca-olho que Bento se viu alfim com toda a herança paterna reduzida á mula, que não valia nem metade do preço. O freguez dos oitocentos era phantastico e por muito feliz se deu elle de passal-a adeante por duzentos e sessenta, mais uma garrucha velha, de lambuja.

Os filhos, já taludos por esse tempo, puxaram ao pai. Nunca frequentaram escolas, nem queriam saber de trabalho. Não se “sojeitavam”. Pelas vendas, atôa pelas ruas, viraram os peiores moleques da terra, e transformaram num inferno a casa do Bento.

(16) Oitocentos mil reis.

(17) Palavra magica.

(18) Na barganha trocam-se dois objectos e o mais esperto recebe ainda alguma coisa, ou a volta.

Exigencias, brigas diarias, palavrões immundos e uma lambança (19) das mais sordidas. E como o pai, frouxissimo de character, nunca tivesse animo de lhes torcer o pepino, torceram elles o pepino ao pai.

Tratavam-no como se trata cachorro, aos pontapés e, por fim, quando a miseria chegou e faltou um dia feijão á panella, foram ás ultimas — espancaram-no.

Bento não reagiu.

Reagir como, se eram tres e elle não chegava a um? Resignou-se e os filhos, estimulados por tamanha covardia, entraram a repetir as dóses, a amiudarem-na, até o metterem para alli, num canto, bóde expiatorio e armazem de pancadas.

Bento deixou de ser homem. Passou a coisa humana, triste molambo de carne pensante, tímida, apavorada, despresado de todos e com o consolo unico do alcool, em cujo sopor vivia agora immerso.

Tal situação durou até á venda da besta. Ahi explodiu. Quando entraram em casa os duzentos e sessenta mil réis, mais a garrucha, o pai annunciou logo que ia applical-os num excellente negocio.

Fartos de excellentes negocios, os filhos oppuzeram-se. Havia que repartir o cobre.

Bento resistiu, retezando as vagas fibras de energia restantes em su'alma. Os filhos quebraram-lhe a cara com o cabo da garrucha e fugiram com o dinheiro.

Datou d'ahi a cegueira do homem, pois do espancamento resultou traumatismo do nervo optico e consequente catarata.

(19) Relaxamento.

Bento passou a mendigo.

Viuvo que era, sem um cão em casa, arranjou um cão, um porrete, um negrinho sarambé ajustado para guia e iniciou vida nova.

Como em Rio Manso não existissem cégos, todos se apiedaram d'elle. Davam-lhe roupas velhas, chapéus, mantimentos, dinheiro — afóra consolações verbaes.

Resultou d'isso que uma relativa abundancia veio bafejar seu casebre até alli ninho de miseria absoluta. Chapéus, possuía-os ás duzias, e de todos os formatos, inclusive cartola! Calças, paletós e colletes, ás pilhas. Até fraques e uma formosa sobrecasaca de debrum vieram enriquecer-lhe o guarda-roupa.

Bento dizia:

— Deus dá nozes a quem não tem dentes. Agora que é um corpo só na casa, tanta roupa, até fraque...

Mas os filhos marotos cheiraram de longe a reviravolta da fortuna e bateu-lhes a paquéra ⁽²⁰⁾ do arrependimento.

Hoje um, amanhã outro, vieram os tres, cabisbaixos, humilimos, implorar perdão ao velho.

Que não perdoará um cégo, inda mais pai? Bento perdoou-os e readmittiu-os em casa. A esmola sempre farta havia de dar para todos.

E deu. Nunca faltou, d'ahi por diante, feijão á panella, nem roupa ao corpo, nem dinheirinhos para o resto, inclusive cachaça e fumo.

(20) Bater a paquera -- sentir a voz da consciencia.

Milagre! Aquelle homem, que de olhos perfectos jamais conseguira coisa alguma na vida, alem do desprezo do publico e da pancada dos filhos, recebia agora provas de carinho, gosava certa consideração, fazia-se chefe da casa, respeitado, ouvido — e até temido!

Acostumou-se a mandar e a ser obedecido. E não o fizessem! E não o fizessem depressa! Sua mão, outr'ora tão frouxa, agora dura, esmagava incontinentemente a resistencia. E sua vontade encorpou, enrijou, deitou os galhos da veneta.

Até da viuvez remendou-se o Bento. Apareceu logo uma parenta pobre que lhe escreveu propondo-se a morar com elle e cuidar da casa.

Veio a mulher, arrumou-se, deu boa apparencia de limpeza e ordem ao tugurio da lambança e do desmazelo — fazendo coisa fina que a toda a gente causava pasmo.

Bento chegou a pensar na aquisição da casinha, apartando vintens para isso.

Mais tarde, novo parente em petição de miseria veio achegar-se á sua sombra — um corujão misanthropo, que lhe contava lorótas e lia capitulos do Bertoldo e da “Historia de Carlos Magno e dos Doze Pares de França” (21).

Bento era fanatico de Oliveiros (22) e nunca admittiu que fosse lida a segunda parte do livro, em que Bernardo del Carpio (23) vence os doze pares.

(21) Livros populares.

(22) Um dos doze pares.

(23) Rei espanhol.

— Mentira! Não venceu nada, dizia elle. Veja se um Bernardo, seja d'onde diabo fôr, é lá capaz de aguentar uma só lambada da durindana (24)! Venceu coisa nenhuma...

Uma nuvem apenas toldava a paz da familia restaurada. Bento bebia e se errava de dóse, sorvendo a mais um martello que fosse, esquentava de cabeça. O quadro da vida antiga vinha-lhe á memoria, o caso da besta, a scena da pancadaria, e Bento, com grande furor, apostrophava os filhos criminosos. Em seguida castigava-os. Corria os ferrolhos das portas e, chispando maldições tremendas, deslombava-os á céga.

Os filhos supportavam o tratamento sem a minima reacção. Mereciam-no e, além d'isso, era tão gostosa aquella vidinha esmolenga...

Foi por essas alturas que cheguei a Rio Manso, e o caso do Bento, que me interessara á curiosidade desde o primeiro dia, passou a interessar minha piedade.

Resolvi cural-o.

Examinei-o e vi que cegára em virtude de catarata de origem traumatica (25), sob forma de facil remoção. A faca de de Graefe punha-o bom em tres tempos.

Propuz-lhe o tratamento.

— Deus que o abençõe! Que vontade tenho de ver de novo o sol! O sol, as côres, as gentes... Só quem perdeu a vista sabe o que valem os olhos. Esta noite sem fim...

(24) A famosa espada de Rolando, o mais celebre dos doze pares.

(25) Em virtude do choque, contusão.

— Terá fim a tua, meu velho. O caso é simples e tenho a certeza de por-te sãozinho como dantes. Aprompto-te um quarto em minha casa e só sahirás de lá curado.

— Deus o ouça! Sempre pensei em procurar curar-me. Mas não havia medico por aqui, era preciso ir longe, viagem cara... Se os “videntes” soubessem o que é a cegueira...

“Videntes!” elle chamava videntes aos que enxergavam... Pobre Bento!

— Pois está combinado. Amanhã cedo vaes ao meu consultorio e amanhã mesmo te opéro. E verás de novo o sol, as flores, o céu...

A physionomia do cégo irradiava.

— Sabe o que mais desejo ver? disse, revirando nas orbitas os olhos branquicentos. A cara dos meus filhos. Eram tão maus e são hoje tão bomzinhos...

No dia seguinte, cedo, preparada a ferramenta, fiquei á espera do meu homem.

Oito, nove horas, dez, onze e nada. Não apparecia.

— Geremario, apromptaste o quarto do cégo?

— Não senhor.

— Porque? Não te ordenei isso hontem?

Geremario sorriu maliciosamente.

— O homem não vem, sêo doutor. Vae ver que não vem. Pois se a sorte d'elle é ser cégo...

Revoltou-me aquelle cynismo de opinião e ordenei-lhe com rispidez que cumprisse minhas ordens sem mais philosophias. E, ainda de vincos na testa, sahi de rumo á casa do Bento.

Encontrei-a fechada. Bati e ninguém me respondeu. Insistia nisso quando á janella do casebre fronteiro assomou a trunfa d'uma bodarona ⁽²⁶⁾ em camisa.

— Pode dizer-me que fim levou a gente d'esta casa?

— São Bento? São Bento foi-se embora. Alli pelas dez da noite os filhos “vinheram” ⁽²⁷⁾ com um carro de boi e um recado seu...

— Meu!?

— Seu, sim! Que o doutor mandou dizer que fosse já, já, por causa da operação — uma historia comprida. São Bento trepou no carro, com aquella coruja que móra com elle, mais o ledor de livro, e as roupas, e o cachorro, e o negrinho, e a cacaria inteira. Até uma cartola d'esta altura levaram! Depois o carro seguiu por esse mundo fóra...

Fiquei parvo, inteiramente desnortado de idéas.

A bóda proseguiu:

— Eu bem que vi o que era. Curar são Bento! Mas se elle só presta porque é cego... Se sarasse, toda a familia cahia na miseria outra vez...

— Então, os filhos raptaram-no!...

— Deve ser isso mesmo...

Meu primeiro impeto foi dar queixa á policia e arrastado por elle disparei para a casa do delegado. A meio caminho, porém, estava arrefecida essa inspira-

(26) Mulatona.

(27) Por vieram.

ção e ao chegar á delegacia, gelada de todo. Parei á porta. Vacillei.

Em seguida dei de hombros, convencido de que o Geremario tinha razão, e tinha razão a bóda, e os filhos tinham razão e todo o mundo tem razão.

Polícia! A policia viria romper ineptamente esse maravilhoso equilibrio das coisas de que resulta a harmonia universal.

Rodei para casa.

Logo ao entrar appareceu-me o Geremario, com ar de quem adivinhou tudo.

— Ponha o almoço, ordenei-lhe seccamente.

— Sim, senhor. E... e posso desarrumar o quarto do cégo?

Olhei bem para elle, inda irritado. Mas a irritação cahiu logo. Que culpa tinha Geremario de conhecer a vida melhor do que eu?

Humilhei-me e respondi apenas:

— Desarrume...

O ‘‘R E S T O D A O N Ç A’’

Conversavam diversos amigos. Um d’elles disse:

— Leram vocês o conto do Alberto Pecegueiro que “A Manhã” publica hoje?

— Perdemos alguma coisa?

— Não perderam coisa nenhuma, que aquillo está maçador. Confesso que bocejei de enfado e, consoante velho habito, passei-o á minha cozinheira, velha mulata sabidissima, parenta da cozinheira de Molière (1).

— Josepha, lê-me isto e bota opinião.

A excellente creatura lavou as munhecas, diminuiu o gaz do fogão, acavallou no nariz os olhos, através de cujos vidros costuma coar-se-lhe para o cerebro todo o rodapé dos jornaes, e reconcentrou-se durante meia hora. Ao cabo, veio ter commigo.

— Prompto, sinhôzinho, está lido.

— E que tal? Bom?

Josepha tem um maravilhoso paladar quituteiro. Seus tutús com torresmo, o picadinho que ella faz, as muquecas!... São purissimas obras de arte capazes de rematar (2) de inveja ao proprio Vatel (3), si Vatel

(1) Molière tinha uma cozinheira a quem lia suas comedias, consultando-lhe o gosto, que representava o gosto medio do publico.

(2) Tornar a matar.

(3) Famoso cozinheiro de um rei de França que, diz a lenda, suicidou-se por não ter sahido a contento certo peixe que preparou.

acaso resuscitasse. Pois bem: o mesmo genio que a Zepha demonstra na confeição de uma obra prima culinaria, demonstra-o no julgamento das coisas de literatura. Tem o faro que não falha do rato, o qual, entre cem queijos, rõe sempre o melhor. Por essa razão, quando eu duvido de mim proprio, appello para o seu juizo instinctivo, e acato-lhe a sentença como emanada do cerebro da propria Minerva.

— Então, Zepha? insisti.

Ella refranziu os labios, num muxoxo.

— Não féde, nem cheira, disse, é virado de feijão velho mexido com farinha mal torrada. Falta sal, tem gordura demais — parece comida feita por menina de salão, concluiu, com o sorriso do veterano ao ouvir falar em proezas de novato.

— Mas, Zepha, que diz o homem, afinal de contas?

— Não diz nada, engrola, engrola, vae p'ra lá, vem p'ra cá, e a gente fica na mesma. E' dos taes perobinhas (4) que outro dia mecê chamou... como é?... pici... pici...

— ...cologos, psychologos. Os homens dos estados d'alma. Como elles têm alma postixa, importada de França, os estados por que passam taes almas, postos em letra de fôrma, são coisa pulha e maçadora até mais não poder.

Penso como você, Josepha. Quero conto que conte coisas; conto d'onde eu sáia podendo contar a um amigo o que aconteceu, como o fulano morreu, si a menina

(4) Aos individuos maçadores, ou cacetes, chama o povo peroba, ou perobinhas.

casou, si o máu foi enforcado ou não. Contos, em summa, como os de Maupassant (5) ou Kipling (6).

— Ou de sêo Cornelio Pires...

— Perfeitamente, do Cornelio, do Arthur Azevedo. Contos onde haja drama, comedia ou, pelo menos, uma anedota original. Mas estas pretenciosas aguas panadas, este phantasiar por paginas a fio sem lance que arrepie o cabelo ou repuxe musculos faciaes, o demo os leve...

E a conversa recahiu sobre contos.

— Contos andam ahi aos pontapés, a questão é saber apanhal-os. Não ha sujeito que não tenha na memoria uma duzia de arcabouços magnificos, aos quaes, para virarem obra d'arte, só falta o vestuario da fórmula, bem cortado, bem cosido, com pronomes bem collocadinhos. Querem vocês a prova? Vou arrancar um conto ao primeiro conhecido que entrar.

E puzemo-nos de tocaia.

Não tardou muito, surge o Cesar.

— Viva! Fazia-te ainda no sertão, homem!

— Pois já estou cá. Cheguei hontem, refeito, oxygenado, reverdecido de alma e corpo. Que delicia o sertão!

— Muita caçada?

— Dez queixadas, tres onças... Por falar, já ouviram vocês a historia do "Resto de Onça"?

(5) O mais celebre dos contistas francezes.

(6) Poeta, romancista e contista inglez dos mais notaveis.

— “Resto de Onça”?! exclamámos todos, aparvalhados.

Cesar gosou o nosso espanto. Depois, narrou:

— Estavamos organizando uma batida ás onças. Quem dirigia a caçada era lá o meu capataz, Quim da Peroba, o mais terrível caçador das redondezas. Quando é elle quem dirige o serviço, a bicharia soffre des-troço pela certa, tão habil é na escolha dos companheiros, dos cães e das disposições estrategicas.

— “Vae, dizia elle contando nos dedos, vae o Nico, vae o Péva, vae o “Resto de Onça”...

— “Resto de Onça”? exclamei eu, tão aparvalhado como vocês inda agora. Que especie de bicho é esse?

Quim sorriu e disse:

— “E’ um pedaço de homem; um homem a quem uma onça comeu uma parte e que continúa a viver com o resto do corpo. Pois assim mesmo ainda é um cuéra (7) que eu não tróco por tres sujeitos inteiros da cidade. Mecê vae ver.

De facto, vi. Depois de tudo organizado, na vespera da caçada, á tarde, o primeiro a apresentar-se foi o “Resto de Onça”.

— “Stardes” (8).

Era um caboclo chupado, sem o braço direito, sem um olho, sem um pedaço de cara. Horrivel! Uma bochecha fôra lanhada e despegára com parte dos labios e um olho, de modo que aquillo por alli era uma só pavorosa cicatriz, repuxada em varias direcções. Entrea-

(7) Valente.

(8) Corruptela de boas tardes.

briu a camisa: no peito, a mama esquerda arrancada a unhaços, era outra horrível cicatriz de arrear.

Pedi-lhe que me contasse sua historia, e elle não se fez rogado.

— “Ora pois — foi dizendo — lá na fazenda do coronel Eusebio, na beira do sertão, havia onça que era um castigo. Foi preciso bater nellas de cachorrada e chumbo um anno inteiro para livrar o gado. O coronel, tanto lidou que venceu. As malhadas, não mortas a bala, afundaram para longe. Mas ficou uma. Era uma bella onça pintada, matreira como cachorro do matto. Tinha manhas de negro fujão. Nem mundéo, nem cachorro mestre, nem o Leopoldino Onçeiro, que é um cabra sarado para desilludir uma bicha mesquinha, nunca puderam atinar com ella de geito a barrear a volta do apá com um lote de *paula souza*. Escapava sempre e de birra vinha pegar os porcos no chiqueiro.

Um dia — o coronel estava na mesa almoçando — rebentou um tumulto no chiqueiro, de trás da casa. Corremos todos: estava a onça ferrada na mais bonita porca da fazenda, esbodegada com um munhecação. Corre que corre, grita, atira: — ella abandonou a porca e escapuliu.

O coronel virou bicho e jurou que seria a ultima vez.

— “Ella volta, disse eu, ella não “deseste” da porca. O melhor é ficar um bom atirador de plantão, dia e noite.

— “Pois fica você.

Fiquei na tocaia, escondido, de geito que a onça não pudesse desconfiar.

Varei a noite de olho acceso: nada.

Rompeu a manhã: nada.

Eu disse commigo:

— “Agora dou um pulo lá dentro, bebo o café e volto.

Fui, enguli um cafézinho com mistura (9), depressa, depressa, mas quando voltei... “quedelle” a porca? A onça tinha me logrado!...

O coronel, quando soube da coisa, bufou como queixada que cahe em mundéo.

— “Quim, disse elle, vá juntar gente e cachorrada. Bóte um exercito aqui, p’ra domingo, e vamos picar de bala esta malvada. Quero ver o couro d’ella aqui no chão, com seiscentos bilhões de diabos!

Eu sahi, corri a vizinhança e apalavrei (10) para domingo tudo quanto era espingarda, foice e cachorro de cinco leguas de roda.

Chegado o dia, começou uma batida na ordem. Os cachorros acharam o rasto e tudo corria bem, senão quando, de repente — *áu! áu!* o meu Brinquinho — conheci a voz — acuou primeiro de todos. E logo a cachorrada inteira, uns cincoenta — *áu! áu! áu!* musica de arrepiar a gente. Ah, moço, que festa foi esse dia! A bicha de cada tapa esmigalhava um cão...

Ia parando na carreira, de tocaia atrás dos troncos e, mal o cachorro da frente a fronteava. *baf!* tripas de fóra! Um castigo!

(9) Cafe com mistura: acompanhado de farinha, pão ou bolos.

(10) Combinei.

Já levára um tiro, mas nem conta fez, e, assim, fugindo, ia arrazando os cachorros onceiros.

Eu corria na frente, secco ⁽¹¹⁾ por ganhar a gloria da caçada, e por via d'isso me distanciei dos companheiros. De repente, sem ver nada, *pa!* um manotaço ⁽¹²⁾ de unha na cara me pinchou de costas no chão, e senti um corpo cahir sentado em cima de mim. Ah, mundo! Que lucta aquella! Eu, c'os braços, só defendia a cara, que se a onça me abocca, era o fim, e como a espingarda me ficasse debaixo do corpo, minha porfia era passar a unha nella.

O que me salvou foi a coragem do Brinquinho. Como os caçadores e os outros cães ainda não tivessem chegado, só elle me ajudava, latindo com desespero e ferrando o dente no trazeiro da féra. Esta, a cada dentada, voltava-se para estapear o cachorro, que fugia — que fugia para atacar de novo, logo que a onça virava a cara p'ra mim.

Tudo isto que eu levo agora um tempão contando se passou num corisco de minuto.

Lá em certo momento pude alcançar a faca — faquinha atôa de matar porco. Saquei a faca e casquei no pescoço da bicha. Quem disse enterrar? Vergou, a porquêra, como se fosse de lata, sem calar nem a pontinha! Vi-me perdido. “Férra, Brinquinho!” Aquella pessoa de quatro pés, com uma coragem louca, zás! outra dentada. A onça me folgou, e eu vi romper do matto o primeiro caçador. Era justamente o meu sogro.

— “Atira, nho Vadô!

(11) Impaciente.

(12) Golpe com a pata.

Que atirar nada! O raio do maleiteiro ficou tão estuporado (13) de me vêr na goela da onça, que estarrecceu no logar.

— “Atira, nho Vadô!

Que, nada!...

Nisto houve geito de eu desentalar a espingarda e entrouxar o cano na goela do tigre. Estrondei o tiro e o bicho molleou de banda!...

Eu estava em pedaços, mas não sentia dôr nenhuma.

Só me lembro que, ainda no chão, puxei o espingarda de dentro da bocca da onça, virei o cano p'r'o lado do meu sogro e sapequei nelle o segundo tiro, junto com um nome offensivo. Deus que me perdôe! De “reiva”... Depois veio a dôr, e perdi os sentidos.”

“Resto de Onça” tomou folego. E concluiu:

— “E fiquei assim. O braço direito, sem carne, sem osso inteiro, foi preciso o doutor cortar com a serra; a cara e o peito foram sarando e fiquei assim, resto de onça, caco de gente, mas homem ainda p'ra escorar cinquenta!

— Então, que vos dizia eu? commentou, voltando-se para os companheiros, o que promettera extrahir um conto do primeiro conhecido á mão.

— Sim — retrucou um d'elles, ranzinza — mas não

(13) Apatetado.

é bem um conto, isso, é um caso, uma anedota venatoria (14).

— Está enganado. Tem todas as qualidades de um conto e tem a principal: poder ser contado adiante, de modo a interessar por um momento o auditorio.

Dê ao facto fórma litteraria, umas pitadas de descriptivo, pronomes p'r'alli, uns enfeites pimpões e, prompto! — vira conto dos authenticos, dos que não sêcam a paciencia da humanidade com a archi-maçadora psychologia do sr. Alberto Pecegueiro.

(14) Relativa a caçada.

TRAGEDIA DE UM CAPÃO DE PINTOS

Nasceram na mesma semana um pinto, um perúzi-
nho e um marreco.

Até aqui, nada. Todos os dias vem ao mundo mar-
recos, perús e pintos sem que isso ponha comichões na
penna dos novellistas. O estranho do caso foi que nas-
ceram irmãos, contra todos os preceitos das sciencias
biologicas.

— ??

Explica-se.

Tio Pio, preto cambaio a quem incumbia a faina
do terreiro ,teve a idéa de reunir sob certa gallinha, que
chocava apenas cinco ovos, mais tres de perúa e dois
de marreca, salvos de ninhadas infelizes, conseguindo
assim dar vida áquella estranha irmandade de nova es-
pecie.

Dos nove ovos só vingaram tres, e lá estavam os
productos, já crescídótes, sob a guarda solícita do Péva-
de-raça, capão de pintos posto a pageal-os para que
dona gallinha não perdesse tempo com tão pífia
ninhada.

Triste sorte na fazenda a dos gallos cotós de per-
nas! Tio Pio os punha de parte para capões de pintos,
transformando os bellicosos “clarins da aurora” em bi-
chos metade gallo, metade gallinha, senhores de crista,

espora e cauda flammante não mais destinadas a encantar as frangas, senão a divertir pintinhos.

Péva-de-raça tinha este nome pelas razões que o nome indica. Mas vá lição para os leitores da cidade, gente que de gallos e gallinhas só conhece os da torre das igrejas e as que apparecem ao jantar, em molho pardo. *Péva*: perna curta; *de raça*: raça estrangeira.

— A mó' que Plimú (1), explicava Pio aos interpellantes.

Excellent sujeito o Péva! Tomara os orphãos no primeiro dia, sem nenhuma reluctancia, e dera com elles criados á custa de infinitos de pachorra.

Muitos dissabores soffreu. O marrequinho, sobretudo, causou-lhe sérios aborrecimentos.

Havia na fazenda um tanque bordado de tabôas (2) esveltas, rico de trahiras e sapinhos de cauda. Esse tanque era a mania do lindo *pon-pon* d'arminho amarello. Quantas vezes não ficou o Péva á beira d'agua, seguindo de olhos afflictos as evoluções do mimoso palmipe-de, que nella penetrava, e nadava, e mergulhava com affoiteza inconcebivel para o velho capão!

Já os outros não o affligiam tanto. Divertiam-no até. O capão gostava de ver o peruzinho em caça ás moscas. Magricela e tonto, como sabia marcar a presa, achegar-se com extrema lentidão e, de repente — *pâ!* — uma bicada certa!

O pinto, esse era mestre em travessuras. Subia-lhe ás costas, tenteando-se nas asinhas, e trepava-lhe pelo pescoço até alcançar a crista, cujas carunculas bicava.

(1) Raça norte-americana — Plymouth.

(2) Plantas aquaticas.

Era muito cauteloso, o Péva. Se vinha chuva, punha-se logo de agacho, para abrigo dos guryys — de dois apenas, que o terceiro, o marreco, nenhum caso fazia d'agua, antes pellava-se por chuva, só recolhendo ao sentir-se entanguido.

E era muito methodico, o Péva. Mal a tarde fechava a carranca annunciativa da noite, lá ia elle de rumo ao terreiro, aninhar-se rente ao muro, sempre no mesmo lugar. Escarrapachava-se alli, ao geito das gallinhas, e esperava que os orphãos, depois d'umas derra-deiras voltas por perto, viessem chegando e se mettessem dentro da plumosa casa viva.

Entrava primeiro o perú, um friorento de marca; depois o pinto; o marreco por ultimo.

E o Péva cochilava, transfeito em exquisito animal de quatro cabeças: a sua, grande, cristuda, e mais tres cabecinhas curiosas que abriam setteiras na plumagem e espiavam o mysterio do mundo a envolver-se nas sombras da noite...

Aquella singularidade deu nome e renome aos tres bichinhos. Quantos pintos, perús e marrecos houvesse na fazenda eram todos conhecidos por pinto, perú e marreco, genericamente. Só elles se personalizavam. Eram o Pinto Sura, o Peruzinho do Capão e o Réco-Réco. Seres privilegiados, libertos da disciplina commum do gallinheiro, tornaram-se logo as creaturinhas mais populares d'aquelle pequeno mundo. Viviam soltos, sem lei nem grei, como bohemios errante encontradiços por toda a parte — nos chiqueiros, nos pastos, ao pé das tulhas, á porta das cozinhas, onde quer que houvesse fartura de milho, siriris e quiréras.

Havia na fazenda outros animaes populares. Havia a Russa, mulinha de carroça bastante velha e proxima da aposentadoria. Só trabalhava em serviços leves de terreiro, puxando a “carrocinha de dentro”. Pertence-ra á tropa, transportara muito café para a cidade, sempre com carga de oito arrobas, façanha de que, com saudades, se recordava agora.

Entre as vaccas era a Princeza a mais popular. Vacca de estimação, enriquecera a fazenda de numerosos filhos, entre os quaes o possante Beethoven, agora pastor do rebanho. Dera ainda a Rosita, leiteira de truz, fiel á estirpe e certa nas doze garrafas. E quantas outras crias que já andavam por sua vez de bezerrinho novo, ou na canga a puxar carros! Em virtude d’isso gosava a Princeza de certas regalias. Vivia ás soltas, livre de cercas, sempre no pasto dos porcos, occupando o tempo em mascar babosamente boas palhas de milho.

Quem mais? Sim, o Vinagre — fiel guardião da “casa grande”, veadeiro de fama outr’ora, hoje um dorminhoco que o que fazia era cochilar ao sol, de focinho entre as patas e olhos lacrimejantes.

Todo elle era passado. Durante as somnecas vinham agital-o pesadelos, nos quaes se reviviam as scenas violentas das caçadas de antanho. E o glorioso veterano acuava a dormir.

Os homens nunca prestam grande attenção aos animaes que os rodeiam. Brutinhos, dizem, e desprezamos. Mas a verdade é que a esses nossos manos o que os inferioriza é não possuirem o dom da fala, pelo menos de fala intelligivel para nós, visto como pensam e superiormente raciocinam, possuindo sobre os homens e as cousas idéas terrivelmente logicas.

Alli na fazenda eram todos concordes num ponto: a supremacia de Tio Pio sobre os demais seres humanos. Era Ti'Pio a atenção que nada esquece, a justiça que dá e pune, o amor que comprehende, o deus que cura, a ordem que tudo simplifica.

Para o trio do Péva era Ti'Pio o Recolhe-ovos, o Deita-ninhadas, o Mata-piolho, o Varre-gallinheiro, o Péga-frango, o Arruma-ninho, o Traz-quiréra, o Rebenta-cupim, o Espanta-cachorro, modalidades varias d'um alto espirito de providencia.

Para a Princeza era o Traz-milho, o Tira-leite, o Prende-bezerro, o Esvurma-berne, o Fécha-porteira, o Bóta-no-pasto.

Para a mulinha era o Põe-carroça, o Arruma-arreios, o Escóva-pêllo, o Dá-ração.

Para o Vinagre era o Lava-cachorro, o Traz-angú, o Atiça, o Préga-pontapés.

Só elle, entre tantos homens da fazenda, revelava-se, apesar de preto, claro de intenções e comprehensivel; só elle não podia desaparecer sem grave damno geral. Lembravam-se de como todos padeceram uma occasião em que Ti'Pio cahiu de cama.

Houve desordem grossa. Pintos morreram de fome, Vinagre emmagreceu, a Princeza viu-se privada de palha, o Péva dormiu fóra do terreiro pela primeira vez. Ao cabo de dez dias, quando o preto resurgiu, recém-sarado, foi como se repontasse o sol em seguida a longo estirão de chuvas. Que alegria!

As demais creaturas humanas afiguravam-se-lhes mysteriosas e sobretudo illogicas. Impossivel a Vinagre entender o patrão. Já de cara alegre, já de cara

amarrada, recebia-o alternativamente com carinho ou ponta-pés. E o velho cachorro philosophava: como é que um mesmo acto meu, sempre gesto de afago e submissão, ora recebe premio, ora castigo? Não entendia...

E muito menos o entendiam o Péva, a Princeza e a Russa.

Mandava em tudo, aquelle homem. Inspirava terror. Sua presença no curral ou no pasto era signal certo de calamidade — morte, prisão, tortura. “Mate aquelle boi”, “pégue aquelle frango”, “arreie aquelle cavallo”, Mate, pégue, arreie, venda, esfole — não se lhe ouviam outras palavras. E toda gente corria pressurosa a executar-lhe as ordens, por mais tyrannicas que fossem.

Egualmente incompreensíveis, os filhotes do homem. Que creaturinhas variaveis, irrequietas, crueis! Sempre de vara na mão, perseguiam abelhas e borboletas, esmagavam os sapos, atropelavam as gallinhas. Ao vel-as, Vinagre disfarçadamente sahia para longe e o Péva bandeava-se com seus orphãos para o outro lado d’algum vêdo. Só a Princeza nenhum caso d’elles fazia, certa do terror que lhes inspiravam os seus longos chifres.

Já a Dona, mulher do Senhor, não infundia medo senão ás aves. Terrível inimiga do gallinheiro! Depredava os ovos, e condemnava á morte justamente os mais bellos frangos e as mais respeitaveis matronas de penna — “gallinhas velhas”, como dizia a ingrata.

Por uma tarde igual ás outras recolhia-se Péva ao pouso do costume, seguido dos tres orphãos, já marmanjões.

No céu, a caraça vermelha do sol escondia-se detrás do morro, e na terra os primeiros grillos ensaiavam as asas cricrilantes.

Rente á porteira a mulinha, solta no pasto minutos antes, espojava-se, regalada.

— Boa tarde! saudou o Péva. Cansadinha, hein?

A mula interrompeu a cabriola e abanou as orelhas, como quem diz: E' verdade. Depois, falou:

— Acho prudente que você tome cuidado com seus filhos. A Dona anda muito interessada por elles e é isso máo signal. Vi-a em conversa com Ti'Pio e pilhei do que diziam este pedacinho: "O marreco do capão está no ponto". Não sei que quer dizer, mais boa coisa não será...

O Péva enrugou a testa, apprehensivo. Jamais a Dona se referira a uma ave qualquer sem que não sobreviesse desgraça. "Está no ponto"—que quereria dizer aquillo?

A mulinha ignorava-o. Sabia de algumas palavras triviaes, conhecia o pégue, o prenda, o mate — mas o "está no ponto" era-lhe coisa nova.

— Quem ha-de saber disto é o Vinagre. Mora na casa grande e entende a lingua dos homens melhor do que nenhum outro animal. Consulte-o e não deixe tambem de consultar a Princeza, cuja experiencia da vida é grande.

Péva se foi á Princeza, que encontrou mascando as palhas do costume.

— "Está no ponto", poderá dizer-me, senhora Princeza, que coisa significa na lingua dos homens?

A vacca interrompeu a mascação e disse:

— Já ouvi essa palavra applicada ao meu filho segundo, o Barroso. Tinha elle dois annos e meio. O Dono passava em companhia de um capataz. Avistou-o de longe, no pasto e ordenou: “Aquelle boizinho está no ponto. Carro com elle!”

No dia seguinte laçaram-no, metteram-no na canga e o pobre do meu garrote muito que padeceu a puxar um carro pesadissimo. D’este incidente concluo que “estar no ponto” quer dizer carro.

Péva, um tanto curto de idéas, tremeu ante aquella revelação. Horror, metterem no carro ao seu querido marrequinho! Em seguida duvidou. Andar no carro era coisa que só vira fazer a bois. Não podia ser. A vacca errara evidentemente.

— Resta-me consultar Vinagre, reflectiu, e todo pé-pé, com ruguinhas de apprehensão na crista, foi ter com o velho cachorro.

Vinagre não resolveu o enigma, embora respondesse como o mais sabio dos oraculos:

— Póde ser mil coisas. A linguagem dos homens varia, ora quer dizer isto, ora aquillo. Mas que não é coisa boa, affirmo-te.

Nesse dia o capão, seguido dos orphãos, recolheu-se ao pouso habitual sem a despreocupação de outr’ora. Custou a conciliar o somno. Não lhe sahiam da cabeça as palavras mysteriosas e de sentido inapprehensivel.

Por fim dormiu e sonhou. Sonhou que ao lado do Barroso jungiam ao carro o pobre marrequinho. O sonho virou pesadelo e Péva soffreu horrores ante o qua-

dro do filho adoptivo a debater-se sob a monstruosa canga...

No dia seguinte, no momento da ração de milho, Ti'Pio, de um bóte, agarrou o marreco pelas pernas e se foi com elle a debater-se rumo da Cozinha.

Afflictissimo, tomado de immenso desespero, Péva inda alimentou esperanças de vel-o voltar. Mas a noite veio e com ella a primeira desillusão da sua vida. Nada de marreco. Pela manhã, nada. Meio dia, nada.

A' hora do jantar encontrou Vinagre roendo uns ossos no terreiro.

— Que é isso, amigo?

— Ossos de marreco.

— De marreco! exclamou Péva, surpreso.

— Sim. Que admiras? Que os marrecos tenham ossos? Têm-nos, e excellentes...

Péva estarreceu. Comprehendia, afinal, o tremendo sentido das palavras mysteriosas. "Está no ponto" significava condemnação á morte. Horror!

Guardou coísgo, entretanto, aquella magua. Nada disse ao peruzinho, nem ao frango, prevendo para ambos uma sorte identica.

— Bem triste a vida sob o dominio cruel do homem! Nada de bom vem d'elles... philosophou.

Nessa mesma tarde Péva cruzou-se com a Princeza e disse-lhe:

— Erraste, Princeza. "Está no ponto" quer dizer morte.

A vacca parou a mastigação da palha e sorriu da

ingenuidade do Péva. Ella tinha tanta certeza que queria dizer carro. . .

A vida na fazenda rolava na mesmice de sempre. Tudo continuava. A Russa, a puxar a carrocinha; a Princeza, a mascar palhas; o Vinagre, a acuar em sonhos.

Só na tribu do Péva a alegria não era a mesma. Saudades do marreco. Varias vezes o frango indagou do destino de Réco-Réco, forçando o capão a mentir. “Anda de viagem, uma longa viagem. Um dia volta” . . .

Mas com que tristeza punha os olhos no tanque ou nas poças de enxurro que se formavam em dias de aguaceiro, pensando lá comsigo: — Nunca mais! . . .

O tempo corre, as estações se succedem e a primavera se annunciou nos mil botões que se arredondavam nas laranjeiras. Os orphãos do capão já eram mais companheiros de ciscagem do que filhotes pipilantes. Já dispensavam sua assistencia solícita. O peruzinho, grandalhudo e bem empennado, fez-se independente. O frango punha crista, com as esporas abotoadinhas. Mudara de genio, e se via alguma franga, ia arrastar-lhe a asa até que algum gallo de verdade o escorraçasse.

Certa manhã a Dona veio assistir á amilhagem ⁽³⁾ das aves. Fez varias perguntas e deu varias ordens ao Pio, concluindo, de dedo apontado para o frango:

— Está a pedir panella, aquelle!

— Qual, Sinhá? O Sura?

(3) Acto de dar milho.

— Sim, elle mesmo.

Péva, que ouvira a conversa, engasgou-se com o grão de milho que tinha no bico, perdeu a fome e incontinenti retirou-se do bando. Embora não comprehendesse o sentido d'aquellas palavras, previu que “boa coisa não seria”, como philosophava o Vinagre.

E acertou. O frango, no dia immediato, desapareceu do terreiro mysteriosamente. Péva procurou-o por todos os cantos e, desconfiado, foi rondar os fundos da cozinha, na esperança de ouvi-lo piar lá dentro. Não ouviu pio nenhum, mas encontrou pennas suspeitas no monte do lixo...

Adquirida a certeza do novo desastre, fez-se inda mais tristonha a vida do pobre capão. A Cozinha! Era nas goelas d'aquelle horrendo Moloch ⁽⁴⁾ que successivamente iam desaparecendo os seus queridos orphãos. Engulira o marreco, engulira o frango... Enguliria tambem o peruzinho, porque não?

Velho e desalentado, com o coração sempre saudosos dos travessos garotinhos que creara, tornou-se macambuzio. Inda passeava com o perú, apesar da cada vez maior independencia d'este. Chegou a notar que era elle, Péva, quem o acompanhava agora. Notou-o, mas procurou illudir-se e simulava amadrinhal-o, como outr'ora.

Pela força do habito inda dormiam juntos, no antigo pouso ao pé do muro. Mas logo o perú, que é amigo do poleiro, elegeu um, commodo, em certa escada velha, e o capão teve de acompanhal-o na mudança. E

(4) Divindade á qual se sacrificavam victimas humanas em Carthago.

allí passaram a dormir, juntinhos e encorujados, no mesmo degrau da escada.

Assim viveram até á chegada do Anno Bom.

Na vespera a Dona appareceu no momento da amilhagem e disse ao Pio:

— Olhe, amanhã temos o Perú. Não esqueça de comprar pinga.

Desta feita Péva não vacillou quanto ao sentido da expressão. “Está no ponto”, “pedir penella”, “temos o Perú” deviam ser phrases equivalentes. Estava pois condemnado a entrar para a Cozinha o seu derradeiro filho...

Cheio de resignação — e com a alma em transes, Péva passou o dia num canto, jururú, remoendo as doces recordações de outr’ora. Ao cahir da noite recolheu-se. Empoleirou-se na velha escada e achou muito natural que o Perú não comparecesse.

Dormiu tarde, e teve o somno agitado de continuos estremeções de angustia.

No dia seguinte notou movimento fóra do commum na casa grande.

Vinha gente de longe, mulheres de trolly, homens a cavallo. Vinagre, esquecido da somneca do costume, entrava e sahia, abanando a cauda com vivacidade de cachorro novo.

Num d’estes vae-e-vens Péva o deteve.

— Que ha na casa grande? Tanta gente...

— Ha Perú, respondeu o cão. Quando ha Perú os homens se assanham, vestem roupas novas, brincam e dançam. Tenho notado que a presença do Perú á mesa

provoca nos homens uma especie de delirio, como entre as gallinhas a quéda de içás.

Esta observação do cachorro, embora muito lisonjeira para a raça dos perús, não consolou nada ao nosso Péva, que se sentiu ganho, menos de tristeza que de funda indiferença pela vida. O successivo sacrificio dos filhotes callejara-lhe por partes o coração. No dia do marreco a dôr que sentiu foi verdadeira dôr de pae; em seguida, pela morte do frango, a sua dôr foi dôr de pae adoptivo; agora, ao perder o perú, a dôr era calma e resignada. Dôr e philosopho. Comprehendia, afinal, que a vida foi, e é assim, e não melhora...

Os capões inspiram desprezo aos gallos e talvez piedade ironica ás senhoras gallinaceas. D'este modo, Péva, em sua triste solidão, deambulava pelo terreiro como creatura sem lugar na vida. As lindas frangas, as viçosas poedeiras e até as velhas gallinhas aposentadas, tinham pela sua honesta companhia um profundo desdem. E como nem os frangotes o procuravam, o isolamento do triste capão era completo.

Esse errar á tôa fel-o notado do Ti'Pio, que se lembrou de pol-o a criar nova ninhada.

— Anda vadiando aqui, este diabo... Espera que te arrumo.

Agarrou-o, levou-o ao gallinheiro, esfregou-lhe ortiga no abdómem e deitou-o sobre uma ninhada de dez pintos nascidos na vespera.

Não offereceu Péva a menor resistencia. Deixou fazer. Agachou-se como dantes e cobriu lindamente os gentis recém-nascidos.

Altas horas, porém, ergueu-se e tomou rumo do poleiro, abandonando aos frios da noite a roda de vidinhas papilantes.

Não mais queria exercer a profissão de mãe. Para que?

— Se teem de morrer na Cozinha, morram agora, enquanto lhes não tenho amor.

Assim foi e os pintos amanheceram mortos, entanguidos de frio.

Quando Ti'Pio tomou conhecimento do desastre ficou furioso da vida.

— Cachorro! Você fez, mas paga!

Houve um corre-corre. A gallinhada assustadiça debandou e os marrecos se metteram no tanque.

Cotó de pernas, frouxo de asas. Péva pouco resistiu á perseguição do negro. Rendeu-se e, seguro pelas patas, de cabeça para baixo, com as idéas perturbadas pela congestão do cerebro, por sua vez transpoz a soleira da Cozinha, insaciavel sorvedouro de vidas, odioso tumulto de Réco-Réco, do Sura, do Perú e, breve, do veneravel tutor da estranha irmandade...

Quem na manhã do dia seguinte passasse pelo fundo da horta, veria no monte de lixo um punhado de pennas escaldadas, murchas, sem côr, sujas de cinza. E veria duas pernas rugosas, de longas esporas recurvas.

E veria ainda uma dolorosa cabeça de crista violacea, com os olhos semi-abertos, em cujas pupillas de vidro varias formiguinhas se miravam.

Horriveis, aquelles despojos?

Um urubú pousado no beiral da casal não pensava assim...

P E D R O P I C H O R R A

Quem dobra o morro da Samambaia, com a vista saturada pela verdura monotona, espairece na Grotta Fria ao dar de chapa com uma sitioca pittoresca.

E passa levando nos olhos a impressão d'aquella sépia afogada em campo verde. Casebre de palha, terreirinho de chão limpo, mastro de Santo Antonio, com desenhos já escorridos da chuva e bandeira rota, trapejante ao vento... Dois mamoeiros no quintal, apinhados de fructos; canteiros de esporinhas com periquito á roda e mangericões entreverados... Um pé de girasol, magro e desenxabido, a sopesar no alto a rodela côr de canario; laranjeiras semimortas sob o toucado da herva de passarinho...

Nos fundos da casa vê-se o lavadouro, descoivado (1) apenas, num poço onde o corrego rebrilha tres palmos d'agua.

Sobre um taboão emborcado a meio, lá está batendo roupa a Marianinha Pichorra, mulher do Pedro Pichorra, mãe de nove Pichorrinhas: E' alli o sitio dos Pichorras e até a Grotta Funda já é conhecida por Fundão da Pichorrada.

(1) Desembaraçado da "coivara" i. é, da paulama

Por que os antigos Perciras de Sousa, do Barro Branco, vieram a chamar-se Pichorras?

E' toda uma historia.

Pedrinho ia nos onze annos. Já se fazia de homem e já preferia, em materia de fumo, o forte, bem melado. Na vespera realizara o sonho de toda creança da roça — a faca de ponta. Dera-lh'a o pai, á guiza de diploma de virilidade.

— Menino, d'ora avante és homem. Aggredido, não gritarás por gente grande; é mão na faca, pé atrás e corisco nos olhos!...

Não lhe falou assim o pai, mas leu Pedrinho essa fala na lamina rebrilhante. Por isso irradiava d'orgulho, imaginando pégas, aloites, tempo-quentes e tocáias onde a sardinha (2) alumiasse.

O pai, áquell'hora de pé na soleira da porta, assumptava céo. Viu que chover não chovia, e,

— Pedrinho! gritou para os fundos.

— Pai?

— Vá pegar a egua.

O menino passou mão do cabresto e mergulhou no pasto. Minutos depois rebentou (3) trotando em pëllo a Serena, egua velha, de muita barriga, mas aguentadeira.

— Dê milho, do molle, e arreie.

O pequeno debulhou duas espigas no embornal e, emquanto a alimaria mascava o lambisco, alisou-a,

(2) Synonimo de faca, na linguagem popular

(3) Reappareceu.

ageitou-lhe no lombo pisado um sacco velho, depois a carona, o lombilho, o pellego.

— Não cóche (4) demais a barrigueira. Tem potrinho.

O menino folgou dois dedos o arroxo e esperou um bocado, enrolando o cigarro, até que a Serena parasse de mastigar. Por fim, arrumou o freio e montou.

— Agora você vá ao sitio do Nhéco e diga p'raquelle tranca que dou o capadete (5) pelos vinte e cinco mil réis.

Pedrinho abriu cara de quem extranhava a ordem.

— Sózinho?

— Ué! E a faca, então? Não é “companheiro”?

O argumento valeu. Pedrinho, sem mais palavra, deu rédea e — *lepte! lepte!* arrancou estrada afóra.

O pai, alisando machinalmente um palhão de milho, seguiu-o d'olhos até perdê-lo de vista na primeira curva. Depois, monologou:

— “Sózinho?” Ué! Até quando? E' preciso acostumar. Onze annos, é homem... Eu com dez varava sertão.

Pedrinho trotava pela fita vermelha do caminho, sóbe e desce morro, quebra á direita, á esquerda, *pac, pac, pac...*

Pensava na volta. Teria tempo de transpor a figueira grande antes do escurecer?

(4) “Cochar”, apertar.

(5) Porco novo, de meia engorda.

A figueira... Passavam-se coisas do arco da velha alli...

Pela meia noite — diziam — o capeta juntava sua côrte inteira debaixo d'ella e pinoteavam um samba do inferno.

Os sacys marinham galhos acima, em cata de figuinhos, que disputavam aos morcegos. Lobishomens, então, eram aos centos que vinham focinhar o esterco das corujas. Almas penadas, isso nem era bom falar! Quando o Quincas da Estiva contava casos alli passados, não havia chapéu que parasse na cabeça.

Mas, de dia, nada; passarinhada miuda só, a debicar frutinhas. Foi o que o menino viu, nesse dia, ao cruzar com ella; mesmo assim passou rapido e encolhidinho — “por via das duvidas”!...

Chegou ao Nhéco inda com sol e deu o recado.

Nhéco, marotissimo, coçou o cabello de milho da barbica e embromou:

— Pois não. Mas, “não vê” que o toicinho baixou. De Minas tem descido um “poder” de capadaria (6) que mette medo. De sorte que você diga p'r'o pai que nestes “causos” eu não sustento o trato. Si elle quizer vinte e tres mil réis... Diga assim, ouviu? Vinte e tres!

Pedrinho desandou para trás, pensando comsigo: malandro! E veio todo o caminho absorvido em xingar mentalmente o aproveitador.

Ao defrontar com a figueira o medo engrifou-o. Es-curecia. A luz estava morrendo — pallida no alto, vermelha esmaida no poente. Por felicidade passaria a

(6) Grande quantidade de porcos gordos.

figueira antes da noite. Fechou os olhos, conjurou o encardido Santo Antonio da familia e transpoz d'um galão o passo perigoso.

— Arre!... exclamou com desabafo, olhando para trás e vendo a arvore maldita diminuir de porte. E *pac, pac, pac*, estrada em fóra, rumo do sitio paterno...

Mas escureceu, e já perto da casa, vae sinão quando a egua empina a orelha e passarinha.

— Egua velha passarinho é sacy! — suggeriu dentro d'elle o medo. E o menino, retranzido, vê de repente no barranco um sacy de braços espichados, barrigudo, “*com um olho de fogo que passeava pelo corpo*”.

— Nossa Senhora da Conceição, valei-me!

Assustado por aquelle berro, o “olho do sacy voou pelos ares, piscando”...

.

Pedrinho bateu (7) em casa de cabellos em pé, olhos a saltarem. Agarrou-se com o pai, tremulo e sem fala. A custo desatou o nó da lingua.

— O sacy, pai!...

— ?

— ... P'ra cá da figueira... na curva... Barrigudinho!... preto!...

O pai deu-lhe agua na cuia.

— Beba. Socegue um pouco, menino.

E depois d'uma pausa:

(7) Chegou á casa.

— Você está bobeando, Pedrinho. Não ha sacy d'estas bandas.

— Juro, pai! Por Deus do Céu que vi!

E contou a viagem, por meudo, até á aparição.

— Altinho? Pretinho? — indagou o pai.

— Pretinho era, mas chatola, barrigudo, assim como uma pichorra grande.

— Então não é sacy — concluiu o velho, entendidissimo que era em demonologia.

E depois:

— Fedeu enxofre?

— Não.

— 'ssobiou?

— Não.

— Mecheu do logar?

— Não. Só o olho. O olho andava e voava.

O caboclo reflectiu um bocado até que por fim uma idéa lhe illuminou a cara.

— Onde foi isso — p'ra cá do córguinho (8)?

— E'...

— No barranco?

— Justamente...

— O olho andou e depois voou, piscando?

— Tal e qual...

— E o corpo ficou parado?

— Isso mesmo...

(8) Pequeno corgo, ou correço.

O velho clareou a cara, desmanchando as rugas da testa, e disse, rindo:

— O que mais não se aprende neste mundo!... Sabe o que você viu, menino? Você viu o sacy-pichorra...

E mudando de tom, depois de reflectir durante um par de minutos:

— “Quedelle” a faca?

— P’ra quê? perguntou o menino, desconfiado.

— Deixe ver, dê cá a faca.

Pegou d’ella e pôl-a á cinta. E, rispido:

— Vá dormir.

Pedrinho, comprehendendo a degradação, ergueuse, com lagrimas nos olhos.

— E a faca? perguntou.

— Fica commigo. P’ra você, porquerinha, é canivete marca anzol (9), ainda.

E com infinita ironia:

— Vá dormir, Pedro... Pichorra!...

O menino recolheu-se, sacudido de soluços. O velho pegou do borrarho um tição e accendeu na braza viva o cigarro. Baforou uma fumaça com o pensamento no fallecido sogro, Chico Vira, o caboclo mais poltrão da Estiva.

— Por quem havia de puxar o Pedrinho, pelo Chico Vira...

(9) Canivete barato, sem ponta.

E assim, o rebento masculino dos Pereiras, do Barro Branco, virou, por troça do proprio pai, o tronco d'uma nova familia, essa Pichorrada que hoje põe a nota sepia da sitióca na verdura monotona da Samambaia.

Tudo porque a velha Miquelina deixára naquelle dia a pichorra d'agua a refrescar ao relento, á beira do barranco, e um vagalume guassú pousára nella por acaso, justamente quando o menino passava...

Esse delirio que por ahi vae pelo futebol tem seus fundamentos na propria natureza humana. O spectaculo da lucta sempre foi o maior encanto do homem; e o prazer da victoria, pessoal ou do partido, foi, é e será a ambrosia dos deuses manipulada na terra. Admiramos hoje os grandes philosophos gregos, Platão, Socrates, Aristoteles; seus coevos, porém, admiravam muito mais aos athletas que venciam no estadio. Milor de Crotona, campeão na arte de torcer pescoços a touros, só para nós tem menos importancia que seu mestre Pythagoras. Para os gregos, para a massa popular grega, seria inconcebivel a idéa de que o philosopho pudesse um dia offuscar a gloria do luctador.

Em França, antes da surra homérica que lhe deu Dempsey (1), o homem verdadeiramente popular era George Carpentier (2), mestre em sôccos de primeira classe; e se dessem nas massas populares um balanço sincero, veriam que elle sobrepujava em prestigio aos proprios chefes supremos vencedores da guerra.

Nos Estados Unidos ha sempre um campeão de boxe tão entranhado na idolatria do povo que estaria em suas mãos subverter o regimen politico, se a edu-

(1) Campeão mundial do boxe.

(2) Campeão francez do boxe.

cação das massas não tivesse atingido lá o gráo que attingiu.

Entre nós ha o exemplo recente de Friedenreich (3), um pé de boa pontaria pelo qual milhares de creaturas, sobretudo creanças, são capazes de sacrificar a vida.

E os delirios collectivos provocados pelo embate de dois campeões em campo? Impossivel assistir-se a espectáculo mais revelador da alma humana do que o jogo de futebol em que disputam a primazia paulistanos e italianos, em S. Paulo.

Não é mais esporte, é guerra. Não se batem duas *equipes*, mas dois povos, duas nações, duas raças inimigas. Durante todo o tempo da lucta, cincoenta mil pessoas deliram em transe, extacticas, na ponta dos pés, coração aos pulos e nervos tensos como cordas de viola. Conforme córre o jogo, ha pausas de silencio absoluto na multidão suspensa, ou deflagrações violentissimas de enthusiasmo que só a palavra delirio classifica. E gente pacifica, bondosa, incapaz de sentimentos exaltados, sahe fóra de si, torna-se capaz de commetter os mais horrorosos desatinos.

A lucta de vinte e duas feras no campo, transforma em feras os cincoenta mil espectadores, possibilitando um esfaqueamento mutuo, num conflicto horrendo, caso um incidente qualquer funda em risco as electricidades psychicas accumuladas em cada individuo.

(3) Campeão brasileiro do futebol.

O jogo de futebol teve a honra de despertar o nosso povo do marasmo de nervos em que vivia. Antes d'elle, só nas classes medias a lucta politica tinha o prestigio necessario para uma exaltaçãozinha periodica.

E isso porque de todos os esportes tentados no Brasil só o futebol conseguiu acclimar-se, como o café. Hoje, alastrado de norte a sul, transformou-se quasi em praga, conseguindo, só elle, interessar vivamente, exaltadamente, delirantemente o nosso povo.

No Estado de S. Paulo não ha recanto, villosa, fazenda, bairro onde se não veja num chão plaino e batido os dois rectangulos oppostos, assignaladores d'um *ground*. Pelas regiões novas, de virgindade só agora atacada pelos invasores, é commum topar-se de subito, em plena matta, uma clareira aberta e limpa onde, nas horas de folga, os derrubadores de páo vêm bater bola.

Já assistimos a um *match* em certa fazenda, do qual guardamos inesquecivel lembrança. Tudo muito bem arrumado; os *players* uniformizados, de meias grossas e botinas ferradas, tal qual nos *clubs* das cidades. E falando em *corners*, *goals*, *hands*, *half-times*, a inglezia inteira dos termos technicos.

Ao nosso lado o fazendeiro explicava:

— Aquelle *goal-keeper* é carreiro; amanhã de madrugada está de pé no chão puxando lenha. O *center-half* é madeireiro; está-me lavrando umas perobas na roça velha. Os *full-backs* são tropeiros e os *forwards*, simples puxadores de enxada.

Era assombroso! Estavamos deante da maior revolução de costumes jamais operada em terras de Santa

Cruz. E tudo por arte e obra de uma simples esphera de couro estufada de ar!...

Antes do futebol, só a capoeiragem conseguiu um cultozinho entre nós e isso mesmo só nas classes baixas. Teve seus periodos aureos, produziu seus *Friedenreichs* e, afinal, acabou perseguida pela policia, com grande magua dos tradicionalistas que viam nella uma das nossas poucas coisas de legitima criação indigena.

Infelizmente não se guardou memoria escripta d'esse esporte, cujos annaes se encheram de maravilhosas proezas. Não teve poetas, não teve cantores, não teve sabios que as salvaguardassem do olvido; e de todo o nosso rico passado de *rasteiras*, *rabos d'arraia* e *soltas* restam apenas anedotas esparsas, em via de se diluïrem na memoria de velhos contemporaneos.

Que bellos themas a nossa literatura deixa á margem, victima que é da eterna fascinação franceza!

Que se fixe, pois, em letra de fôrma, ao menos o caso do 22 da "Marajó", com tanto chiste narrado pelo maior humorista brasileiro, esse prodigioso Mark-Twain (4) inedito que se chama Felinto Lopes.

O 22 da "Marajó" era um imperial marinheiro, mestre em desordens e amigo de revirar de pernas para cima kiosques de portuguezes. Rapazinho bonito, imperava na Saude (5) onde suas proezas de capoeira excepcional andavam de bocca em bocca, discutidas como façanhas de Rolando (6). E taes fez que o governo,

(4) O mais celebre humorista norte-americano.

(5) Bairro de má fama no Rio de Janeiro.

(6) Rolando, Roldão ou Orlando, o mais famoso dos Pares de França.

incommodado, deportou-o para o norte, a servir no Alto Amazonas, em canhoneira da flotilha estacionada no Pará. A mudança de clima regenerou-o e o rapaz, resolvendo tirar partido dos seus dotes plasticos, ferrou namoro com a viuva de um *ship chandler* (6a), herdeira d'um pacote de quatrocentos contos, com quem veio a casar-se. Pediu baixa, obteve-a logo e foi com a esposa em viagem de nupcias á Europa, onde permaneceu por dois annos. Ao cabo, regressou á patria, elegendo o Rio de Janeiro para residencia definitiva.

Mas quanto mudara! Transformado num perfeito *gentleman*, embasbacava a rua do Ouvidor (7) com o seu apuro de trajés, suas polainas, suas luvas, sua cartola café-com-leite.

Quem é? Quem será? Ninguem sabia.

— Algum fidalgo, certamente, cochichavam. Não vêem que modos distinctos?

E o 22, impavido, petroneando (8), de monoculo no olho, a olhar de cima para os homens e as coisas...

Tinha habitos certos e todos os dias passava pelo largo de S. Francisco, como paca pelo carreiro.

Aconteceu, porém, que alli era ponto de uma roda de rapazes chiques, fortemente despeitados ante a esmagadora elegancia do desconhecido, rival perigoso, sem duvida, em materia de esporte feminino. Os quaes rapazes, depois de muito cochicho, deliberaram quebrar

(6-a) Negociante de artigos de consumo nos navios.

(7) A rua elegante do Rio de Janeiro antes de abrir-se a Avenida Rio Branco.

(8) Pavoneando-se, deitando elegancia. Vem de Petronio, arbitro das elegancias no tempo de Nero.

a prôa (9) ao novo concorrente, apenas aguardando para isso a boa oportunidade.

Certa vez em que o Petronio passava mais imponente do que nunca, coincidiu approximar-se da roda chique um capoeira mordedor (10), que se gabava de ser mestre em “soltas”.

Quem sabe hoje o que é “solta”, nesta epoca de *kikes* e *shootes*? Solta era uma cabeçada sem *hands*, isto é, sem encostar a mão no adversario.

Mas o capoeira chegou e mordeu-os em cinco mil reis.

— Perfeitamente, responderam os rapazes, mas primeiro has de sapear (11) uma solta naquelle freguez que alli vae de monoculo!...

— E’ já! exclamou o capoeira, gingando o corpo. E tirando o chapéu foi postar-se na calçada por onde vinha o 22, de cartola e monoculo, sacudindo passos de *lord*, muito esticado dentro do seu *croisé* cortado em Londres.

Um, dois, tres... Quando Petronio o defrontou, o capoeira avança e despeja-lhe uma formidavel e primorosa cabeçada.

O desconhecido, porém, quebrou o corpo, e a cabeça do atacante foi de encontro á parede, ao mesmo tempo que um pé bem manejado plantava-o no chão com elegantissima rasteira. O mordedor, tonto e confuso, mal se ergueu e já desaba de novo, cercado por outra

(9) Tirar a prosa.

(10) Filante, que dá “facadas”, que morde os amigos na bolsa.

(11) Pespegar.

gentil rasteira. Passara, imprevistamente, de aggressor a agredido e, desnordeado, deu sebo ás cannelas, indo apalpar o gallo (12) a cem passos de distancia.

Emquanto isso o Petronio, concertando a gravata com grande calma, dirigia a palavra aos moços elegantes, assombradissimos:

— Só uma besta d'estas dá soltas sem negaça (13)! Já dizia o Cincinato Quebra-Louça (14): soltas sem negaça só em lampeão de esquina. Se grampeasse (15), inda vá lá. O Trinca-Espinhas, o Estrepolia, o Zé da Gambôa e outros praxistas (16) admittem-nas neste caso, mas isto mesmo só quando o semovente não é firme de letra (17).

E gyrando a bengala de unicornio entre os dedos anelados, finamente superior, concluiu com saudades:

— Já gostei d'este divertimento. Hoje, minha posição social e o meio em que vivo não m'o permittem mais. Vejo, porém, que a arte está decahindo...

E lá se foi, imperturbavel, murmurando comsigo mesmo:

— Soltas sem negaça... Forte besta!

Os elegantes, passado o momento de estupor, planearam solemne desforra. Contratariam o famoso

(12) Uma pancada na cabeça forma logo um inchaço, a que o povo chama — gallo.

(13) Acto de negacear, antes de dar o golpe.

(14) Capoeira famoso, moleque do Rio.

(15) Grampear, um dos golpes do capoeira. Dois dedos mettidos nos olhos do adversario.

(16) Moleques que eram autoridades em materia de capoeiragem. Mestres.

(17) Gíria. Quando o adversario não é pratico na arte.

Dente de Ouro, da Saude, para romper o baluarte e quebrar de vez a prôa ao estranho personagem.

Tudo assentado, no dia do ajuste postaram-se no carreiro (18), com o rompe-e-rasga á frente.

— E' aquelle! disseram, mal repontou ao longe a cartola clara do Petronio.

Dente de Ouro avançou feito (19) para o desconhecido. Ao fronteal-o, porém, entrepara, e abre-se num grande sorriso palerma:

— O 22!... Você por aqui?!...

— Cala o bico moleque, e toma lá para o cigarro. Mas afasta-te, que hoje sou gente e não ando em más companhias, disse o Petronio, correndo-lhe uma pellega e seguindo caminho.

Dente de Ouro voltou para o grupo dos elegantes, alisando a nota.

— Então? perguntaram estes, desnorteados pelo imprevisto desenlace.

— 'cês 'tão bestas! Pois aquelle é o 22 da "Marajó", corpo fechado (20) para sardinha (21) e pé que nunca malou saque (22). Estrompar o 22? da "Marajó?" 'cês 'tão bestas!...

(18) Caminho por onde habitualmente a caça transita.

(19) Avançar feito: avançar de bóte armado.

(20) Corpo invulneravel.

(21) Faca ou navalha.

(22) Gíria do jogo da pelota. Malar o saque é perder o ponto no inicio duma jogada.

A O N D A V E R D E

Quem viaja pelos sertões do noroeste paulista se vê empolgado pelo espectáculo maravilhoso da preamar do café. A onda verde nasceu humilima em terras fluminenses. Tomou vulto, desbordou para São Paulo e aqui, fraldejando a Mantiqueira, veio morrer, detida pela frialdade do clima, á orilha da Paulicéa.

Mas não parou. Transpoz o baixadão geento e foi espraiair-se em Campinas.

Ahi começa mestre Café a perceber que estava em casa. Corredor de mundo, viajante exotico vindo d'Arabia ou d'Africa (1), provára pelo caminho todos os massapés e sôndára todos os climas. Franzia o nariz, porém. Veio sorrir alli, ao pisar esse Oasis do Rubidio que é o Oeste paulista, onde arranchou de vez, para sempre, em *sua* casa.

Repete-se, então, o movimento bandeirante de outróra. Attrahe o homem aventureiro, não mais o ouro dissimulado em palhetas no seio da terra, mas o ouro annual das bagas vermelhas que se derriçam em balaios.

A região era todo um mattaréu virgem de majestosa belleza.

Rasgara-a a facção o bandeirante antigo, por meio de picadas; o bandeirante moderno, machado ao hom-

(1) Ha duvidas, si o café é originario da Africa ou da Arabia.

bro e facho incendiario nas mãos, vinha agora, não penetral-o, mas destruil-o.

Almas fechadas ao contemplativismo, nunca lhes amollentou o pulso a belleza augusta dos jequitibás de frondes sussurrantes como o oceano, nem o vulto grave das perobeiras millenarias.

Sua ambição feroz preferia á belleza da desordem natural, a belleza alinhada da arvore que dá ouro. Só esta forma de belleza tem amavios capazes de enlevar a alma fria do paulista. Para ver estadeada ante os olhos a *sua* belleza — cousa nova no mundo e criação genuinamente local — derrubou, roçou e queimou a maravilhosa vestimenta verde do oasis. Desfez, em decennios, a obra prima que a natureza vinha compondo desde a infancia da terra.

Confessemos: um espectaculo vale o outro.

Nada mais soberbo — e nada desculpa tanto o orgulho paulista como o mar de cafeeiros em linha, postos em substituição da floresta nativa.

E' de enfunar o peito a impressão de quem pela primeira vez navega sobre o oceano verde-escuro. Horas a fio, num *pullman* da Paulista ou num carro da Mogyana (2) a cortar um cafezal só — milhões e milhões de pés que ondulam por morro e valle até se perderem no horizonte, confundidos com o céu... Um cafezal só, que não acaba mais, sem outras soluções de continuidade além do casario das fazendas e dos pastos circumjacentes... Para quem necessita

(2) Paulista e Mogyana, nomes vulgares de duas companhias de estradas de ferro.

revitalizar as energias murchas e esmaltar-se de indestructivel fé no futuro, nada melhor do que um passeio pelo mar interno da Rubiacea.

Mas a arvore do ouro só o produz á custa do sangue da terra. E' exuberante na producção da baga vermelha, mas insaciavel de humus.

Polvo com milhões de tentaculos, o Café rola sobre a matta e a sovérte (3).

Nada o sacia.

Já comeu as zonas uberrimas de Ribeirão Preto, Jahú, São Manuel, Araraquara, os pedaços de ouro de São Paulo, e agora afunda os dentes na carne virgem, tresuante de seiva, do Paraná e de Matto Grosso.

Nada lhe detem a offensiva irresistivel.

Não a paralysam geadas monstruosas como a de 1918; nem as taxas e sobretaxas excessivas; nem os impostos de sahida; nem a jogatina de Santos; nem a mentalidade aartista do fazendeiro.

Caminha sempre.

Carro de assalto, vivo mas inconsciente, cégo mas instinctivo, lá róla hoje, rumo noroéste, para deante, sempre para deante...

O café é uma epopéa.

Quando nossa literatura largar o cházinho que heberica no Alvear (4) e comprehender a sua verdadeira missão, a epopéa, a tragedia, o drama e a comedia do café serão os grandes themes de quantos sentirem em si a fagulha divina.

(3) Por subverter — absorver, engulir, fazer desaparecer.

(4) Confeitaria elegante no Rio.

Que folego é mister!

Que amplitude de visão, que dureza d'alma, que sobrehumana coragem para vêr, sentir e contar a historia da Onda Verde que engole e digere as florestas virgens!

Os aspectos antigos — o eito de negros tocado a bacalháo (5), e os aspectos modernos — a bravura do italiano, encardido de oxydo de ferro (6). As hostes de sertanejos, os mais rijos do Brasil, que descem, pelo inverno, dos socavões da Bahia, de machado ás costas e uma furia de destruição nos musculos. O duello entre esses heróes de dentes apontados a faca (7) e a selva bruta. O machado que canta no róseo das perobas. A foice que risca a miuçalha vegetal. A queimada, depois... E depois o sertanejo que volta á querencia (8), com o dinheiro no lenço, e pago — pago e repago da faina com o espectaculo fulgurante da queimada que leva impresso na retina para todo o sempre.

Elles destróem, mas não sabem construir. Entra em scena, para construir, o colono e começa o drama da formação: quatro annos de enxada no pulso, de corrida paciente atrás de um matto que “corre atrás da gente”. A victoria, afinal, a florada nivea — quando não, como em 1918, uma florada prematura de neve...

O assumpto arrasta. Voltemos atrás.

(5) Instrumento de castigo usado no tempo da escravidão.

(6) O rubro da terra-roxa vem da presença do oxydo de ferro.

(7) Nos sertões bahianos é uso dos sertanejos tornar os dentes pontudos, o que conseguem lascando-os a faca.

(8) Lugar do nascimento, ou de criação.

A penetração do café nas terras novas escreve capitulos curiosissimos, oscillantes entre o tragico e o comico.

Faz-se por bem ou por mal — quasi sempre por mal.

O primeiro passo é a creação da propriedade de titulo liquido. Sem esta base, não póde surgir a fazenda, que é uma empreza de vulto, onde se interessam fortes capitaes. A propriedade crêa-se hoje, como outróra, pela conquista do mais forte, pela espoliação levada a cabo pelo mais audacioso, pelo mais despido de escrupulos.

Um homem timido e perfeitamente moral, chega ao sertão e não tópa brécha onde pôr pé. Encontra-o deserto, mas apossado. Não vê gente, mas esbarra donos. Se quer comprar ninguem lhe vende. Ninguem lhe arrenda. Ninguem lhe aluga. Os detentores, zelosos de uma posse tradicional de pais a filhos, não querem vizinhos que lhes perturbem a paz do latifundio. E o homem moral volta para trás, desanimado.

Mas surge o grilleiro (9) e tudo se transforma. Terras paradas, terras inexpugnaveis á cultura, que velhos barbaças detêm aos milheiros de alqueires para tirar d'ellas um prato de feijão e uns porquinhos de céva, e que vêm vindo assim de avós a netos, e que permaneceriam assim toda a vida; terras devolutas, que a inercia do Estado conserva a monte (10), sem saber por quê nem para quê; terras legitimamente,

(9) Falsificador de documentos que deem posse ou dominio sobre terras incultas.

(10) Em abandono.

legalmente “apropriariadas” — nada disso é obstáculo á solercia do grilleiro. Elle, ao partir para o sertão, deixou em casa, na gaveta, os escrupulos de consciencia. Vem firme, vem “feito” como um gavião. Opéra as maiores falcatrúas; falsifica firmas, papeis, sellos; falsifica rios e montanhas; falsifica arvores e marcos; falsifica juizes e cartorios; falsifica o fiel da balança de Themis ⁽¹¹⁾; falsifica o céo, a terra e as aguas; falsifica Deus e o Diabo. Mas vence. E por arte d’essa obra-prima de malabarismo, espoliando posseiros ou donos, firmados na gazúa da lei, os grilleiros expellem das terras, num estupendo parigato ⁽¹²⁾, todos os barbas ralas ⁽¹³⁾ que alli vivejam parasitariamente, tentando resistir ao arranque da civilização.

Divididas as glebas em lotes, vendem-nas os grilleiros á legião de colonos que os seguem como urubús — pelo cheiro da carniça. E o grillo, si foi bem feito, é ñexpugnável e provoca admiração, e si foi mal feito fracassa e é apupado pelos embahidos.

Num sertão modorrento, quando a presença de um advogado ou agrimensor esperta os velhos moradores, a uma voz elles murmuram — e si não o murmuram, sentem-no lá dentro das tripas:

— O nosso tempo acabou-se...

E acaba, de feito. Acaba o marasmo da terra porque o grilleiro é o precursor da Onda Verde. O seu *cri-cri* annuncia a aproximação do carro de assalto.

(11) Deusa da Justiça, na Grecia.

(12) Brinquedo de creanças, consistente em se comprimirem num banco até que uma salte fóra.

(13) Caipiras, caboclos. Têm geral pouca barba, ou rala.

Cinco, dez annos depois, a flôr do café branqueia a zona e a incorpora ao patrimonio da riqueza nacional.

O “grillo” tem afinal uma funcção social e civilizadora. E’ a arte de tirar o direito do nada. E’ a victoria da gazúa do mais forte.

— Mas é uma gazúa! Abre as portas do sertão mas é uma chave falsa!... diz a moral.

Responde o café:

— Minha fome está acima da moral, e eu só conheço as leis do meu appetite.

Ha fomes sympathicas, não resta duvida...

A L U A C O R N E A

Meio seculo após á descoberta do Brasil, um sabio hollandez, Fabricius, notou a acção negregante da luz sobre um sal de prata.

As invenções naquella época eram em extremo lentas no evoluir — engatinhavam, andavam de mulletas, com estações de desesperantes somneiras pelo caminho.

O facto observado por Fabricius era o primeiro passo da photographia; para chegar ao segundo, porém, ao passo industrial dado com Niepce e Daguerre, foram precisos quasi tres seculos de incubação em numerosos cerebros, alguns superiormente dotados na bossa inventiva, como os de Humphrey Davy e Wollaston (1).

Se resuscitassem hoje, esses precursores, que asombro sentiriam deante das consequencias maravilhosas em que se desabrochou a singela reacção da luz solar sobre o chloreto de prata — ou *lua cornea*, como lhe chamavam então!

A photographia virou um dos elementos fundamentaes do mundo moderno. Não ha sciencia nem industria que não deva a esse instrumento insubstituivel o melhor dos seus actuaes progressos. O que

(1) A Niepce e Daguerre attribue-se a invenção da photographia; Davy e Wollaston, physicos inglezes, contribuíram para isso com seus estudos.

ella possibilitou não tem conta, como é imprevisível o muito que ainda traz latente no bojo.

Quando parecia estacionada, tendo dado de si tudo, abrolha da grande arvore um galho novo, imprevisito, aberto numa florescencia de possibilidades que tonteia a imaginação: o cinematographo.

Recentissimo, coisa de hontem, já conquistou o mundo e imprimiu ao andamento do progresso um rythmo novo. Sua influencia amanhã será tão grande como o é hoje a da imprensa. E é possível, mesmo, que seu destino seja sobrepôr-se á imprensa, subalternizando-a como instrumento de propagação de idéas — a ella e ao livro.

Tanto o jornal como o livro funcionam como vehiculos de imagens cerebraes — mas vehiculos ronceiros, que exigem um elevado indice de cultura no leitor; que exigem tempo, elemento cada vez mais escasso na atropelada vida moderna; e dinheiro — e cada vez mais porque o livro encarece vertiginosamente; e ainda certas disposições de espirito não realizadas com frequencia.

Já o cinema, vehiculo de imagens de muito maior envergadura, pede menos tempo, menos dinheiro, menos cultura e menos disposições mentaes especialissimas. Está, pois, predestinado a bater o livro em uma boa parte dos seus dominios e, quem sabe? a propria imprensa.

Entre nós sua “actuação” é já formidavel e muito mais dilatada que a do livro. Calculando-se para os 700 cinemas existentes no Brasil a média de um espectáculo para 100 espectadores por dia, temos 70.000

pessoas que “lêem” diariamente as novellas cinematographicas dadas á projecção. Pergunta-se: haverá, não digo 70.000, mas 7.000 novellas impressas, lidas por dia? O movimento de vendas dos livreiros está longe de indicar este algarismo, o que prova o enorme avanço conquistado pela novellistica muda, vista na tela, sobre a novellistica guttenberguiãna, lida em livros.

Nos Estados Unidos os algarismos tonteiam. Vinte e cinco milhões de pessoas penetram diariamente nos *shadowland* (2). E' facil imaginar a força prodigiosa d'um instrumento de idéas que se alarga em taes proporções.

A novella popular, pelo systema antigo, quer em folhetins de jornaes, quer em brochuras baratas, de Escrich, Ponson & C. (3), está morta entre nós, onde, aliás, nunca teve grande desenvolvimento graças á barreira inexpugnavel do nosso phantastico analphabetismo. A proporção, nas capitaes e no interior do paiz, entre a novella vista e a novella lida, será talvez, de uma para mil. E a inclinação da balança, favoravel á novella vista, cresce dia a dia.

Só no Estado de S. Paulo existem cerca de 300 salas dedicadas exclusivamente á novellistica cinematographica. E todas se enchem á noite, ao passo que as salas de leitura dos gremios literarios, recreativos e dançantes, ou das biliothecas municipaes, vivem ás moscas. Boceja dentro d'ellas um “tomador de conta”, com a cabeça povoada de imagens das Dorothys ameri-

(2) Palavra ingleza — terra, ou paiz das sombras.

(3) Escrich, Ponson du Terrall, romancistas de capa e espada, muito lidos pelo povo.

canas, ancioso por que anoiteça e possa elle, trancando aquella “jossa”, ir regalar-se com a arte mimica da gentilissima Dalton. Ninguem mais surge alli, como outróra, para um serãozinho de Escrich; nem meninas em crise romantica, frechadas por Cupido, mandam pelas crioulinhas buscar um romance “bem amoroso, seu Chico Traça, que tenha uma condessa pallida e um Raul moreno. de olhos bem pretos, como os do meu Lulú...”

As *misses* americanas, ricas de belleza e saúde, senhoras d’uma arte personalissima que não revê o molde dos conservatorios francezes — acrobatas, nadadoras insignes, mestras na arte de dominar, cavalgar, amansar espadaúdos representantes do sexo forte, empolgam em absoluto a nossa gente masculina. Em casa, vindos da fita, deante das esposas nervosas, cheias de medo ás baratas, elles sonham uma outra vida, mais forte, mais bella, num paiz de devaneio onde tudo corra na macióta cinematographica.

As meninas, romanticas ou realistas, essas, viraram mysticas, d’um mysticismo novo. Todas adoram os George Walsh, os Wallace Reid, os William Farnun, essa pleiade de succulentos heroes modernos, magnificamente bellos, esplendidamente fortes. E suspiram de decepção piedosa quando, fóra da tela, os nossos Chiquinhos, Lulús e Pedrócas côr de terra, sem peito, sem hombros, sem musculos, sem belleza, approximam-se para um córte de namoro.

— Amo-te, Julieta! Pede-me a vida, pede-me o impossivel para que eu possa demonstrar a vastidão do meu amor!

— Quero que você, Romeu, faça como o Tom Mix, aquella noite: apanhe o meu lenço do chão numa galopada de cavallo!...

Romeu cóça a cabeça. Em materia de equitação seu heroismo não vae além de montar eguas mansas, ultra-lerdas, só de andadura.

E as Julietas suspiram...

Até as creanças se fanatizam pelo *shadowland*. Os cinemas do interior reservam-lhes os bancos da frente, com entradas a 200 réis, e ellas alli deliram, torcendo, como no *futebol*, em pról do heróe do dia e applaudindo-o com delirio no momento da victoria.

Tom Mix, William Hart, Eddie Polo, Antonio Moreno e outros *cow-boys* maravilhosos povoam hoje os cerebros infantis, impregnando-os fortemente d'um ideal novo.

Porque o cinema americano renova, resurge a cavallaria andante, dá-lhe fórmias actuaes, logicas e modernas, conservando-lhe, todavia, o espirito.

Hart é o moderno Roldão. Suas proezas excedem ás do valoroso par de França que morreu em Roncesvalhes. No começo, em suas primeiras fitas, limitava-se a vencer um adversario depois de luta corporal ao vivo, d'um realismo electrizante.

Não bastava isso. Foi além. Passou a vencer dois, tres, dez inimigos. Hoje Hart vóga em plena phase rolandesca, a phase aurea em que o paladino, enfrentando exercitos de 300.000 mouros e relampagueando a Durindana, fendia craneos aos milheiros, decepava cabeças de reis morenos e punha afinal em desbarato a mourisma inextinguível.

Uma das fitas de William Hart dá a impressão d'um capitulo da “Historia de Carlos Magno e dos Doze Pares de França”, posto em linguagem e ambiente modernos. Vence elle, sozinho, uma cidade inteira de bandidos — d'essas cidades de taboas, improvisadas no Far-West pelo elemento aventureiro do povo *yankee* (5).

Estão todos os habitantes máos da cidade reunidos na tasca do Sheriff (6), que é o chefe da malta, commentando entre goles de *gin* o rapto que commetteram, quando se abre a porta e surge a figura retezada de Hart, com dois revólveres nas mãos, engatilhados. Estarrecimento geral. Assombro. Erguem-se os braços, lentamente. Hart, immovel, géla de terror os bandidos. Seu olhar de féra magnetiza o Sheriff que, vencido, ergue tambem os braços.

Na platéa a creançada delira nas convulsões do entusiasmo em ponto de faisca electrica.

— E' agora!...

O novo Roldão, na tela, continúa immovel e mantém immobilizada a mourisma de braço ao ar. Subito, num movimento brusco, ergue o revólver para o tecto e desfecha um tiro no lampeão de petroleo. E outro e outro e outro, em todos os belgas (7) da tasca. O imprevido do lance estarrece a creançada e leva ao apogêo o pavor dos bandidos. O petroleo derramado inflamma-se. Labaredas fumarentas tremem pela sala. O Sheriff, arastado pelo desespero, tenta reagir, mas cahe varado

(5) Appellido do povo norte-americano.

(6) Corresponde ao nosso delegado de policia, nos Estados Unidos.

(7) Lampeões belgas.

pela bala mortal de Rolando. Situação horrorosa, ou assados no incendio, immoveis de braço ao ar, ou varados pelas balas de Hart, si tentam defender-se...

A creançada toda está de pé, com arrepios de cabello, numa suprema tensão de nervos.

Mas a fumarada envolveu a scena e o desenlace ficou á mercê da imaginação de cada um.

No ultimo quadro Rolando passa, a galope, com um vulto de mulher á garupa. Salva! Salva!... E some-se, emquanto ao longe a cidade dos bandidos arde inteirinha, num incendio pavoroso...

E' pura cavallaria andante. E' idealismo industrial dos melhores quilates. Ensina a generosidade, a defesa do innocente, o castigo do máo e a força invencivel da boa causa.

Cervantes (8) não matou a cavallaria andante — matou uma phase della. O espirito da cavallaria andante persiste e, para honra da humanidade, está mais vivedoiro do que nunca. E está influenciando poderosamente a elaboração da mentalidade do nosso povo, que encontra, afinal, uma escola. Jéca Tatú aprenderá nella a perdoar com generosidade o erro dos fracos e a punir com dureza o crime dos fortes. E aprenderá ainda a mover-se, a correr, a andar, a ser homem com H maiusculo em todas as situações da vida.

(8) Cervantes, autor de D. Quichote, satirizou em seu immortal livro a cavallaria andante.

O Brasil de amanhã não se elabora somente aqui. Vem ainda em pelliculas de Los Angeles (9), enlatado como goiabada (10).

Tudo isso porque, em 1557, um hollandez notou que os raios solares ennegreciam a *lua cornea*...

(9) Cidade da California onde estão situadas as grandes fabricas cinematographicas norte-americanas.

(10) As fitas vem em rolos dentro de latas semelhante ás nossas latas redondas de goiabada.

O D E S P I Q U E

O carreirinho deu volta ao campo á cata dos bois e só encontrou tres. Faltava o Chibante.

Boi malvado, cerqueiro (1) até alli! Em pilhando vêdo de moirões combalidos, *blaf!* mettia-se de chifres entre os arames e varava mesmo, com a idéa na que-rencia. Bem que o coração o avisara, que até o somno perdera imaginando aquillo! Fez promessa a N. S. da Conceição, de levar á capella uma pedra de arroba, se o malvado passasse a noite quieto. De que valeu? Santo até parece que só ouve gente grande... E agora, só com a junta de guia (2), como tirar o carro naquella tijuqueira da raiz da serra? Ir á fazenda buscar outro boi... Mas quem ficava vigiando o carro?

Estas coisas pensava um caboclinho ahi de seus quatorze annos, que viera de Itaóca até áquelle pouso carregando um sortimento de armazem.

O rancho onde pernoitara — seis esteios colmados de sapé, demorava á beira da estrada, fronteiro a um córgo bebedeiro (3). Junto a elle era a venda do Manoel Labrego, dono do pasto, homem zangadiço e máo, que fatalmente lhe tomaria contas das reinações do boi. Pouso forçado de tropas e carros, sempre numero-

(1) Boi cerqueiro, boi que sabe romper cercas.

(2) Bois de guia, os que vão na frente; bois de coice, os que vão atrás.

(3) Corrego que atravessa a estrada e ahi espraia; nelle as tropas e carros param, para que os animaes bebam.

sos naquella estrada, justamente naquella noite ficara o rancho deserto. Ninguem para ajudal-o! Amanhecia, e o pobrezinho, que madrugara e já correra o pasto, viu sahir da venda o Labrego, esfarelado fumo na palma, com a má cara de sempre.

— Que é que esperas, rapaz?

— “Não vê que” o Chibante fugiu...

— Fugiu? E por onde? Querem ver que me arrombou a cerca?

Relanceou os olhos pelo aramado e logo avistou, longe, tres moirões pendidos. A colera chispou-lhe nos olhos.

— O’ canalheta, pois tu me arrombas a cerca e ficas ahi a banzar! Não sei onde estou que te não finco tres valentes pontapés, ladrão!

O pequeno tartamudeou que fôra o boi.

— E de quem é o boi? Paga o carreiro pelos bois, não sabes? Olha: quero a cerca arrumadinha como estava, do contrario não me sahes de cá hoje. Quero-a escorreita, ouviste? Anda-me lá, sô palerma, e depressa! Vae á casa, pega no machado e tira moirões na grotta.

A vontade do masmarro era completar a phrase com os pés.

Obstou-lhe o intento a ligeireza com que o menino correu á venda em busca do machado, contente de sahir-se da entalada com uma hora de trabalhadeira.

O portuguez foi examinar o estrago, resmungando pragas contra aquellas pestes de carreiros que lhe atnazavam a vida. Mentira. Do pouco dos carreiros ti-

rava elle bom lucro. O tostão de cada boi rendia mais do que a venda. Bem pago! Um “rapador” d’aquelles, só barba de bóde e saúvas...

O pequeno cortou no matto um páo-de-canudo (4), picou-o em tres toradas e carregou-as, uma a uma, para a cerca.

Abriu penosamente as covas com a foice velha que fazia de cavadeira e tratava de fincar o primeiro moirão quando o vendeiro repontou ao longe.

— Lá vem o implicante! pensou comsigo o pequeno.

Labrego chegou e farejou os postes.

— Páo de canudo! Eu logo vi! Não achaste lá um guamerin, ao menos?

— O senhor não me falou nada. E, depois, páo melhor lá não ha. Aquillo é só embaúba...

Labrego tinha orgulho do seu capão de matto, unico nas redondezas, e offendeu-se.

— Embaúva! Tu estás a brincar commigo? Olha que te espeto essa foice nos miolos! Um homem como eu a ouvil-as d’este fedelho!...

O menino, amedrontado, calou-se e fincou os moirões em tres tempos. Findo o serviço, olhou para os fios, inda presos nos postes arrebetados, e disse:

— Agora... com que tiro os grampos?

— Com os dentes, ladrão! foi a resposta do bruto, já de rumo ao armazem onde parára um cavalleiro.

(4) Madeira branca, de pouca duração ao ar livre, impropria para moirão.

O pequeno os arrancou como poude, a empuxões e costadas de foice. Repregou em seguida os quatro fios na madeira nova, limpou com o dorso da mão o suor da testa e suspirou.

— Arre! Nem acredito!...

Mediu, depois, o sol, já nado.

— A que horas vou chegar, meu Deus! Tres leguas, ainda...

Foi-se aos bois, encangou-os, metteu á frente o desemparceirado e tocou. Até á grotta uma junta apenas puxaria bem, mas depois...

O carro começou a rechinar e o pequeno metteu sabão na chumaceira (5). Estava triste, não queria saber de musicas.

Tão creança e já mettido em talas! Os irmãos, aquillo é que era vida... Só limpa de café, serviço atôa de enxada, sem pensão nem responsabilidade; e elle, uma crilla (6) que nem suspendia tres arrobas, já alli, no duro, lidando com bois velhacos... Isto é, velhaco, um só. Não, Bordado? Você não fazia uma coisa d'estas para o seu carreiro, hein, Bordado? Nem você, Brillhante — não pense que não sei reconhecer os amigos. Nem tu lá, são Pintasilva — gritou para o guia que, soltou, espontava os capins, á frente. Nenhum de vocês tres. Mas deixa estar que na primeira finco a guiada naquelle ladrão, que vocês vão ver fogo! Boto um prego novinho, bem apontado, e quero ver...

(5) Mancaes de madeira mais molle que a do eixo do carro; os nossos carreiros lubrificam-nas com sabão, para evitar o rechino.

(6) Creança, pequenote.

Pausou um bocado; depois murmurou alto:

— Raio de gallego!

Não lhe sahia da garganta um nó de odio contra o rancheiro bruto. Procurava um despique, sim, porque havia de vingar-se, olá!...

Chegando á raiz da serra, parou ao pé da porteira. D'alli para cima, impossivel proseguir. Descangou os bois, escorou o carro e deitou-se á beira do caminho, á espera... A' espera da solução, fosse qual fosse. Tudo se arruma na vida, e é hobagem amofinar-se a gente.

Viandantes passavam, ora um, ora outro, ninguem a geito de ajutorio. Por fim repontou um cavalleiro.

— Por mal que pergunte, o senhor não passa pela fazenda do coronel Fagundes?

— Não; mas posso chegar, sendo preciso. P'ra que é?

— “Não vê que” um boi de guia fugiu do pasto, esta noite, e só com a junta do coice eu não subo a serra. Queria que o senhor, se não fosse atrapalhação na sua vida, dêsse uma portada ⁽¹⁾ lá, e...

Interrompeu-se. Vinha descendo a serra um boi tangido por um negro. A cara do menino abriu-se em riso.

— Lá vem o malvado! E' elle mesmo, o Chibante!... O senhor me desculpe e Deus lhe pague. Elles já viram lá o que aconteceu e mandaram o boi de volta. Deus lhe pague muito a boa vontade! Até um dia!...

(1) Uma chegada. De portar.

Quando o carro transpoz a porteira da fazenda o sol descambava. Só então notou o pequeno carreiro que nada comera naquelle dia — nem tomára um cafézinho.

— Estou que estou estalando de fome, disse ao preto.

— Tambem você é lerdo. Porque não pediu comida na venda?

— O portugua? Deus me livre! Antes morrer de fome do que pedir *isto* áquelle carrasco...

— E' ruim o diabo, assim?

— Nossa! Aquillo, a gente quebrando esses fueiros todos na cabeça d'elle ainda não satisfaz!

O negro sorriu — eh! eh! — mostrando toda a gengivada de pitanga.

— Espere, que um dia elle se estrepa.

— Isso valia se eu fosse o estrepe...

— Ahi, caboclinho zangado! Gosto disso! Você é bem filho do defunto seu pai. Homem máo, aquelle! Uma vez...

Quinze dias depois o carro descia a serra, de meia carga, a pegar novo sortimento na villa.

O pequeno vinha contente, repimpado, ouvindo com enlevo d'alma a musica azoinante do rechino. Trazia ferrão de ponta reluzente — prego novo, bem pontudo, especial para o Chibante.

Pobre boi! Estava pagando naquelle dia todos os peccados da sua vida. Por qualquer coisinha, ou por coisa nenhuma, chuçadas que o punham vivo como lambary.

— Aguenta, fujão!

Um carro passou em sentido contrario, carreiro velho á cola.

— Não judie do boi, menino! Neste mundo quem faz paga.

O pequeno riu-se.

— E' isso mesmo! Chibante fez e está pagando...

Bravateou, mas deixou o boi em paz.

Pensava agora no Labrego. Vinha perto a venda. Ia vel-o. Se pudesse encangal-o ao carro!... Ai, gosto! *Hem! Hem!*

O pequeno mordia os labios, maneando o ferrão como chuço, aos golpes sobre inimigo invisivel. *Hem! Hem!...*

Na grotta fria parou. Ponto de almoço. Agua? O melhor é pegal-a adeante, no fundo do grotão. Fria de geadal!

Foi, de facão em punho, divertindo-se dentro da matta em decepar os baculos tenros dos samambaiussús e os cachos roseos das begonias.

Que frescura! E como parecia noite alli dentro! Sussurros precipitados... Inambús?

— A minha troxada (8) aqui!

(8) Espingarda de cano troxado de aço. E' uma cousa que só os caipiras entendem o que é.

Em certo ponto viu a relva apisoada de fresco.

— Quem será? Caçador, com certeza. O Dicto Grande? E' bem capaz. Mora aqui perto e não larga dos cachorros. Vou ver.

Poz-se a caminhar pela trilha. Nem bem mediu cem passos ouviu um gemido, longe. O coração pulsou-lhe. Quem será? Orientou-se e foi, cauteloso, com sua dósezinha de medo n'alma.

— Gente? Caapóra?

Andou, andou, todo olhos, devassando a matta. Subito, novo gemido, perto. Vinha d'um socavão. Olhou. Era um homem. Approximou-se. Mais... Mais...

— Nossa Senhora! O Labrego!...

O menino estarreceu, retezado. Toda a colera concentrada em seu coração explodiu, ganhou-lhe o corpo inteiro. Ganhou-lhe as mãos. Sentiu-se de aguilhada em punho, a picar aquelle bruto. Um — toma! e outro — toma! e outro, e outro, e cem pontações raivosos.

Não tinha alli o ferrão mas era o mesmo: tinha a faca. Poderia judiar d'elle á vontade. E, sob a pressão da onda de sangue venenoso que lhe afogueava a cabeça, pulou para dentro da furna.

O portuguez, ao dar com elle, arregalou os olhos mortícios, murmurando em voz debil:

— Foi o céo que te mandou aqui, menino. Estou liquidado. Cahi lá de cima e moi-me todo...

Tão lamentavel era a situação d'aquella pobre massa de carne humana, que a raiva assassina arrefeceu de brusco. A piedade surgiu, entrou pelo coração do menino a dentro e travou os pulsos á colera. Perdoarás!

Impunha-lh'ò a expressão grotesca d'aquelle rosto barbaçudo, esfolado e sujo de terra.

A dor quebra a harmonia normal das feições e crea-as novas, ás vezes tragicas, ás vezes comicas. A do Labrego era comica. O repuxo de musculos faciaes, ao acicate de agudas dores internas, dava-lhe aspectos horriveis e grotescos, a um tempo.

O menino, com a alma transformada em campo de lucta entre o dó e a sêde de vingança, cruzou as mãos á nuca e ficou um tempo assim, a olhal-o, sem dizer palavra.

Lembrava-se dos moirões, dos insultos, e vinham-lhe comichões de fincar-lhe um pontapé ao menos, dos bem fincados. Mas punha os olhos nos olhos do triste desabado, e apiedava-se.

Minutos decorreram assim. Ao cabo, o dó venceu o odio, e varreu com elle do coração da creança. O menino curvou-se para a pobre massa de carne gemebunda e prestou-lhe, solícito, os primeiros soccorros.

Logo depois, auxiliado de outros viandantes, era o Labrego mettido no carro e conduzido á venda.

O pequeno ajudou a pol-o na cama e, emquanto corriam a chamar a mulher na roça, ficou parado á cabeceira.

Pensou: elle sára e volta a maltratar-me.

A' essa idéa o dó fraqueou, entreabriu a porta do coração e o sentimento de vingança enfiou a cabeceinha.

Não era mais a grande vingança, mas uma pequena vingança, um despique apenas.

— Digo-lhe *uma*, bem pesada e raspo-me. Uma boa!...

Mas dizer quê? Nada lhe acudia. Pensou, pensou... Subitamente o rostinho queimado de sol illuminou-se de um clarão. Viera-lhe á idéa a palavra terrível, venenosa, que o vingaria bem vingado, mais do que uma roda (9) de pontações de ferrão.

Radiante, o carreirinho inclinou-se para o ouvido do homem e disse:

— Escute, sêo Labrego, escute esta. Eu...

Mas interrompeu-se. O doente parecia dormir. Sacudiu-o de leve, Inutil. O homem estava morto!...

Com arrepios pelo corpo, os cabellos em pé, o menino esgueirou-se do quarto. Correu ao carro. Jungiu os bois, ensebou o eixo e bateu para a villa, de olhos parados, desmesuradamente abertos...

E o melhor da historia se perdeu, porque ninguem conhecerá nunca a palavra terrível elaborada de chofre pelo heroe de quatorze annos, sob o influxo do rebrotado sentimento de vingança.

O novellista é um historiador de almas. Não inventa. Mas convence-se de certas coisas. Convence-se, por exemplo, de que aquella “uma”, murcha pela visão da morte na bocca infantil, seria uma rara flor da venenosa planta grega, a *Eironeia* (10), talvez mais bem dosada em venenos de quantas abotoaram naquelles serções sob o nome modesto de despique.

Perdeu-se... e fica a pobre novella como anel sem pedra...

(9) Uma séria.

(10) Ironia.

V E T E R A N O S

Foi na rua da Palha da cidade de Tres Estrelinhas (Cada cidadota do interior possui uma “rua da Palha”. Vem isso de que nellas existem, ou existiram, ranchos de tropa, galpões de carros de boi, “rapadores” de aluguel. “Rapador”!... A humilde ironia do povo da roça chama assim aos pastos de aluguel de beira de povoado, onde pousam por uma noite tropas e carros em transitio. A grama d’esses pastos é uma hypothese só admittida pelo dono d’elles. O alugador não consegue enxergal-a e os animaes alli mettidos passam a noite “rapando” o solo, em busca do “cheiro da raiz da grama”...)

Foi lá que vimos, uma tarde, sentado num mocho de tres pernas, á porta de triste casebre, esse velho cujo cadaver alli passa na rede, com rumo ao cemiterio. De bruços num porretão de cego, attentamente ouvia ler noticias da guerra a um menino descalço, de cócoras á soleira da porta.

Os allemães por esse tempo batiam de obuzes os muros de Namur (1), e os telegrammas soletrados pelo pequeno diziam respeito a esse feito d’armas.

Finda a leitura, nenhum commentario brotou dos labios do velho, a não ser um nome murmurado em surdina:

(1) Namur, cidade da Belgica, tomada pelos allemães na Grande Guerra.

— Curupaity...

Farejando soldado do Paraguay, interessamo-nos por elle.

— “E’ o Pedro Alfaiate, soldado de 70, disseramnos. Depois da guerra se fez alfaiate, musico e vendedor de loteria, successivamente, até que cegou e entrou a viver por ahi, ao Deus dará, roendo a meia pataca do soldo”.

Os velhos são livros vivos, escriptos pela Vida. Nem sempre interessantes, aliás. Uns tornam-se illegiveis, com os melhores capitulos arruinados pela traça da desmemoria. Outros, tediosos, como os velhos negociantes — livros que não passam de simples borradores. Outros, vazios, resumidos que têm o viver no triptico insulso do — comeu, casou, procreou. Mas um velho guerreiro é sempre um livro interessante, rico de incidentes, pittoresco e, não raro, heroico. Approximamo-nos, pois, do velho soldado e folheamol-o ao acaso, como a um livro raro em montra de belchior.

— Fui para a guerra menino — dezenove annos — mas com um gosto: voluntario de verdade, e não como a maioria dos “voluntarios” que eram pegados a laço; e varei toda a campanha tomando parte em onze batalhas. Estive em Uruguayana e em Aquidaban — os dois extremos (2). Vi a morte de cara, quantas vezes!... e via-a rentinho de mim em Estero Bellaco, onde, de setecentos que eramos no batalhão, ficamos reduzidos a cinquenta e seis... Formavamos na ex-

(2) Lugares onde se feriram o primeiro e o ultimo combate da Guerra do Paraguay.

trema esquerda argentina, a qual, atacada, fraqueou, de modo que o choque recahiu inteiro sobre nós. Como tenho presente a lucta! Menna Barreto (3) mandou formar em linha. Formamos, firmes e, quando o inimigo appareceu, puzemol-o atarantado com uma descarga terrivel.

Depois:

— Carregar á baioneta!

Carregamos, e que medonha foi a chacina!...

Não ha horror maior do que a guerra. A gente, durante a peleja, vira monstro e perde a qualidade de homem. Matar, matar!... E' um delirio, uma perfeita bebedeira de ferocidade. Para que mentir? Nesse momento matar é uma delicia — matar, matar, matar... Enterrar o ferro agudo na carne viva do parceiro, urrar ao vel-o esguichando sangue e dobrado de dôr, arrancar o ferro, saltar por cima do ferido que se estorce, atirar-se a outro que vem feito sobre nós, fugir-lhe ao golpe, retrucar, varar-lhe o peito... tudo é cousa de relampagos que só se *vê* depois, mais tarde, no fim da festa, quando a imaginação péga a recompor o quadro.

— ?

— O peor? Todos eram peiores, mas creio que o de Lomas Valentinas tirou a palma. Lutamos sete dias para tomar as trincheiras inimigas, sitas num morrete. Eram uma trama horrivel de fossos, boccas de lobo e linhas de abatizes.

— ?

(3) General brasileiro que se notabilizou na guerra do Paraguay.

— Abatizes? São uma tranqueira tecida de ferros pontudos fincados no chão, páos apuados e galhos d'um espinheiro terrível que ha muito por lá. Os paraguayos enredavam tudo isso em frente das trincheiras, como lá fazem na Europa com o arame farpado, tornando assim difficilima e penosissima a aproximação. Durante seis dias atacámos sem resultado. Uma das vezes conseguimos alcançar o morro, mas tivemos que rodar para trás, escangalhados. No setimo dia Caxias reuniu todas as forças disponiveis e concentrou o ataque num ponto só. Ahi vencemos.

— ?

— O trabalho da escalada? Nem me fale? Duro de roer. Cada assaltante ia com uma escadinha feita de bambú ou páo roliço, e mais um feixe de galhos, ramos e folhagem, para atulhar os fossos. E ter de fazer isso cob a chuva de balas do inimigo escondido! Um horror!...

Em Itororó... Que pensa que era Itororó? Uma pequena ponte de 4 a 5 metros de largo, sem guardas lateraes, armada sobre um ribeirão. Do outro lado, a cem metros, os paraguayos assentaram a artilharia, de modo a varrel-a a fio comprido. Era forçoso passar. Passamos. Mas que carnificina! Os nossos vacillavam deante d'aquella morte certa e foi preciso que Osorio e Caxias se atirassem á frente, num completo desprezo pela vida. "Quem fôr homem siga-me!" Aquelle arrojoeletrizou-nos e passamos. Osorio levou bala, mas Caxias sahiu incolume.

Os paraguayos, então, formaram quadrado, com a artilheria ao centro. Osorio dispoz-se a rompello. Mar-

chou com a cavallaria, mascarando os canhões; em certo ponto a cavallaria abriu-se, os canhões despejaram metralha, fazendo uma brecha no quadrado inimigo. Por ella a cavallaria entrou, como um furacão, destroçando tudo. Terrível, terrível!...

Em Pirebebuy foi triste. A villa estava cheia de mulheres e creanças. O conde d'Eu intimou o inimigo a render-se, fazendo-lhe ver que crime era o sacrificio d'aquellas miserias creaturas. Inutil. O paraguay o deixava-se esmagar, mas não cedia a razões. Foram avisados, então, de que o ataque começaria ás seis da manhã.

Rompeu a madrugada. Quatro, cinco, seis horas... O chefe da artilheria veio pedir ordem de fogo.

— Espere mais meia hora, que até lá talvez surja a bandeira branca, disse o generoso principe, protegendo a chacina, tanto lhe repugnava o sacrificio de pobres não-combatentes. Mas esgottou-se a meia hora, e nada.

— Espere mais quinze minutos.

Passaram-se mais quinze minutos e nada de bandeira branca. O conde, então, ordenou a abertura do fogo:

— Não ha remedio...

Após uma hora de bombardeio a praça era nossa.

Que horrível o espectáculo de tantas mulheres e creancinhas estraçalhadas pela metralha! Estou velho e cégo, mas vejo — vejo sempre, o horripilante quadro. Meu Deus, que horrorosa coisa a guerra!...

— E a Lynch (+), conheceu-a?

— Sim. Foi a alma damnada de Lopes, essa ingleza linda, loura, de bello corpo, nem magra nem gorda. Acompanhava-o sempre. Conheci-a porque fiz parte da escolta que a conduziu a Assumpção, para onde seguiu a cavallo, valente amazona que era.

Murmurava-se que a Lynch queria o fim de Lopes para entrar no goso socegado das riquezas accumuladas. Bem possivel...

Mas, voltando ao conde: era um grande principe! Não permittiu a menor atrocidade. Só dois coroneis foram fuzilados porque sobre elles pesava a accusação de terem mandado arrancar os olhos a prisioneiros nossos. Depois da tomada de Pirebebuy, agiu com grande largueza, distribuindo roupa e alimento á mulherada rota e faminta — umas tres mil, talvez. As coitadas assombravam-se d'aquillo. Em vez dos horrores esperados, carinho. O inimigo que lhe pintavam crudelissimo, repartindo com ellas suas magras provisões. Foi bonito, foi, foi...

.....

Este velho soldado era o verdadeiro typo do heroe humilde, que o é sem o saber. Valente contraste de um outro, nosso conhecido, que interrogado, só se denunciou como o rei dos poltrões.

Fez alguns annos da campanha, mas era incapaz de dar ás suas narrativas uma impressão bellicosa.

(4) Elisa Lynch, dama ingleza que acompanhou Solano Lopes até á morte do tyranno.

- Em Lomas Valentinas, esteve?
- Estive, sim, mas na enfermaria.
- Ferido?
- Não. Uma colica...
- E em Estero Bellaco?
- Tambem na enfermaria.
- Ainda a colica?
- Não. Uma dôr de dente damnada!
- E em Tayuty?
- Ah, gosei! Assisti á batalha inteira sem arredar pé do meu posto. Vi tudo e posso descrever a coisa como a palminha das mãos.
- Assistiu-a da janella do hospital, com certeza...
- Não. De trás d'um bello cupim...

A NUVEM DE GAFANHOTOS

Ser empregado publico de inferior categoria e por mal de peccados demissivel: será isso programma que seduza alguém?

E'.

E para Pedro Venancio mais que seduzia — sorria. Foi, pois, com enlevo d'alma que recebeu a noticia de sua nomeação para fiscal da camara-municipalzinha de Itaóca.

— Vou socegar, disse consigo, esfregando as mãos de contentamento. Cavei o meu osso e, agóra, é roel-o pela vida em fóra na santa paz do Senhor.

E ferrou o dente no ossinho.

Mas acontece que ha osso e osso. Osso de bom tutano e osso pedra-pomes.

No andar dos tempos verificou Venancio que o tal ossinho era d'esses que embotam os dentes sem dar o minimo de succo.

— Gastar a vida inteira naquillo? E' ser tolo, cochichou-lhe a humana ambição de melhoria, engenhosa fada á quem se devem todos os progressos do mundo.

Espicaçado por ella, entrou Venancio a fariscar tutanos.

Recorreu antes de mais nada á loteria, que é a Sorte Grande o supremo engodo dos pé-rapados.

Venham gasparinhos (1)! Todas as semanas adquiria um — e sonhava. O mesmo vendeiro que lhe fornecia aos sabbados a semanal quarta de feijão, os semanaes oito litros de arroz e o semanal cento de cigarros, juntava na conta mil reis de sonhos. E Venancio, comido o feijão, fumado o cigarro, sonhava. Sonhava o doce beijo da Fortuna, deusa que o despegaria do atoleiro com um simples toque de sua asa potente.

Em materia de cultura não era Venancio de todo crú. Lia suas coisas e tinha lá suas idéas. Revelára desde cedo grande embocadura para a lavoura e documentava o pendor assignando quanta publicação official existe. Publicações gratuitas...

Assim, nas palestras da pharmacia ninguem piava sobre lavoura sem que elle pulasse no meio com a sua colher torta. E era de ver o calor da sua argumentação e a riqueza das suas citações estatisticas.

Fazendeiro que nesses momentos passasse, havia que parar e abrir bem aberta a bocca.

Possuia planos grandiosos para salvar o café e pol-o ahi a quarenta mil réis a arroba...

— Quarenta mil réis, Venancio? Não acha meio muito (2)?

Venancio incendiava-se.

— Porque, muito? Não somos os maiores productores? Não temos o quasi privilegio d'essa cultura? Se é assim, logico é que imponhamos o preço.

(1) Frações de bilhete de loteria.

(2) Expressão popular.

Eu disse quarenta, não foi? Pois digo agora quarenta e cinco! Digo cincoenta!

— !!!

— Não se espantem. Eu provo que pôde ser assim e que os americanos têm que gemer, alli no dollarzinho, queiram ou não queiram!

— !!!

— Quei-ram ou não quei-ram! reaffirmava o salvador, escandindo as palavras.

E provava.

Tambem extinguiu em menos de um anno a lagarta rosada, mais o curuquerê; e triplicava a corrente immigratoria; e extrahia o azoto do ar, pondo o adubo ao alcance de todos, a cem réis o kilo, talvez mesmo a setenta.

— Porque, como os senhores sabem, a chimica agricola demonstra que...

E demonstrava.

Num d'esses rompantes demonstrativos o coronel da terra (3), de passagem pela rua, deteve-se a ouvil-o e, finda a tirada, disse-lhe á queima-roupa:

— Que excellente ministro da Agricultura não dava você! Duvido que os Calmons e os Bezerras entendam mais de lavoura...

— Está caçoando, coronel! murmurou Venancio, com modestia, embora no intimo convencido da justiça da apreciação.

— Falo sério. Bem sabe que não brinco.

(3) Chefe politico.

Os circumstantes sorriram discretamente, enquanto o massa-de-ministro se lambia todo, como boi solto.

Em casa repetiu á esposa a opinião do chefe politico.

— Brincadeira d'elle, Pedro! objectou a sensatissima consorte. Não está vendo?

— Brincadeira nada! O coronel é homem que não brinca, você bem sabe...

Desde esse dia fez-se Venancio ministro da Agricultura. Plantou-se de armas e bagagem no casarão da Praia Vermelha (4) e com raro tino administrativo salvou o paiz.

Que efficacia de medidas! Que sabias leis protectoras! Que maravilhosos resultados!

Lagarta nos algodoaes? Nem umazinha para remedio! Curuquerê? Nem sombra! O café trepou á casa dos quarenta...

— Por arroba?

— Por dez kilos, homem! E, firmissimo, revelava tendencias para alta maior. Os mais pessimistas já concediam que não era de admirar fosse a cincoenta.

A borracha do norte arrancou-se ao marasmo em que emperrara e voltou a ser um Pactolo (5) de esterlinas.

Azoto andava por ahi aos ponta-pés, como um trambolho.

(4) Edificio onde funciona o Ministerio da Agricultura, no Rio.

(5) Rio da antiga Lydia, famoso pelo ouro que continha seu leito. Por analogia, rio de ouro.

E na cabeça de Venancio os sonhos lotericos desapareceram, trocados pelos sonhos administrativos, muito mais amplos e de muito maior alcance patriotico.

A consequencia foi que Venancio se eternizou no ministerio. Varios presidentes se succederam sem que nenhum ousasse tocar em sua pasta. Era sagrado aquelle ministro de genio, que salvára o paiz, enriquecera a lavoura, desafogára o commercio, consolidára a industria e que, adorado pela nação, teria estatua em vida.

Que teria? Que teve! Por mais que em sua infinita modestia o grande ministro recusasse tal homenagem, a gradidão nacional teimou em glorifical-o no bronze.

Inesquecivel a manhã em que Venancio, de lagrimas nos olhos, viu rasgarem-se os véos da sua estatua!...

*Ao Salvador da Patria,
o Povo agradecido.*

Agradecido ou enriquecido? A turvação dos olhos não lhe permittiu distinguir a expressão exacta e por longo tempo semelhante duvida o torturou.

Mas a grande recompensa teve-a elle em casa, ouvindo á esposa estas deliciosas palavras:

— Agora sim, Venancio, acredito que você é o que dizia. Até estatua!...

A boa senhora só se convencia com provas de bronze...

O doloroso, porém, era o contraste das duas vidas — ministro por dentro e fiscal da camara por fóra, obrigado a interromper a matutação de um projecto salvador da patria para ir, de bonézinho na cabeça, cercar na rua carros de boi não aferidos (6)...

Um anno se passou assim, no qual os gasparinhos falharam lamentavelmente.

O mesmo dinheiro; zéro; zéro; zéro; o mesmo dinheiro; zéro; zéro. Os seus rapapés á Sorte Grande recebiam da grande cortezã apenas esta magra resposta. Taboas sobre taboas (7); carranca amarrada sempre e jámais o sorrisozinho de uma ‘aproximação’ para consolo.

Mas um dia...

Nesse dia Venancio disputava com a esposa, que reclamava dinheiro para umas compras.

— Estamos ahí com a louça reduzida a cacos. Chicara de chá, duas, e desbeijadas. De café, tres e sem asas. Hontem, quando aquelle cacetão do Freitas esteve aqui, fui obrigada a emprestar uma da vizinha. Veja que vergonha!...

Venancio reluctou.

(6) As camaras municipaes registram, ou “aferem” todos os vehiculos do municipio e multam por meio dos seus fiscaes os que se apresentam não “aferidos”.

(7) Levar taboa, diz-se de quem recebeu recusa a um pedido,

— Mas porque é que quebram a louça? O anno passado, lembro-me, eu mesmo comprei meia duzia de cada...

Dona Fortunata poz as mãos na cintura.

— Porque quebram? A pergunta é bem idiota-zinha... A louça quebra-se porque é quebravel. Se fosse inquebravel não se quebraria. Parece incrível que um homem, já indicado para ministro...

— Não admitto ironias! Quer louça? Compre com o dote que trouxe...

— Já esperava por essa resposta. Está mesmo uma resposta de ministro... do coronel, concluiu d. Fortunata, venenosamente.

Venancio, engasgado de colera, ia replicar, quando a porta da sala se abriu e o vendeiro irrompeu como um pé de vento:

— Deixe ver seu bilhete! Se é o 3743, pegou!...

O improvisado do lance transformou em estupor a colera de Venancio, que entrou a piscar, numa ton-teira, como quem leva porretada no craneo.

— Quê? Que é? tartamudeava elle.

O vendeiro bateu o pé, impaciente.

— O bilhete, homem! Deixe ver seu bilhete, ho-mem de Deus! Parece estuporado!...

Custou a Venancio encontrar na papelada agri-cola que lhe enchia os bolsos o raio do bilhete. Suas mãos tremiam-lhe e o cerebro andava á roda.

Por fim, achou-o.

Era o 3743.

Pegára os vinte contos.

Estas revoluções operadas pela Sorte em cerebros venancinos não ha ahí quem as conte.

E' banho de opio, é fumarada de haschich, é gole de cocaina, é bebedeira que rompe toda a velha crystallização dos miolos.

A ebriez do ouro vale pela somma da essencia ultima de todas as mais ebriedades. Só ella abre a gaiola a todos os sonhos e põe o homem leve, com pequeniñas asas em cada póro do corpo.

No caso de Venancio, porém, não houve muita vacillação. Sua directriz estava traçada pelo insopitavel pendor agricola.

— Uma fazenda, uma grande fazenda, a melhor fazenda do municipio — a fazenda modelo da zona. Da zona? Do paiz, porque não? E depois, e depois — quem sabe? — o ministerio, d'esta vez de verdade. O mundo dá tantas voltas...

E faria isto e mais aquillo, e mais isto e mais aquillo. Meu Deus! Como a fazenda se foi aperfeiçoando, e a que requintes de primor attingiu!

Legiões de curiosos vinham de longe visital-a, e pasmavam.

A fama corria, os jornaes estudavam-na em artigos longos. Por fim o governo, impressionado com a voz publica, mandava examinal-a e propunha-lhe compra. Era forçoso que pertencesse ao patrimonio da nação uma coisa d'aquellas, para que todos pu-

dessem aprender na maravilhosa escola as palavras ultimas do aperfeiçoamento agricola.

Mas, vendel-a? A um particular, nunca! A' nação, sim, coagido pelo patriotismo. Isso mesmo, porém, sob uma condição! Oh, sim, uma condição "sine qua non": darem-lhe a pasta da agricultura...

— Porque eu, senhores, farei do Brasil inteiro o mimo que fiz da minha fazenda. Um vergel florido! A nova California, o paraíso terreal!...

O governo chorava de commoção e dava-lhe a pasta, sob as acclamações delirantes do povo agradecido...

Infelizmente, os vinte contos não eram elasticos e Venancio teve que arrepiar atrás da vertigem megalomânica e adquirir um pequeno sitio, ahi de trinta contos de réis. Deu quinze á vista e ficou a dever quinze, sob hypotheca. Os cinco restantes reservou-os para custeio e reformas.

Sítio velho, de terras cançadas; mas isso mesmo queria elle, para a estrondosa demonstração do axioma tantas vezes berrado na botica:

— Não ha terras más, ha más cabeças. Com a chimica agricola na mão esquerda e um arado na direita, eu faço o Sahara produzir milho de pipoca!

— Mas, Venancio...

— Não ha "mas", ha "más": más cabeças, já disse. De pipoca!

Tinha agora de provar o asserto.

Começou mudando o nome antigo — Sitio do Embirussú — por este, muito mais adeantado — “Granja Modelo de Pomona” (8).

Apesar do lindo nome, o sitio permaneceu a pinoia que sempre fôra.

Barba de bóde, guaxuma, saúva, cupins, joveva, geadas — todos os mimos da brasileirissima deusa Praga.

Em compensação, no que toca ao pittoresco poucos haveria mais bem arrançados. Tudo velho e musgoso e carcomido como o quer a esthetica.

Vate de cabelleira que alli cahisse, desentranhava-se logo em sonetos do mais repassado bucolismo; e o pintor de paizagens encontrava quadrinhos já feitos, encantadores, que era um gosto trasladar para a tela.

As paineiras lateraes á casa faziam em setembro o enlevo dos colibris e das abelhas — mas a paina produzida mal dava para encher um travesseiro.

O pomar, velhissimo, lembrava um ninho de faunos tocadores de avena; laranjeiras de cincoenta annos, pitangueiras altissimas, ameixeiras musgosas, jaboticabeiras, romeiras — o que ha de virgiliano e romantico e sombrio e humido e parasitado. Renda, porém, nenhuma.

Tudo mais seguia por igual teor.

(8) Pomona, deusa dos frutos e das arvores.

Venancio mediu com os olhos penetrantes a grandeza da sua tarefa e sorriu. Tinha tanta certeza de transmutar aquelle bucolismo em fonte de lucros...

Começou pelas aves. Em vez d'aquelle sordido restolho de gallinhame da terra, sem sangue de "pedigree" (9), venham Leghorns para ovos e Orpingtons (10) para carne. Imbecil o fazendeiro que não adopta as bellas raças americanas!

A mesma coisa com os porcos. Nada de canastrões ou tatuzinhos, tardios ou degenerados. Venha o Yorkshire, o Duroc-Jersey (11)!

E venham mudas de boas arvores frutiferas, kakis, ameixa do Japão, damascos, maçãs, peras, tudo isto com explicações ao eterno nariz torcido da esposa.

— Porque você vê, Fortunata, dá o mesmo trabalho e vale cinco vezes mais. Um ovo de Orpington, por exemplo: quanto vale no Rio? Dois mil réis; mais que uma duzia de ovos crioulos!

E venham sementes de capim de Rhodes para as pastagens.

E venha um aradinho de disco, e agora, uma semeadeira, e uma carpideira, e uma grade...

E venha isto e mais aquillo — e as novidades vinham vindo e os cinco contos iam indo, muito mais depressa do que elle imaginou.

(9) Linhagem; animaes de "pedigree" são os que tem a ascendencia registrada oficialmente.

(10) Raças norte-americanas.

(11) Raças, ingleza e norte-americana.

Tudo isso não seria nada se não viesse também uma coisa bem fóra dos calculos de Venancio: visitas.

Um bello dia recebeu elle uma carta de S. Paulo: “... e soubemos que V. está de maré, empacotado pela sorte grande (200 ou 500?) e já montado em linda fazenda. E como andamos todos aqui muito amarellos, e a Bibi necessitada, a conselho medico, de ares do campo, lembramo-nos de passar uns dias ahi, se o caro parente não levar isso a mal...”

— “Caro parente?!”...

Venancio releu a missiva.

— Quem será este novo parente, Ladisláu Teixeira?

Consultou a mulher. D. Fortunata franziu a testa e lembrou:

— Vae ver que é aquelle filho da dona Carola...

— ??

— ... que casou por lá com uma tupa de beijo rachado...

— Ahn!...

— ... e esteve uma vez em Itaóca, um anno atrás.

— Em casa do Estevinho, sei...

— Isso! Um tal Laláu.

— Sei, sei... Mas que diacho de parentesco tem elle commigo? Por parte de Adão e Eva póde ser...

— Você já reparou, Venancio, quantos parentes estão apparecendo agora?

— E' verdade. Com este, cinco. E amigos, então? Nunca imaginei que os possuísse tantos...

Venancio respondeu que a casa, casa de pobres, estava ás ordens; que viessem.

Vieram.

Quinze dias depois um trole despejava no terreiro um senhor de meia idade, sua esposa Filoca, tres filhas empalamadas, Bibi, Babá e Bubú, mais uma preta mucama.

Venancio reconheceu-os vagamente, mas por delicadeza fingiu intimidade.

— Bemvidos sejam á casa do parente pobre!

O Laláu abraçou-o, carinhosamente.

— Não diga isso! Você é hoje a gloria da familia. Recebeu a recompensa que merecia. Quantas vezes eu não disse á Filoca: aquelle nosso parente vae longe, porque quem planta colhe. Não é verdade, Filoca?

Dona Filoca sibilou através do beijo rachado uma confirmação plena:

— E' sim! Nós nunca duvidamos do futuro do "primo" Venancio.

Venancio ficou sabendo que era primo...

Nisto, um novo trole assomou á porteira.

Laláu explicou:

— Ia-me esquecendo... Vieram comnosco umas vizinhas, moças muito boazinhas, as Seixas. Não te avisei na carta porque foi coisa de ultima hora. Devem ser parentas de dona Fortunata, ao que me disseram...

Venancio interrogou furtivamente a esposa com o olhar e esta respondeu-lhe com um imperceptivel movimento de beijo.

Aparearam do segundo trole tres moças e uma negrinha. Laláu apresentou-as.

— Dona Fafá, dona Fifi, dona Fufú.

As moças abraçaram os fazendeiros com grande cordealidade e abriram-se em louvores para as bellezas bucolicas.

— Veja, Fifi, que coisa estupenda esta paineira! Um pic-nic em baixo, hein? Que delicia!

— Nem diga! E este maravilhoso beija-flor? Que bellezinha! Como ficava bem no meu chapéu azul...

E a Babá para Venancio:

— Que ar, primo! Que pureza de ar! A vida aqui deve ser um encanto. E que appetite dá! Eu, que não como nada, seria capaz de devorar um leitão inteiro hoje!

A Bibi conversava com a “prima” Fortunata:

— Leite ha muito, já sei. Fazenda quer dizer fartura. Lá em S. Paulo o leite é agua com polvilho, e carissimo! E’ como os ovos; pela hora da morte e metade chócós. Sua gallinhada quantas duzias põe por dia?

E a Fifi para a Bubú:

— Pesei-me antes de vir: quarenta e nove kilos, veja que miseria! Mas d’aqui não saio sem alcançar cincoenta e oito! Ah, não saio! O meu peso normal deve ser esse, disse-me o medico.

Dona Fortunata attendia a todas, sorrindo amavelmente, enquanto Laláu, já no pomar com Venancio, atacava as laranjas com furia de “retirante”.

— A minha conta, quando me pilho num pomar, são tres duzias. Pélo-me por laranjas!

Venancio, armando cara alegre, dizia-lhe que não fizesse cerimoniaes...

Mas lá comsigo pensava que naquelle andar não venderia aquelle anno uma duzia, sequer. Só o Laláu dava cabo da safra inteira em quinze dias...

A' decima quinta laranja Laláu parou, entupido.

— Estou por aqui! grugulejou, riscando no pescoço o nivel do caldo.

E, confidencial, ao ouvido do primo:

— Agora, que ninguem nos ouve, diga lá a verdade: duzentos ou quinhentos?

Venancio não teve animo de pronunciar a palavra vinte. Tambem não quiz mentir, e marombou:

— Não chega lá. Tirei apenas uns cobrinhos...

O primo cotucou-lhe a barriga:

— Está escondendo o leite (12)? Faz muito bem, que isso de arrotar grandeza é transformar-se em “fruteira” (13): todo o mundo péga a aproveitar-se.

E, dando-lhe o braço:

— Conselho de velho: defenda os arames, enforque a cobreira! Do contrario, começam ahí a apparecer amigos e parentes que não acaba mais.

Venancio entreparou, pasmado.

(12) As vaccas tem o habito de esconder o leite quando ordenhadas, para não privar d'elle os bezerrinhos.

(13) Arvore frutifera; em especial, a jaboticabeira.

— E' o que lhe digo, proseguiu Laláu. Emquanto não possuimos nada, ninguem se importa com a gente. Mas, logo que a maré chega, brotam da terra os aproveitadores como cogumelos!

Venancio pasmou dois pontos mais, e Laláu, lendo a seu modo aquelle pasmo, insistiu:

— E' o que lhe digo! Como cogumelos!... Você é inexperiente ainda, não tem os annos que tenho, e deve, portanto, ouvir-me. Como parente proximo, zélo pela familia e faço grande empenho em abrir seus olhos contra a caterva de parasitas que vae por esse mundo de Christo. Quer saber de uma coisa? Foi por esse motivo que eu vim. Motivo real! O resto foi pretexto, você comprehende... Eu disse á Filoca: preciso abrir os olhos ao primo; dinheiro escorrega das mãos como peixe e se lhe não acudo com os meus conselhos, adeus, sorte grande! Vê? Foi por este motivo que vim...

Inda attonito, Venancio balbuciou umas palavras de agradecimento pela generosa intenção e Laláu, colhendo nova laranja, continuou:

— Porque, cá commigo, é assim: para salvar um parente não me poupo a sacrificios! Ah, não me poupo!... Vou longe atrás d'elle, gasto dinheiro, mas aviso-o! Pensa que não foi um sacrificio esta minha viagem? Só de trem, duzentos mil réis! Mas, como já disse, não olho a despesas. E' parente? E' amigo? Não olho a despesas. Ah, não olho! Não acha que deve ser assim?

— Está claro, sussurrou Venancio.

— Parece claro, mas poucos pensam d'este modo, e, em vez de sacrificarem um boçado das suas comodidades e virem abrir os olhos ao parente em perigo, sabe o que fazem?

— ?

— Vêm exploral-o! Vêm ex-plo-ral-o, primo! Admira-se? Pois saiba que o mundo está cheio de gente assim. Olhe, eu conheço um caso...

Nessa noite os fazendeiros passaram a dormir na cozinha. Tiveram que ceder seu quarto ao Laláu e esposa.

As B... accommodaram-se na sala de espera. As F... numa alcova. As duas criadas, na dispensa. Ficou a casa repleta, tendo a cozinheira de dormir fóra, no paiol.

Venancio perdeu o somno. Altas horas, inda matutava:

— Não sei como está para ser! De um momento para outro, onze boccas a mais...

— E que boccas! observou d. Fortunata. Como comem! A tal Fifi, que é um bilro e parece viver de brisas, bebeu dois litros de leite para “rebater” meia duzia de ovos. E sabe o que disse, toda espevitada? “Isto é para “começarrrr”... O medico mandou-me ir augmentando as doses aos “poucox”... Veja você!...

— Parece que chegaram da secca do Ceará! O Laláu chupou de uma assentada quinze laranjas, e das de umbigo...

— Esse não me admiro, que é homem e grandalhão. Mas aquelle figo secco da tal prima Filóca? Com partes de enfastiada, foi á cozinha e chamou para o papo todos os torresmos que eu tinha guardado para você. Dizem que é o ar...

— Ar! Ar! Eu respiro o mesmo ar e raro tenho appetite. Esfaimados por natureza, é o que elles são...

— E, depois, isto de comer á custa alheia deve ser um regalo! concluiu d. Fortunata, esforçada creatura que jámais papára um quitute que não fosse preparado por suas heroicas mãos.

O somno custou a vir, mas veio, e com elle sonhos. Venancio sonhou que uma nuvem de gafanhotos, vinda do sul, se abatera no sitio, deixando-o nú em pello, sem folha nas arvores, nem sóca ⁽¹⁴⁾ de capim nos pastos.

Despertou sobresaltado. A manhã ia alta, com résteas de sol a coarem-se pelos vidros. Saltou da cama e foi á janella. Um vulto caminhava rumo ao po-mar, de pijama, faca de mesa na mão, assobiando despreoccupadamente o “Pé de Anjo” ⁽¹⁵⁾.

— Lá vae elle, murmurou Venancio. Lá vae ás bahianas...

— Quem? indagou a esposa, interrompendo o amarrar da saia.

— Ora quem! O gafanhoto-mãi...

E como a esposa fizesse cara de não entendida, contou-lhe o sonho da nuvem.

D. Fortunata concluiu o nó da saia, apprehensiva:

— Queira Deus não dê certo!...

(14) O que fica de uma touceira cortada.

(15) Area muito em voga de uma burleta nacional.

Deu certo. Nunca um sonho prophetico ante-pintou o futuro com maior precisão. Os hospedes devoraram o sitio do Venancio em poucos mezes.

Os porcos foram-se todos, transfeitos em torresmos, lombo assado e linguiça.

Os lindos leitõezinhos, que brincavam no terreiro, foram sacrificados ao espeto um por um.

O mesmo destino tiveram as aves, com excepção do casal de Orpingtons amarellas, que muito tentou a gula dos hospedes, mas que Venancio, por precaução, mandou esconder em casa de um vizinho. Os ovos, porém, se perderam.

— Sabe, disse d. Fortunata ao marido, uma noite (era sempre á noite, na cama, que murmuravam e rogavam pragas contra os gafanhotos), sabe que a ninhada de ovos de raça já se foi?

— Não me diga! exclamou Venancio.

— Pois escondi-os num canto, no quarto dos badulaques ⁽¹⁶⁾, e vae aquelle páo de virar tripa da Bubú ⁽¹⁷⁾ metheu o nariz lá e descobriu-os, e veio berrendo, muito lampeira: “Prima! Suas gallinhas estão botando no quarto dos cacaréos. Olhe que lindos ovos encontrei lá! Duas duzias: a continha certa para hoje”...

Expliquei-lhe o caso, contei que eram ovos de raça, caros, que você reservava para chocar. Sabe o

(16) Trastes velhos, fora de uso.

(17) Páo de virar tripa — vareta. Diz-se das pessoas magras em excesso.

que a bisca respondeu? “Ora, prima, não seja somítica. Nós vamos logo e suas galinhas ficam ahí, botando pelo resto da vida”...

Venancio suspirou.

Um mez. Dous mezes. Tres mezes...

No dia em que os hospedes se foram, Venancio e mais a esposa deram uma volta pelo sitio, em desconsolada vistoria.

Tudo deserto. Nem um frango no gallinheiro, nem uma goiaba no pomar, nem um porquinho nos pastos...

— Comeram até o cachaço! murmurou Venancio, sacudindo a cabeça.

Na horta, as leiras de couve só apresentavam talos esguios — folha nenhuma. Os pés de abobora davam dó: nem uma abobrinha, nem um broto...

— Como elles gostavam de cambuquira! recordou d. Fortunata.

Finda a inspecção, um olhou para o outro, com desanimadissimos focinhos.

— E agora? indagou a mulher.

— Agora? repetiu Venancio — agora é fazer a trouxa e tocar para Itaóca antes que morramos de fome...

— E volta você para o empreguinho?

— Que remedio! Os “primos” devoraram a carne; tenho que voltar ao osso...

E foi graças ao appetite d'esses bemaventurados primos que Itaóca viu reintegrar-se em seu seio um precioso elemento social. As palestras da botica andavam mortas, e sempre que se ventilava um ponto agrícola, todos lamentavam a ausencia do argumentador seguro, que detinha com tanto brilho a palma da victoria.

Mas a volta de Venancio foi uma decepção. O antigo enthusiasmo murchára-lhe e nunca mais em vida sua piou sobre o velho thema favorito.

E se acaso falavam perto d'elle em pragas da lavoura, geada, ferrugem, curuquerê ou o que seja, sorria melancolicamente, murmurando de si para si:

— Conheço uma muito peor...

E conhecia.

T R I P T I C O I N D I G E N A

O JABOTI E A ONÇA

1.º EPISODIO

Havia no matto uma fruta que era a tentação de todos os animaes. Do tucano ao kágado, a bicharia inteira, quer de pêllo, quer de penna, de ha muito que noutra coisa não punha tento.

Estava escripto, porém, que só a alcançaria aquelle que o nome lhe decorasse sem erro d'uma syllaba sequer. Estava escripto e acabou-se. Os animaes são muito respeitadores da lei escripta, motivo pelo qual é impossivel na matta um caso como o do Eden; em paga d'essa obediencia continuam ás soltas, no goso do paraiso, emquanto lá fóra Eva cria com dôr e Adão súa no trabalho as oito horas socialistas.

Perto da fruteira morava uma velha que sabia, ella só, o nome do pomo cubiçado. Que sabia e tinha a missão de ensinal-o a quantos a interpellassem. Mas a marota, patoteira de marca, seu gosto era empulhar os pobres candidatos, difficultando-lhes a tarefa.

Já de si curtos de memoria, não conseguiam os animaes reter o dito nome, tal embrulho lhes fazia na cabeça o palavriado da megéra.

Sahiam d'alli com elle na ponta da lingua; mas, passos adeante, perdiam-no, regressando ás tocas enfiadissimos. A onça, o veado, o macaco, a raposa, todos foram assim bigodeados. Faltava apenas o jaboti.

Ora o jaboti, ou kágado, não é bonito. Traz gamella emborcada ás costas e tem aquelle desajeitado de maneiras e aquella lerdice de movimentos que lhe tiram toda a graça.

Não vôa, não trepa, não salta, não canta.

Encolhe-se.

Lá isso, em materia de encolher, nem o caramujo lhe leva as lampas. Só não vence á conspicua raça do espia-maré politico.

Por isso mesmo, em virtude da lei das compensações, é mais cavorteiro que nenhum outro. Tem labias e manhas de truz, além de prendas adquiridas no traquejo para não levar a peor na maromba da vida. Até viôla tóca, o raio do cascudo! E, assim, lá vae vivendo a sua vidinha, rica de lances engenhosos, com os quaes vence a astucia da raposa, a força da onça, a trampolinagem do macaco e a ligeireza do veado.

Mal soube a bicharia que mestre cascudo delibberara tentar a aventura, e já a floresta inteira farfalhou sob uma surriada de gargalhadas e dichotes. O macaco, dizem, engasgou-se com a banana que comia, e o tucano, que é poeta satyrico, expremeu da bicanca um epigramma indigno de figurar neste papel. Trocadilho pessimo e sujo, a que não ligou

importancia o jaboti, affeito como estava ás troças da matta.

Suspendeu a tiracollo a sua violinha e partiu em procura da velha. Bateu — O' de casa? Surge a mulher — Que é?

Jaboti contou ao que vinha, e a megéra, entre gargalhadas, murmurou: Até quem! Mas lá lhe deu a palavra pedida, coisa mais ou menos assim: *boyoyô* — *boyoyô* — *quizama* — *quizú*.

Mestre Cascudo, mal o ouviu, botou logo o charabiá em toada e, repinicando a vióla, agradeceu e foi-se.

Nem bem caminhara cem passos, a velha brada de longe:

— Enganei-me, mestre Casca! O nome não é esse, é este, e declarou um outro mais complicado ainda.

O jaboti, sem se apertar, musicou incontinentemente a nova palavra e tocou para diante.

Duzentos passos além, de novo lhe grita a velha:

— Enganei-me, mestre Casca! O nome não é esse, é... — e recitou-lhe nova ladainha.

Sempre calmo, o kágado não perdeu uma letra e, deitado na violinha, entoou o palavrório. E lá se foi, pachorrentamente, sem pressa nenhuma d'esta vida, gemendo no pinho a palavra de segredo.

Decorou-a, está visto. Os homens sabem como o rythmo ajuda a memoria. Parece até que chamam a isto mne...mnemonica — palavra difficil de decorar... E com ella na ponta da lingua, sabidinha, chegou á arvore e quebrou o encanto da fruta.

Aconteceu, porém, que a arvore, alta, não lhe permittia alcançar os pomos desencantados.

Uma coisa é ter direitos e outra é ter meios de os fazer valer. Os pobres diabos deste mundo sabem disto muito bem.

Estava mestre Cascudo cochilando sobre o caso, quando vê approximar-se a onça.

Kágado e onça sempre viveram ás textilhas, e a verdade manda dizer que, se o felino é matreiro, o testudo é finorio, e acaba sempre por embaçal-o.

A onça percebeu a entaladela do jaboti e disse:

— Façamos um conchavo, mestre Cascudo. Eu colho para ti as frutas e tu as repartes commigo.

O jaboti, que não crê na lealdade da onça e a sabe traiçoeira por temperamento, matutou: si a gatona me logra, sempre ficam cá embaixo as frutas; mais me vale uma nas mãos da onça do que cem naquellas alturas...

— Aceito! respondeu.

A onça, mais que depressa, marinhou arvore acima, colheu as frutas e trouxe-as num sacco, ás costas. Mal se pilhou em terra, porém, disse, arreganhando uma risada cynica:

— Até logo, meu caro tolo! E d'outra vez arregale mais esses olhinhos de peixe...

E foi-se, a rir, com as frutas do bigodeado.

Entre os bichos não ha moral, ha logica. E era tão logico aquillo...

O kágado reflexionou uns momentos e partiu no machucado (1) da onça.

Encontrou-a logo adiante, atrapalhada por um rio: como vadeal-o de sacco ás costas?

— Amiga Pintada, disse-lhe o jaboti, tu me prestaste um serviço trazendo as frutas até cá; em paga vou ajudar-te a passal-as além do rio. Para mim, bicho d'agua, isso é coisa de somenos.

A onça, certa de que o jaboti tinha marosca na intenção ponderou meio minuto, mas acabou accietando-lhe a proposta. Vou-lhe na esteira, pensou lá com suas malhas, e desafio-o a que me embace. Si tenta fugir, *nhoc!* devoro-o, a elle e mais ás frutas.

O jaboti lançou o sacco ao lombo e fez-se á agua emquanto a onça, boa nadadeira, o acompanhava, rente.

No meio do rio, porém, o jaboti, virando um olho velhaco para o céu, disse:

— Quantos urubús lá em cima! Vão ver que a anta velha morreu...

A onça, curiosa, levantou a cabeça para o azul, distrahiu-se a procurar os corvos emquanto o jaboti, sorrateiramente, afundava n'agua, num bom mergulho.

Quando o felino logrado percebeu o passamoleque, pererecou de odio e alcançou a margem opposta a ringir os dentes, num dos maiores accessos de colera da sua vida.

(1) Trilha que se abre no matto rasteiro á passagem de um animal de vulto.

— Deixa estar, ladrão, que da primeira feita te faço em postas!...

A colera não é boa conselheira. Dizendo isto aos urros, em vez de o pensar lá comsigo, a onça poz de sobreaviso o kágado, o qual, tudo ouvindo, philosophou:

— De surpresa vá que pegues, mas assim avisado...

E muito a seu commodo, acorado num solapão de pedra, entrou a manducar uma por uma as preciosas frutas desencantadas.

2.º EPISODIO

Passaram-se mezes.

O precavido kágado só se mettia em tócas onde não coubesse o inimigo, e, para distráhir-se, repinicava a sua violinha.

A onça um dia, passando perto, ouviu o choro do pinho, e deu um pulo d'alegria.

— E' agora!

Approximou-se de manso e disse, muito amavel:

— Estás um violeiro de fama, mestre Casca! Nem o sabiá, nem o pintasilgo sabem arias tão bonitas como a que estavas tocando.

O kágado respondeu:

— Isso não é nada. Bonita é uma que compuz hontem!

— Tóca lá, disse a onça.

O jaboti ageitou-se na viola e cantou:

Jaboti logrou a onça
Lá na beira do rio grande
Oi, oi...

Si não gosta da cantiga
Outra peça, vamos, ande!
Oi, oi...

A pintada empallideceu de gana, mas conteve-se.

— Parece bonitinha, mas como tocas lá no fundo, não ouço bem. Vem repetil-a á porta do solapão...

— Vou, sim, respondeu o kágado, mas has de ficar lá naquella arvore. Musica de viola perde o effeito quando ouvida muito de perto...

A onça obedeceu, resmungando, e o jaboti, sentado á porta, vibrou de novo o pinho:

Si a onça é gatão esperto,
Oi...

E' o kágado bicho fino;
Oi...

Só deixa ouvil-o de perto,
Oi...

Quem não é bicho malino.
Oi...

A onça, furiosa, arremessou-se d'um bóte sobre o cantor, bóte tão rapido que o jaboti não teve tempo

de recolher á toca o corpo inteiro e foi agatanhado numa perna.

— Apanhei-te casca suja! berra o felino.

O jaboti, disfarçando a dôr, desferiu uma gargalhada gostosa.

— Tolinha! Ferrou uma raiz de páo e está certa que me apanhou a perna! Ah! ah! ah!

A onça, desapontada, recolheu as unhas.

Mal o fez, o kágado despejou nova gargalhada:

— Tres vezes tola! Não era raiz de páo, era minha perna que tinhas agarrado!

Vendo-se de novo empulhada, a onça rebolou aos urros na macéga, espumejando de colera, enquanto o violeiro improvisava dentro da tóca:

Rebola ahi minha gata,

Oi...

Pois perdeste minha pata;

Oi...

Inda hei-de seguir-te o rastro,

Oi...

E dar-te cabo ao canastro.

Oi...

3.º EPISODIO

O kágado, depois d'isso, resolveu sahir da tóca em procura da onça.

Encontrou logo adiante o lugar onde ella dormia, numa caverna com o chão recoberto de ossos de veado, capivaras e catetos. Estudou bem o local e metteu-se numa tóca onde poderia conservar-se invisivel.

Logo depois appareceu a onça e deitou-se para dormir.

Quando estava dorme — não — dorme, o kágado, localizado em baixo do seu trazeiro, gemeu: *oi!*

A onça espertou e poz-se em guarda.

D'alli ha pouco outra vez: *oi!*

A bicha, assustada, ergue-se de pé, farejou pela caverna e, não vendo causa para aquelle rumor, desconfiou das suas proprias tripas. Seriamente incommodada, sahiu em procura de mestre Macaco, que é medico.

— Doutor, tenho mandinga no corpo. Sempre que me deito, uma voz cá dentro faz: *oi! oi!* Quero que me limpe o corpo.

O macaco poz os oculos, apalpou-a, tomou-lhe o pulso e disse, sentenciosamente:

— Estás, minha velha, com uma lesão diaphragmatica nas regiões heteroclitas.

A onça não entendia nada de medicina, mas, como tinha fé na sciencia do macaco, entregou-se-lhe de alma e corpo, encantada de ter uma doença de nome tão bonito.

— E' preciso, disse o doutor, expluir os gazes phoneticos por meio de traumatismos perobaticos.

E, pegando num valente porrete derrubou lenha na anca da onça como quem malha feijão.

Tanto bateu que a cliente, descadeirada, envidrou os olhos, foi molleando o corpo e cahiu de banda, agonizante.

Mestre Macaco, apprehensivo, tomou-lhe o pulso e disse:

— Está fraquinho. O recurso agora é uma sangria.

E sangrou-a tão bem que a onça meia hora depois esticava os mocotós.

O doutor, de mão no queixo, reflectiu:

— Bello caso clinico! O estado d'ella era gravissimo, não me permittiu prolongar o tratamento. Bem sei que nesta emergencia a sangria venosa é um paliativo. Devia ter recorrido logo aos grandes meios, á sangria arterial, na carotida, por exemplo. D'outra vez serei mais avisado.

E foi preparar a conta para mandar á familia...

Terminou assim a lucta entre o jaboti e a onça com cheque mate do cascudo em tres lances.

I N D I C E

	PAG.
O engraçado arrependido.	7
A colcha de retalhos	23
A vingança da peroba.	35
Bucolica	57
O comprador de fazendas	68
O estafeta	88
As fitas da vida	98
O drama da geada	106
O jardineiro Timotheo	117
O rapto	130
O "resto da onça"	144
Tragedia de um capão de pintos	153
Pedro Pichorra	168
O 22 da "Marajó"	176
A onda verde	184
A lua cornea	191
O despique	199
Veteranos	209
A nuvem de gafanhotos	216
Triptico indigena	237

LIVROS ESCOLARES EDITADOS PELA COMPANHIA GRAPHICO - EDITORA MONTEIRO LOBATO

EDUARDO CARLOS PEREIRA

GRAMMATICA EXPOSITIVA — Curso Elementar, 23. ^a edição, melho- rada e ampliada	3\$500
GRAMMATICA EXPOSITIVA — Curso Superior, 14. ^a edição	3\$000
GRAMMATICA HISTORICA, 4. ^a edição	10\$000

MONTEIRO LOBATO

NARIZINHO ARREBITADO — Leitura para o 2. ^o anno	2\$500
FABULAS — Leitura para o 2. ^o anno elementar e 1. ^o medio.	2\$500

THALES C. DE ANDRADE

SAUDADE — Leitura para o 2. ^o anno prelliminar e 1. ^o medio, 4. ^a edição	3\$000
---	--------

OTHONIEL MOTTA

LIÇÕES DE PORTUGUEZ — Para o 1. ^o e 2. ^o annos dos Gymnasios, para o ensino da lingua, 4. ^a edição	8\$000
--	--------

A. DE SAMPAIO DORIA

O QUE O CIDADÃO DEVE SABER — explicação da Constituição Fe- deral e organização politica do Brasil	3\$000
COMO SE APRENDE A LINGUA — Para o curso elementar.	3\$000
Para o curso complementar	5\$000
COMO SE APRENDE A LINGUA — Para o curso medio	3\$500
COMO SE ENSINA — Livro de Methodologia, para os Cursos Normaes	3\$000

LEONARDO PINTO

CONJUNCCOES, notas elucidativas e exercicios praticos	2\$500
LOCUCOES ADVERBIAES FRANCEZAS — 2. ^a edição	4\$000
CONJUGAÇÃO DOS VERBOS REGULARES, IRREGULARES E DEFE- CTIVOS DA LINGUA ITALIANA — 2. ^a edição	5\$000
COLLOCAÇÃO DOS PRONOMES COMPLEMENTOS	5\$000

DR. A. ALMEIDA JUNIOR

CARTILHA DE HYGIENE — Ensino por meio de illustrações explica- das em linguagem infantil. Carton.	2\$000
--	--------

EDGARD VIEIRA

FACTORAÇÃO ALGEBRICA, obra que explana largamente tão diffi- cil capitulo da mathematica	4\$000
---	--------

Caixa, 2-B — PRAÇA DA SÉ, 34 — S. PAULO